

ROSÁRIO AFONSO RIBEIRO AVELINO

O VÍNCULO E A APRENDIZAGEM EM
ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
1996

ROSÁRIO AFONSO RIBEIRO AVELINO

***O VÍNCULO E A APRENDIZAGEM EM
ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS***

***UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
1996***

ROSÁRIO AFONSO RIBEIRO AVELINO

MON

371.3

A948.1

TESIMEM

DIRBI - UFU MON 00372/97



1000176110

***O VÍNCULO E A APRENDIZAGEM EM ADOLESCENTES
INSTITUCIONALIZADOS***

*Dissertação apresentada como
exigência parcial para obtenção
do grau de mestre em Educação
Brasileira, sob orientação do
professor Dr. Fernando Antonio
Leite de Oliveira.*

***Universidade Federal de Uberlândia
1996***

*Ao Lu, Bárbara
e
à minha mãe*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Fernando Antonio Leite de Oliveira pela paciência, respeito e acompanhamento em momentos, muitas vezes, difíceis.

Aos professores Paulo Guiraldeli Jr., Tiago Adão Lara, Wenceslau Gonçalves Neto e Fernando Antonio Leite de Oliveira, pelos novos caminhos descobertos.

Aos meninos que foram sujeitos desta pesquisa pela coragem de se colocarem a reviver, durante as entrevistas, histórias tristes e por me possibilitarem contar aqui uma “história”.

À INSTITUIÇÃO por se dispor a me receber e contribuir com este trabalho.

Ao Lu, com quem há muito vivo uma história par, pelo companheirismo.

À Bárbara com quem sempre aprendo.

À minha mãe e irmãos por juntos termos construído histórias bonitas pra se contar.

À Gisa, companheira incondicional, por todas as contribuições afetivas.

À Maria Lúcia Castilho Romera pelas reflexões e contribuições teóricas.

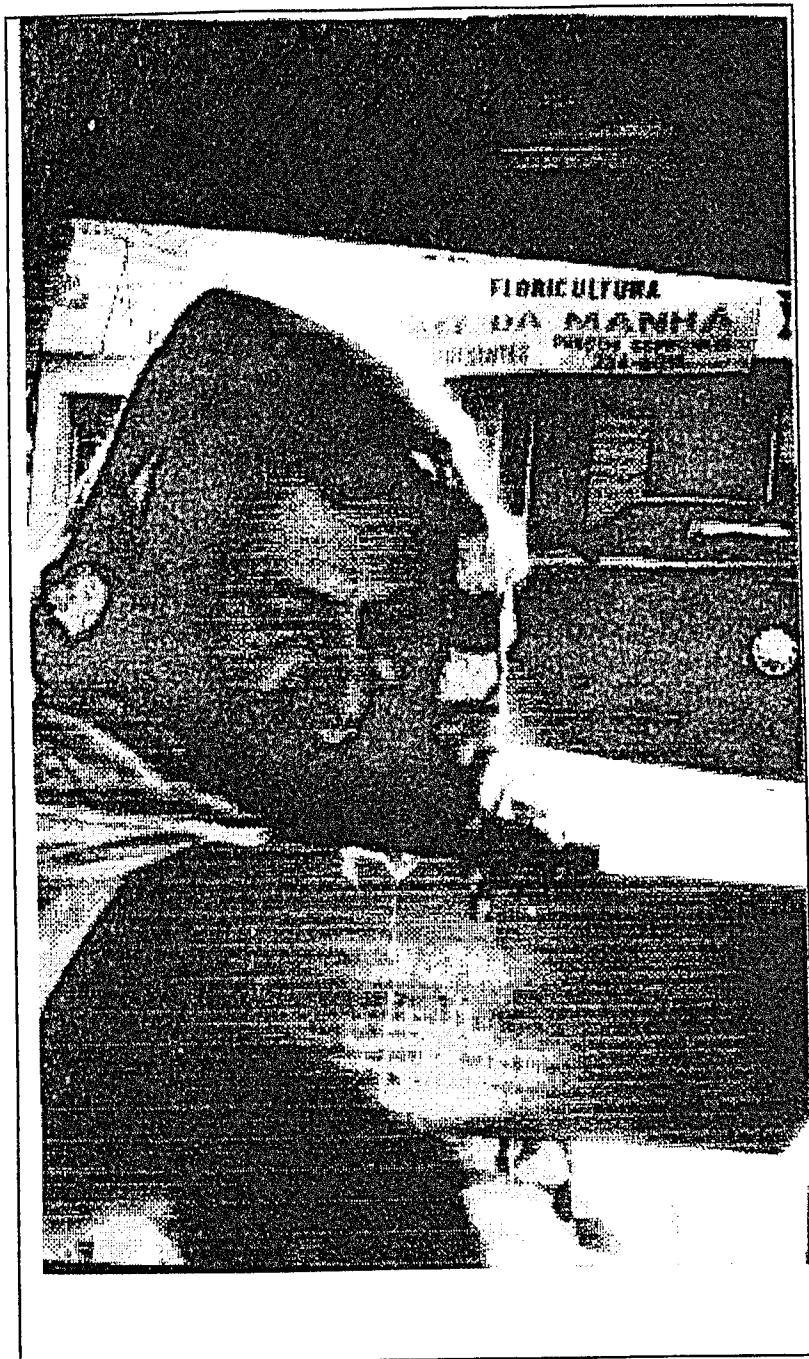
À Con pelo árduo trabalho de transcrição.

Ao Paulo Mota pelas fotos e todos os outros presentes.

À Márcia Beatriz por me fazer compreensível numa outra língua.

A todos os meus pacientes e ex-pacientes por me fazerem, a todo o tempo, pensar a condição humana e confiar em possibilidades.

A todas as pessoas que, de diferentes formas, me acompanharam neste trabalho.



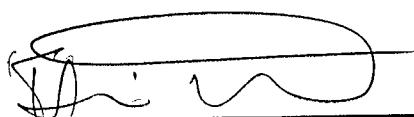
**“MAS HOJE HÁ TANTO FRIO,
TANTA UMIDADE,
QUE INVENTO UM COBERTOR ,
DE SOL POENTE,
E UM PIJAMA DE SONHO
EM CAMA QUENTE ..
É BOM BRINCAR DE GENTE..”**

(CANÇÃO DO MENINO - MARIA DINORAH)

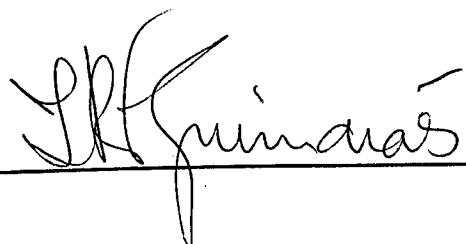
*A novidade
Que tem no Brejo da Cruz
É a criançada
Se alimentar de luz
Alucinados
Meninos ficando azuis
E desencarnando
Lá no Brejo da Cruz
Eletrizados
Cruzam os céus do Brasil
Na rodoviária
Assumem formas mil
Uns vendem fumo
Tem uns que viram Jesus
Muito sanfoneiro
Cego tocando Blues
Uns têm saudade
E dançam maracatus
Uns atiram pedras
Outros passeiam nus
Mas há milhões desses seres
Que se disfarçam tão bem
Que ninguém pergunta
De onde essa gente vem
São jardineiros
Guardas-noturnos, casais
São passageiros
Bombeiros e babás
Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz*

Brejo da Cruz
(Chico Buarque de Holanda)

Comissão Julgadora







RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o vínculo e a aprendizagem em adolescentes institucionalizados. Pesquisamos aspectos relacionados à aprendizagem, à aprendizagem do vínculo, às experiências vivenciadas em família e à atual relação com a Instituição.

Enfim, foram investigados aspectos relevantes no que diz respeito ao vínculo e a aprendizagem e as condições necessárias para o desenvolvimento de tais processos dentro da Instituição que tem como fim atender e abrigar adolescentes em situação de risco pessoal e social. Para isso, realizamos quatro entrevistas, número este que representava quarenta por cento da população de internos da Instituição.

O modelo de entrevista utilizado foi o semi-estruturado e seu roteiro destinou-se a investigar aspectos referentes à família, instituição, vínculo, aprendizagem formal e informal, leis e futuro.

A partir do conteúdo das entrevistas analisamos os aspectos importantes de acordo com o objetivo proposto neste trabalho e constatamos que menor e INSTITUIÇÃO ainda se encontram à distância, ficando assim dificultado o vínculo e, consequentemente, a aprendizagem. Observamos uma grande dificuldade tanto do menor quanto da INSTITUIÇÃO de se colocarem próximos.

Um outro aspecto que nos pareceu fundamental no que se refere à aprendizagem dos menores é a resistência destes adolescentes para receberem da INSTITUIÇÃO. Esperam todo o tempo o dia em que poderão ter uma família e esta espera os colocam à esperar de tudo mais.

Todas estas constatações sugerem a necessidade das instituições destinadas a objetivo semelhante à analisada, se colocarem a ouvir, talvez, o não dito, o que esses menores podem e querem receber e quais as melhores formas para se efetivar qualquer proposta de trabalho com tal população.

SUMMARY

This work is the study of the bond and learning process of institutionalized teenagers. The research was focused on the aspects of learning, and learning with bond, as a family life experience as well as the real relationship with a institution.

Finally, it was investigated main aspects regarding the bold, learning and the necessary conditions to develop such processes within the institution. The aim is to attend and give shelther to teenagers in jeopardizing personal and social situations. Thus, four enterviews, wich represent 40% of the total number of inward.

The model of interview used was semi structured and purpose was to investigate aspects regarding family, institution, bond, formal and informal learning, legislation and future.

After the interview context we analysed importants aspects according to the proposed objectives in the work and we concluded that the under aged children and institution are very far apart therefore making the bond and consequently the learning process. We observed great difficulty from the chindren as well as the institution in order to get closer.

Another aspect of great importancy regarding the learning process of under aged children is the resistence from the children to accept the institution. They are always waiting the day they will have a family and this hold them back in everything else.

Concluding, all those observations suggest that institutions similar to the objectives analysed are willing to listen, what was not said, that these children can, want to receive and what are the best options to accomplish any aim of the work within this population.

ÍNDICE

Introdução: O Vínculo e Aprendizagem em Adolescentes Institucionalizados.....	01
1. O Vínculo: Entre o que ensina e o que aprende.....	18
2. A Instituição, os sujeitos e os instrumentos da pesquisa.....	37
2.1. Características da Instituição.....	39
2.2. Caracterização dos sujeitos desta investigação.....	40
2.3. A Entrevista como Instrumento de Pesquisa.....	48
2.4. Procedimentos para a análise e interpretação.....	54
3. A Família e o Vínculo	58
3.1. A Família.....	59
3.1.1. As falas sobre a família.....	59
3.1.2. Uma família idealizada e distante.....	62
3.2. Pai e Mãe: Figuras internamente separadas.....	63
3.2.1. As falas sobre pai e mãe.....	63
3.2.2. Mãe e Pai: Mão e Contramão na Família.....	69
3.3. Irmãos: um jogo que não faz de conta.....	71
3.3.1. As falas sobre os irmãos.....	71
3.3.2. Irmãos: a referência que não falta.....	76
3.4. A Brigadeira de Brincadeira.....	77
3.4.1. Falas sobre o Vínculo.....	77

3.4.2. O Outro: Uma Possibilidade de Vínculo.....	85
4. Instituição e Leis.....	88
4.1. Instituição: O Lugar da Espera.....	89
4.2. Menor/Instituição: Um “affair” possível.....	97
4.3. Leis: A Transgressão.....	100
4.4. O Não dito na Lei	107
5. Aprendizagem e Futuro	110
5.1. Aprendizagem.....	111
5.2. Aprendizagem: Uma Possibilidade.....	117
5.3. Futuro: um sonho ou a lembrança.....	119
6. Conclusão.....	124
7. Referências Bibliográficas.....	133
8. ANEXO.....	138

INTRODUÇÃO: O VÍNCULO E A APRENDIZAGEM EM ADOLESCENTES INTITUCIONALIZADOS



“Irrita-me a felicidade de todos estes homens que não sabem que são infelizes.

A sua vida humana é cheia de tudo quanto constituiria uma série de angústias para a sensibilidade verdadeira.”

(Fernando Pessoa)

O interesse pelo tema **vínculo e aprendizagem** em menores institucionalizados poderia estar ligado, diretamente, à dificuldade pela qual atravessa o país para lidar, conviver, se relacionar com uma parcela grande da população e suas condições de vida: a miséria.

Miseravelmente se lida com a miséria.

Uma outra razão seria verificarmos de perto a tão delicada relação menor e instituição e seu papel no todo social. Que papel a instituição estaria apta a desempenhar? O que, realmente, poderia ser oferecido? O que seria necessário haver nesta relação para que haja uma eficácia na execução de propostas para a existência destas instituições? São questões, obviamente, importantes para a compreensão do quadro complexo que observamos no Brasil, no que diz respeito à eficiência das instituições de menores e/ou para menores. A este respeito, Guirado (1986) afirma:

“Dentre as práticas de cuidado com a infância a internação em instituições, tem sido, historicamente, uma saída controvertida. De um lado, há quase um consenso sobre sua inevitabilidade, quando se trata do atendimento àquelas faixas da população que não dispõem de recursos necessários para a criação dos filhos no âmbito da família. De outro, há também consenso sobre os prejuízos que daí advêm para a criança, sobretudo em termos da afetividade. A carência afetiva é sempre apontada, quer pelas pesquisas de estatuto científico, quer pelos que fazem o cotidiano das instituições, como uma decorrência imediata” (p. 19).

Diante da afirmação de Guirado somos levados a entender o surgimento das instituições como algo inevitável, porém diante do quadro que nos apresenta no

país em relação às mesmas, podemos afirmar que continuam ineficientes no que diz respeito a solucionar questões referentes a crianças e adolescentes que estão nas ruas “esvaziados” de família e, por conseguinte, de muitos valores que são experimentados, cultivados e vivenciados no grupo familiar.

É indiscutível que a família é o elo de ligação entre o indivíduo e o social. Uma de suas funções é fazer uma ponte entre o ser individual e o ser social, ocupando assim o lugar de primeiro grupo social ao qual pertencemos.

A família é o referencial primeiro do ser humano que nasce completamente dependente tanto físico como psiquicamente e nesta será acolhido, protegido, cuidado. O cuidado da família é, portanto, bastante diferenciado e serão as experiências vivenciadas neste grupo, o que mais tarde, definirão, de diversas formas, as relações posteriores do indivíduo com ele mesmo e com o mundo.

Spitz (1979) afirma sobre este aspecto:

“A maior parte do primeiro ano de vida é dedicada ao esforço de sobrevivência e à formação e elaboração de instrumentos de adaptação necessária a esse objetivo. A cada momento Freud lembra-nos que a criança, durante este período de vida, é indefesa e incapaz de sobreviver por meio de seus próprios recursos. O que falta a uma criança é compensado e fornecido pela mãe. Esta propicia a satisfação de todas as suas necessidades. O resultado é uma relação complementar, uma diáde.”(p. 23)

Em nosso caso específico, neste trabalho, estamos tratando de indivíduos que, supostamente, não viveram de forma tão “ideal” esta primeira relação, mas a viveram. Quanto a isto estamos frente ao fato de que bem ou mal estes indivíduos

vivenciaram uma primeira relação social, a familiar e, no momento da execução deste trabalho, por diferentes razões, tinham como “lar” uma instituição.

Bowlby (1988) afirma: “(...) **Pode existir algo pior do que um lar insatisfatório: a inexistência de um lar**”(p. 75). Estamos, portanto, diante de uma situação por demais complexa. Sabemos que no Brasil, atualmente, surgem todos os dias instituições de e/ou para menores. Lugares, onde supostamente estarão “seguros”, terão um papel, um nome, aprenderão, enfim, um lugar onde estarão, de alguma forma, sendo capacitados para assumirem o lugar de sujeitos. Porém, para tal nos parece necessário que estes indivíduos possam receber da instituição o que, no momento, não podem receber da família.

Se a convivência com a família provê inúmeros aspectos indispensáveis às relações humanas, a instituição que abriga também deverá, em algum nível, prover, promover a possibilidade do estabelecimento de relações sociais satisfatórias.

Spitz (1979) comenta sobre o desenvolvimento das relações sociais humanas:

“Na etapa biológica (in útero) as relações do feto são puramente parasíticas. Porém, no decorrer do primeiro ano de vida, a criança passará por um estágio de simbiose com a mãe, a partir do qual a criança estará preparada para o próximo estágio, em que são desenvolvidas inter-relações, isto é, hierarquias.”(p.30)

Sobre a função da família Bowlby (1988) tece o seguinte comentário:

“Não há nenhum outro tipo de relacionamento no qual um ser humano se coloque de maneira tão irrestrita e contínua à

disposição de outro. Este fato também é verdadeiro no caso de maus pais, sendo um ponto facilmente esquecido pelos críticos, principalmente, por aqueles que nunca tiveram seus próprios filhos para cuidar.” (p. 74)

De acordo com tais afirmações podemos pensar numa grande dificuldade das instituições que têm como fim abrigar indivíduos que se encontram sem lar, sem família. O lugar que o grupo familiar ocupa no mundo interno do ser humano é muito específico, peculiar e singular, ficando assim a instituição à deriva quanto ao que fazer e como fazer.

No Brasil, atualmente, grande parte da população vive em condições de miséria. Uma boa parte dos brasileiros “sobrevive” ao caos social presente no país. Segundo dados do IBGE existem no Brasil, hoje, 60 milhões de pessoas com menos de 17 anos. É, sem dúvida, um país de jovens. Porém, o que esperar de jovens que se encontram privados das condições mínimas de sobrevivência? “O jovem será o amanhã: o jovem é o futuro.” Que futuro reserva a miséria? Que tipo de homens sobreviverão e como sobreviverão?

Centenas de instituições recebem números altíssimos de crianças e adolescentes, o que podemos considerar que recebem todos os dias “depósitos” de abandono, rejeição, raiva, perdas em diferentes níveis e de diferentes formas. Porém, estes indivíduos não são só isso. A situação precária de crianças e adolescentes que vivem nas ruas exige que medidas paliativas sejam instauradas e, para que isso seja viabilizado, parece imprescindível que alguns aspectos sejam melhor compreendidos.

O que estes indivíduos já vivenciaram, um dia, em família, o que esperam da instituição e como se colocam frente a esta ou para esta é um ponto crucial nesta complexa relação que surge para substituir; o vínculo e a aprendizagem dentro das instituições e tudo o que o aprender possa vir a promover são aspectos relevantes neste presente trabalho.

Diante dos aspectos levantados até aqui, este trabalho **tem como objetivo principal estudar a importância do vínculo no processo de aprendizagem em adolescentes institucionalizados, visando levantar posturas que possibilitem tal processo, tendo em vista que, para ocorrer qualquer aprendizagem, alguns aspectos são exigidos.**

Sabemos que diante de qualquer perda o homem se coloca “des-confiado” para receber. Uma perda parece nos contar não somente daquilo que perdemos, naquele momento especificamente, mas de tudo o que podemos ainda perder. Ao perder o grupo familiar, não importa por quais razões, o ser humano perde, em algum nível o referencial; aprende que o amor faz sofrer e, consequentemente, tenta se proteger deste.

Freud (1914) ao falar sobre o trabalho que o luto realiza afirma:

“A realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível - é fato que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal nem mesmo, na realidade, quando um substituto já lhe acena” (p. 276).

Vínculo e aprendizagem parecem pares indissociáveis para a efetivação de um processo primordial ao homem: transformar-se e transformar. No nosso caso específico, estamos frente a adolescentes que perderam o grupo familiar e tudo o que este oferece. A instituição já lhes acena uma nova forma de vida, de elo entre eles e o social e se coloca à “disposição” para substituir a perda. Em relação aos diferentes tipos de substituição, Bowlby (1988) comenta:

“Por melhor que seja a mãe substituta ou a ‘mãe da casa’, a criança a tomará como uma substituta mais ou menos deficiente de sua própria mãe, e que deverá ser abandonada o quanto antes.”(p. 130)

Instituição/Menor será uma relação possível diante das dificuldades que esta perda suscita? O vínculo necessário à aprendizagem será possível dentro de uma instituição que se apresenta para substituir o que não se quer que seja substituído?

Enfim, pensamos haver inúmeras questões a este respeito tendo em vista o fato de que o papel da instituição não é somente abrigar mas cumprir um compromisso com o social o qual, muitas vezes, sobrepuja ao compromisso com o menor.

Voltando à questão do vínculo e aprendizagem avaliamos ser de importância esclarecer qual seria a relação existente entre estes dois aspectos. Revière (1980) define o vínculo como sendo **“A maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com o outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento.”(p. 24)**

O vínculo é, portanto, sempre social, determinado por uma singularidade e o mesmo poderíamos afirmar sobre a aprendizagem. Quem aprende, aprende com alguém (social); cada um aprende e apreende de forma particular, singular.

Neste trabalho abordaremos mais precisamente as questões aprendizagem e vínculo sob a ótica psicanalítica, o que não nos impede de lançarmos mão de contribuições importantes de outros autores.

É sabido que, para ocorrer qualquer aprendizagem é necessário que alguns requisitos básicos sejam satisfeitos. Entende-se aqui por aprendizagem qualquer transformação capaz de fazer com que o indivíduo possa se sentir apto a resolver ou caminhar para a resolução de um conflito, tendo em vista a relação existente entre aprendizagem e a existência de problemas. Neste particular, Campos (1987) afirma:

“Toda aprendizagem resulta da procura do restabelecimento de um equilíbrio vital, rompido pela nova situação estimuladora, para a qual o sujeito não disponha de resposta adequada. (...) A eficiência da aprendizagem está condicionada à existência de problemas” (p. 33).

Levando em consideração tal afirmação, pode-se considerar como básico em qualquer processo de aprendizagem a existência do conflito e o desejo de resolvê-lo. Através do processo de aprendizagem, necessariamente, o indivíduo terá que se reconhecer enquanto sujeito. Sujeito que deseja, apreende e retém.

Considerando desta forma a aprendizagem, lhe atribuímos o papel de fornecedora não apenas do conhecimento das coisas, do mundo exterior, mas como fator importante no (re)conhecimento da identidade, do si mesmo.

De filhos das ruas, menores que se sentem abandonados à sorte terão possibilidades de se reconhecerem também enquanto sujeitos de sua própria sorte, se sentirão inseridos, de alguma forma, num contexto diferente do conhecido.

À medida que o indivíduo aprende ele se apropria de algo, não se encontra mais esvaziado, e a falta poderá adquirir uma nova cara, tendo em vista o fato de que qualquer processo ensino-aprendizagem, necessariamente, deverá estar movido pela busca do novo. É portanto, sempre um vir-a-ser, está sempre por se fazer, ou seja, há algo a ser feito, descartando assim qualquer fatalidade, qualquer irreversibilidade.

No tocante à aprendizagem enquanto processo podemos considerá-la um instrumento disponível ao homem para a resolução de problemas. Aprender significa resolver problemas. Resolver, decifrar, desvendar o mundo fora e o mundo dentro.

Há, portanto, na aprendizagem o fato de que ao aprender algo, obtemos a dimensão do apropriar-se, a própria idéia de EU e de EU no mundo. Este movimento de re-conhecimento gera, portanto, uma nova concepção do si mesmo e para aquele que aprende, exigindo assim, novas formas de lidar consigo mesmo e com o mundo. Poderíamos dizer que o aprender oferece diferentes maneiras de ver, várias formas de estar. À medida que recebemos novas informações, nós nos metamorfoseamos. Almeida (1993) afirma em relação a isso:

“A relação que caracteriza o ensinar e o aprender é sempre vincular e ocorre, inicialmente, no seio da família para, progressivamente, estender-se ao meio social” (p. 33).

Levando em consideração a afirmação de Almeida podemos dizer que, necessariamente, a aprendizagem tem uma ligação estreita com o vínculo. É necessário que se estabeleça um vínculo afim de propiciar a socialização do conhecimento.

De acordo com Rivière (1980), o vínculo em si comporta o eu e o outro, toda a multidão que estes carregam e todas as significações que os compõem. O aprender exige sempre o outro, a relação; para aprender nos fazemos “sócios” e somos assim inseridos numa cultura, nos tornamos sujeitos.

Algumas questões são de extrema importância para a execução dos objetivos propostos neste trabalho, tais como:

— O que levaria uma criança abandonada a desejar aprender?

— O que aprender?

— Quais as condições propícias para haver esta aprendizagem?

Kupfer (1989) defende que para analisarmos este tema psicanaliticamente teríamos que buscar respostas para a seguinte questão: O que se busca quando se quer aprender? Poderíamos questionar, então, o que estaria por trás do desejo de aprender? O que moverá uma criança que se encontra em condição de abandono a querer aprender algo?

Goulart (1993), ao comentar sobre o processo de aprender, diz que este é um processo emocional por ser impulsionado pela motivação e que aprendemos o que nos faz sentir melhores, mais dignos do amor dos outros e do amor de nós mesmos.

Motivar, colocar em movimento, pôr em ação, suscitar o desequilíbrio, almejar algum equilíbrio. Ao aprender o indivíduo se eleva, alcança um patamar acima e, enquanto ser que se encontra “acima” é alguém que ganha também uma nova forma de ver o mundo e um mundo novo para se ver.

A mesma autora (1993) em seu trabalho “Aprendizagem como forma de vida”, afirma: “Aprender é dominar a verdade. Aprender é garantir a vida, é uma forma de vida” (p.3). Partindo deste pressuposto, pode-se dizer que cabe à instituição preencher a falta que é uma verdade com vida que é a busca de verdade. Porém, não nos parece simples efetuar esta inversão. Aprender pressupõe relação. Aprender é adquirir de alguém alguma coisa. É necessário o reconhecimento da posse do outro e o desejo de possuir também. Diante disto, nos parece claro a necessidade de que, qualquer conteúdo oferecido pela instituição tenha o papel de tornar-se também demonstrativo de vida.

Um segundo objetivo seria entender e/ou compreender de que forma a instituição “substitui” a família viabilizando condições sadias de desenvolvimento destas crianças. Sobre este aspecto, Guirado (1986) diz que:

“Por mais satisfatórias que sejam estas últimas (instituições) estarão sempre, de alguma forma, nos limites de uma relação significativa como cuidado substituto ao da primeira (família) e de uma relação estruturada enquanto relação de trabalho. Esta significação e esta estruturação diferem também das da família. Supõe-se, portanto, que diferem também das posições que a criança ocupa numa ou noutra prática” (p. 202).

Em decorrência disto, pode-se afirmar que a instituição não substitui a família, ela oferece um outro tipo de cuidado; não preenche o “lugar” e as “representações” que o grupo familiar ocupa e suscita. Diante da afirmação, nos parece necessário também desvendar que tipo de investimento crianças abandonadas teriam em relação às suas famílias ou pessoas com as quais

conviveram. É necessário uma maior clareza no que diz respeito à libido e aos objetos e mais, à posição que adolescentes que, supostamente, viveram em ambientes afetivamente “pobres”, ocupam.

Todas estas discussões parecem nos sugerir que a aprendizagem é alvo difícil na relação menor/instituição, pois seria um processo totalmente dependente das representações que menor e instituição teriam de si e entre si. Faz-se necessário que o menor, para se constituir enquanto sujeito, se veja ou encontre nesta instituição “coisas” que o leve a experimentar um “isto sou eu”. Qual seria o EU possível de ser visto dentro das diferentes instituições? O que estas instituições poderiam oferecer ao menor enquanto sua participação na determinação do SUJEITO?

Parece de extrema necessidade, portanto, (re)ver as possibilidades de cuidado. Se crianças e adolescentes estão nas ruas e se temos, hoje, as instituições como uma das saídas paliativas, parece-nos óbvio que estas estejam preparadas para recebê-los.

Para tanto, acredita-se que alguma aprendizagem deva ocorrer nestas instituições, tendo em vista a “falta” presente nestes menores. Parece-nos contraditório falta e presença. Porém, observa-se que, no menor que se encontra nas ruas, a presença é sentida na falta, naquilo que não se tem, nas diferentes privações. Parafraseando Descartes em seu cogito “Penso, logo existo”, nas ruas o menor tem a certeza de estar vivo porque sente fome, frio... O que há de concreto é justamente a falta e, por conseguinte, muito provavelmente, a negação do vínculo. Sobre este aspecto Rivière (1980) comenta:

“A análise da negação do vínculo leva-nos ao estudo da despersonalização. Podemos afirmar a despersonalização como uma tentativa de perda do ser, do si-mesmo ou do eu, uma tentativa de não ser aquele que quer se vincular, de ser outro. Ou de não ser ninguém para não ter compromisso no vínculo.”(p. 31)

Se o cuidado da instituição se diferencia do da família e se sua função é também a de cuidar, nos parece claro que tal cuidado passe por possibilitar que estes indivíduos se reconheçam enquanto sujeitos que são, sujeitos que perdem, porém, que também podem ganhar. Parece papel fundamental da instituição o de proporcionar uma identidade diferenciada, promovendo a estes adolescentes novas formas de se verem, de apreenderem o mundo, os vínculos, a instituição... enquanto uma forma de re-educação, de (re)viverem sem que para isso tenham que estar tão fortemente presos apenas ao que perderam.

Sabemos que, para podermos receber após termos perdido faz-se necessário que possamos “chorar” esta perda e assim, de alguma maneira, ir nos preparando para ganhar novamente. Acreditamos ser necessário para estes adolescentes diante da separação da família que a instituição possa acompanhá-los, ajudando-os a vivenciarem o luto, fator fundamental para que possam, um dia, receber e internalizar a instituição como algo bom.

Se as instituições puderem desempenhar estes cuidados, avaliamos que vários passos tenham sido dados a fim de propiciarem a re-integração destes indivíduos não somente no social, mas enquanto sujeitos de si mesmos. Se a aprendizagem está ligada à verdade, nada mais coerente do que a possibilidade de lidar com a verdade.

Sobre este aspecto, Bowlby (1988) comenta:

“É de Freud o mérito de ter descoberto que todos os seres humanos nutrem interiormente muitas emoções terríveis e assustadoras e tendem a desejar coisas exorbitantes, e também que eles possuem uma incrível capacidade para o bem e, acima de tudo, que a natureza humana é capaz de superar os fatos mais perturbadores e as adversidades mais apavorantes, se receber o auxílio adequado para encarar a verdade de frente.”(p.141)

Um terceiro objetivo impõe-se: entender que papéis adolescentes e instituição desempenham nesta relação e de que forma estes interferem para tornar possível a aprendizagem/vínculo; em que momentos se misturam e se distanciam.

Para tal, acreditamos ser indispensável discutirmos no nosso caso específico, adolescentes institucionalizados, os aspectos referentes à constituição do sujeito, a subjetividade e todos os aspectos provenientes destes que se fazem presentes nas relações humanas.

Acreditamos que um ponto comum pertencente a adolescentes institucionalizados seria a perda do referencial, a perda do si mesmo no mundo. Tudo o que eles têm para contar de sua história pessoal se liga a lugares e não a pessoas. As lembranças estão diretamente vinculadas ao espaço. É no espaço que se reconhecem e reconhecem o outro. É, obviamente, importante o espaço, no entanto, substituir o Outro que guardam em si pelo espaço em que um dia estiveram com este outro é no mínimo uma questão curiosa. Tendo em vista que o espaço que possuem, atualmente, é a instituição, poderíamos inferir ser esta, neste momento, o Grande Outro.

É necessário o outro para que se estabeleça a subjetividade, tendo em vista que esta não está constituída no momento do nascimento, mas se contrói ao longo da existência. Bernardes (1992) afirma sobre a subjetividade: “**Estar no mundo e aberto ao mundo é, simultaneamente estar com o outro.**”(p. 26)

Por sua vez, Arendt (1989) entende a subjetividade como: “**Atributo do sujeito humano enquanto expressão genérica de seu mundo, de objetivar-se no mundo.**”(p. 260)

Relacionando a questão do sujeito e o amor que o aprender suscita poderíamos supor a necessidade do conhecer a si e ao outro para que a aprendizagem ocorra, pois não amamos o que não conhecemos. Para se situar enquanto sujeito o menor deve necessariamente se reconhecer sujeito no todo da instituição e para tal ele infere o que espera de si e o que acredita que seja esperado dele pela instituição.

Detenhamo-nos, portanto, neste aspecto. Acreditamos que alguns aspectos desta relação servem como suporte para o estabelecimento das diferentes representações que menor e instituição obtêm um do outro. Para que o sujeito se reconheça enquanto sujeito é necessário que este se veja num contexto mais amplo. É, justamente, a idéia do EU no mundo (no caso na instituição) o que possibilitará com que estes adolescentes desenvolvam alguma idéia de si. Sobre isto, Albuquerque e Singer (1984) em entrevista publicada no jornal Folha de São Paulo, em 31 de março de 1984, comentam:

“**Há uma maneira de uma pessoa se perceber como sujeito, que é fazendo parte de uma unidade mais ampla (...).** A ação desse sujeito, as tendências dele, suas emoções e o seu dia são co-

determinados em parte por ele mesmo e em parte pela participação de uma entidade mais ampla.”

Se a instituição possibilita a constituição do sujeito, nos parece claro que também possibilite uma maior valorização destes adolescentes em relação a si mesmos e ao que lhes é oferecido pela instituição. Ao deixar de dar valor a si mesmo o indivíduo também se coloca numa posição de não reconhecimento, não reconhecendo o que lhe é próprio e também o que, eventualmente, lhe está sendo oferecido. Recusa a Função Paterna. Sobre a Função Paterna, Melman (1992) explica:

“ (...) Como todos sabem, o Édipo¹ nos coloca, em relação ao pai, em uma posição de ambivalência privilegiada exemplar, quer dizer, mista de amor e ódio. Ela vai marcar nossa relação com o poder, com as figuras de poder, e mesmo com as figuras educadoras, com as figuras do mestre.” (p. 57)

A Lei Paterna diz respeito à interdição que funda a civilização como apontada por Freud (1913 [1912-1913]) em “Totem e Tabu” no mito simbólico do pai da horda primitiva. O pai assassinado pelos filhos é constituído na pedra que sustenta a lei do interdito edípico. Desde então, o acesso à mãe é negado ao filho². Se a Lei não é estabelecida de forma segura, o mundo pode parecer muito

¹ - Segundo Laplanche e Pontalis (1967) o Édipo é “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais. O Complexo de Édipo desempenha um papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano.”(p.116)

² - A questão da função paterna é amplamente discutida por Joël Dor (1991) em O Pai e sua função em Psicanálise.

perigoso, aleatório. O *Tudo Pode*, ao contrário do que parece, é altamente ameaçador para o sujeito e em muito interfere e/ou dificulta a relação com o outro.

Portanto, nos parece fundamental que a instituição garanta a Lei sob a forma de limites que permitam a inserção no mundo como sujeitos, para que assim seja possível que a subjetividade de cada sujeito possa se articular no laço social, nas diferentes relações dentro da instituição, gerando assim uma autonomia e uma maior valorização do ser.

A possibilidade de estabelecimento do EU muito provavelmente estabelece o OUTRO e, consequentemente, a Lei tão fundamental nas relações humanas. Nas primeiras relações sociais, as experimentadas em família, o indivíduo vivenciará experiências as quais vão gerar a diferenciação do sujeito com o resto do mundo e com o outro (cf. Spitz, 1988). Outro que cabe reconhecer possibilitando o vínculo e, consequentemente, a aprendizagem.

1 - O VÍNCULO: ENTRE O QUE ENSINA E O QUE APRENDE



*“Verdade verdadeira,
nunca tive um brinquedo
Apenas medo.”*

(A Canção do Menino - Maria Dinorah)

Neste capítulo será analisada a aprendizagem e seus aspectos de forma a entender um pouco mais este tão complexo processo, tendo assim condições para compreender a relação aprendizagem/vínculo no caso de adolescentes institucionalizados, em particular, a partir de uma visão psicanalítica, comparada a outras formas de ver tais processos.

Já é sabido que aprendizagem sofre influências das experiências infantis que ocorrem, num primeiro momento, no grupo familiar, para depois se estender às experiências sociais, fora deste grupo. Tendo isso em vista, neste trabalho, adolescentes que estão “abrigados” em instituição e, se encontram, em algum nível, esvaziados de família, nos parece fundamental uma análise de aspectos que irão possibilitar a estes indivíduos a aquisição do conhecimento.

Podemos inferir que adolescentes abandonados guardaram de suas experiências anteriores, o abandono. As relações afetivas anteriormente experimentadas, no momento, se encontram revestidas com uma “capa” de abandono. Um dos aspectos desta questão é analisado por Collen (1987) quando diz:

“A partir do momento em que um menino não sabe onde está o pai e a mãe, deixa de dar valor a si mesmo. Quando sabe, a maioria das vezes é como se não soubesse: o pai está na penitenciária, é passador de fumo, a polícia matou. A mãe cata restos de frutas e verduras nas feiras e leva para a favela para os irmãos pequenos”
(p. 123).

Diante desta afirmação, fica claro a grande dificuldade dos indivíduos que perderam seu referencial familiar (e podemos por assim dizer, se perderam enquanto sujeitos que “possuem donos”), de se sentirem merecedores de afeto e de receberem sujeitos que “possuem donos”), de se sentirem merecedores de afeto e de receberem

berem algo novo que venha de fora. Quando deixam de dar valor a si mesmos, estes adolescentes tendem a também desvalorizar tudo o que lhes é oferecido de fora. O movimento seria mais ou menos o seguinte: se eu não tenho valor e se este outro tem tanto interesse por mim e sobre mim, provavelmente, é porque também não tem valor nenhum.

Aqui temos uma outra questão importante no que diz respeito à aprendizagem: o amor que permeia toda relação entre quem ensina e aprende, favorecendo ou impedindo a aprendizagem. Neste trabalho, usaremos os termos professor e aluno ou aprendiz para nos referir ao que ensina e ao que aprende respectivamente, mesmo reconhecendo que não se trata de uma situação de ensino formal. Kupfer (1989) analisa a relação entre professor e aluno da seguinte forma:

“Pode-se dizer que, da perspectiva psicanalítica, não se focalizam os conteúdos, mas o campo que se estabelece entre o professor e o aluno, que estabelece as condições para o aprender, sejam quais forem os conteúdos. Em Psicanálise, dá-se a esse campo o nome de transferência.” (p. 87)

Seguindo a afirmação de Kupfer nos parece claro o fato de que é preciso amar para aprender e, para tal, é preciso confiar. Podemos avaliar também a importância da transferência no que se refere ao ensinar/aprender. É através da transferência que um professor terá a possibilidade de ocupar um lugar “especial” no mundo interno do aprendiz; mais do que os conteúdos cognitivos, a relação entre professor e aluno é o que propicia a aprendizagem.

A mesma autora acrescenta ainda sobre este aspecto:

“Um professor pode tornar-se a figura a quem são endereçados os interesses de seu aluno porque é objeto de uma transferência. E o que se transfere são as experiências vividas primitivamente com os pais.” (p.88)

Tal consideração parece suscitar questões obviamente relevantes, tais como: Como exigir que adolescentes institucionalizados confiem nos educadores, se esperam, a qualquer momento, abandonar ou ser abandonados por estes? O vínculo, em relação à aprendizagem é fundamental, porém, que tipo de vínculo seria possível se estabelecer nas diferentes instituições?

Parece bastante claro o fato de que a relação professor/aluno é uma relação de poder e mais, o poder que um professor tem em mãos é um poder conferido a este pelo aluno. Porém, o processo de aprendizagem exige dois sujeitos e, portanto, muito provavelmente, que se renuncie a este poder, pois só assim é possível se manter o mundo desejante de cada um. Morgado (1989) particulariza tal fato da seguinte forma:

“Devemos nos lembrar que quando o aluno revive transferencialmente o amor e ódio originais através do professor, também revive, através dele, todo o fascínio e todo o temor à autoridade parental.” (p.139)

Mais adiante a autora acrescenta:

“Para que o conhecimento ocupe progressivamente o centro da relação pedagógica, é necessário que a intensa transferência afetiva que de início o aluno destina ao professor, seja superada. Ou

“...seja, é necessário que o amor e o ódio cedam lugar aos sentimentos ternos e à curiosidade.” (p. 140)

A importância do vínculo para que ocorra a aprendizagem nos parece inquestionável, porém, a forma como se desenvolvem as condições adequadas para a relação afetiva dentro das instituições ainda se mostra ineficiente. Observa-se, muitas vezes, nas diferentes instituições uma postura frente ao menor de tentar, oferecer um substituto para a família e, consequentemente, para as relações perdidas em relação ao grupo familiar. Quando a instituição se propõe substituir a família, ela deixa, portanto, de desempenhar seu papel, comprometendo bastante o vínculo e, consequentemente, a aprendizagem.

É sabido que o papel da instituição de/ou para menores é diferente do papel desempenhado pelo grupo familiar, mesmo sendo este de extrema importância no decorrer da vida humana. O cuidado da instituição é um cuidado diferente do da família, ou seja, o papel da instituição não é e não deveria ser o de montar uma “cena” que negasse a realidade destes adolescentes em relação às suas famílias.

No entanto, o que se percebe na literatura e na prática institucional é uma busca, por parte das instituições, para suprir todos os buracos, as faltas e, para conseguir tal feito, criam novos e complexos problemas. Ao tentar substituir o cuidado familiar, as relações estabelecidas neste grupo e seu papel no desenvolvimento destes indivíduos, a instituição se vê fracassada e, de alguma forma, sem ter muito a fazer. Com isso, envereda por uma saída perigosa: a não saída. Não há saída para estes adolescentes; não têm jeito. O que se observa, muitas vezes, é a idéia de um fatalismo, sem se encontrar formas para lidar com o problema. Marin (1989) ressalta o aspecto acrítico da instituição ao afirmar:

“A instituição parece se fechar na convicção de que esse modelo é inquestionável, chegando a distorcer relações para tentar imitar o que seria garantido dentro de uma família, não procurando, às vezes, alternativas mais viáveis.” (p. 52)

É muito conhecida a idéia de que o grupo familiar possibilita ao indivíduo o processo de identificação e, consequentemente, a identidade. Na relação MÃE - FILHO - PAI (o conflito edipiano) serão estabelecidas questões fundamentais referentes à identidade, sendo esta de extrema importância no que diz respeito à aprendizagem.

Kupfer (1989) aponta sobre a influência do Complexo de Édipo no estabelecimento da identidade e, consequentemente, no processo de aprendizagem:

“Pode-se dizer que a descoberta da diferença sexual anatômica não depende de sua observação, mas da passagem pelo Complexo de Édipo; e o Édipo é, o processo através do qual uma menina se ‘define’ como mulher e o menino como homem (ou vice-versa), depois de terem extraído das relações com o pai e a mãe as referências necessárias a essa definição. A criança descobre diferenças que a angustiam. É essa angústia que a faz querer saber.” (p. 80)

Com o Complexo de Édipo, portanto, podemos afirmar que o indivíduo encontra um lugar, o seu lugar que é um lugar diferenciado. Para se posicionar enquanto EU no mundo e diferente do OUTRO é preciso que se tenha experimentado um dia, a “fantasia” de ser misturado. Está aqui a fundamental relação humana, a relação

MÃE - FILHO e, posteriormente, MÃE - FILHO - PAI, que é explicada da seguinte forma por Marin (1988):

“Ao ter lugares meus, coisas minhas, vou descobrindo que nem tudo é meu, pois existe o lugar do outro, coisas do outro. Essa relação MÃE/EU não mantém tal continuidade, existem rupturas: ela se vai, ela tem outros... Não se completa, não me satisfaz em tudo. Existe um OUTRO, muito especial para ela: o PAI que também é meu, mas não só meu, como ela não é só minha. Eles têm uma relação... eles se completam? E eu? De onde vim: se não sou essa continuidade, que lugar ocupo? Qual é o meu espaço?” (p. 18).

Levando em consideração a afirmação acima, existe um fator determinante para a vida humana, para o sentir EU SOU ISSO, VENHO DISSO, VOU PARA... na relação edipiana, ou seja, naquilo que vivenciamos na relação com a mãe e com o pai. Aqui poderíamos dizer que, para nos diferenciarmos, para nos sentirmos “indivíduos” teremos, primeiramente, que lidarmos, de forma até dolorosa, com o fato de nascermos “sócios”.

À partir do momento que me reconheço enquanto sócio e, posteriormente, separado do outro, sou capaz de procurar o meu lugar “nesta sociedade” e na sociedade em geral. Ora, se estamos frente a adolescentes que, provavelmente, não vivenciam desta forma esta relação, o que poderia a instituição fazer? Parece óbvio que seu papel não seria o de MÃE que tudo supre, tudo dá. Sendo assim, de que forma se estabeleceria a LEI tão fundamental ao homem?

A LEI, que é a lei do pai, proíbe, dita regras e normas, porém, acolhe inserindo o indivíduo na cultura que é regida por tais regras e normas. Determina o que

não pode e, consequentemente, conta o que pode. É justamente com o estabelecimento da lei que o mundo, aos poucos nos parece menos perigoso e mais, que o indivíduo passa à condição de ser cultural, inserido numa determinada cultura.

Para Freud (1905), as primeiras investigações são sempre sexuais e não podem deixar de sê-lo: o que está em jogo é a necessidade que tem a criança de definir, antes de mais nada, seu lugar no mundo. E esse lugar é, a princípio, um lugar sexual, como já vimos também na afirmação de Marin (1988).

Até aqui discutimos a importância do estabelecimento daquilo que é o EU, do que é o OUTRO, daquilo que pode, do que não pode na identidade da criança. Mas, afinal que ligações terão estes aspectos com a aprendizagem?

Se considerarmos aprendizagem como sendo qualquer mudança expressiva na vida do sujeito que o torne capaz de resolver problemas, a relação edipiana nos parece diretamente ligada à aprendizagem. Se aprendizagem exige conflito, temos, portanto, um grande conflito. Responder de onde vim e para onde vou frente ao conflito edipiano nos parece por demais complexo.

A criança ao se diferenciar, consequentemente, descobre o outro na relação sem o qual está impossibilitada a aprendizagem. Diante disso, tenta responder a estas questões: Qual seria minha origem em relação ao desejo de meus pais? Que expectativas tem em relação a mim, o que esperam que eu me torne?

Marin (1989) observa sobre as instituições:

“ Apoiam-se em teorias que apontam como a privação de afeto determina comportamentos regressivos e podem até levar à morte (Spitz, Bowlby), sendo as mesmas teorias que mostram como a criança, que não teve uma relação objetal adequada, fatalmente terá seu processo de identificação prejudicado. A instituição,

desse modo, rapidamente isenta-se de qualquer responsabilidade quanto à educação das crianças.” (p. 51)

Podemos discutir, portanto, diante da afirmação de Marin a seguinte questão: adolescentes que estão na instituição e que se encontram um tanto “longe dos pais” estariam movidas por quais perguntas? Se a instituição pode lhe oferecer alguma coisa e esta oferta não passa por um faz de conta de oferecer uma família, podemos inferir que tais perguntas se voltem a eles próprios e às experiências que guardaram. Qual será o meu lugar? O que posso esperar de mim? Para aprender é preciso que estas crianças e adolescentes se reconheçam SUJEITOS e reconheçam um OUTRO também sujeito.

“Aprender é aprender com alguém”. Se o indivíduo pode reconhecer o outro enquanto diferenciado de si mesmo já se pode considerar um grande passo a favor do processo ensino-aprendizagem. Sobre isso, Fernandez (1991) afirma:

“O conhecimento é o conhecimento do outro, porque o outro o possui, mas também porque é preciso conhecer o outro, quer dizer, pô-lo no lugar do professor(...) e conhecê-lo como tal. Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.” (p. 52)

A questão também é tratada por Pain (1991), para quem:

“A aprendizagem é como processo de transmissão de conhecimento, na qual se localizam dois pólos. Um dos pólos é constituído pela instância daquele que sabe, isto é, o outro do conhecimento e o segundo pôlo pela instância do sujeito do conhecimento”

to, que se torna sujeito justamente devido à transmissão, ou seja, na medida em que se instaura a sujeição a uma cultura". (p. 80)

Diante destas posições, pode se afirmar que o indivíduo para aprender necessita, sem dúvida, se sentir diferenciado, já que vimos a importância do outro para que ocorra a aprendizagem. Pode se dizer que a aprendizagem é sempre vincular e exige, necessariamente, o reconhecimento do outro. Mas será que basta reconhecer o outro enquanto outro para que se possa viabilizar este processo?

Um fator crucial no que diz respeito à aprendizagem, ao processo ensinar-aprender é o reconhecimento do outro, no entanto, não é qualquer outro. É o reconhecimento de um outro que possui "algo" que eu não posso mas desejo possuir. Há, portanto, aqui a necessidade de colocar o outro num determinado lugar, confiar neste outro e sobretudo, dar-lhe o lugar de "quem sabe".

Se isso ocorre, estará estabelecido o esquema relacional da aprendizagem. Porém, esta não é uma tarefa fácil, pelo contrário, é algo árduo e complexo, tendo em vista que estamos diante de dois sujeitos e, consequentemente, diante da multidão que eles carregam em si e todas as representações que estas relações geram. Kupfer (1989) comenta esta relação da seguinte forma:

"Freud nos mostra que um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial. Graças a esta importância, o mestre passa a ter um poder de influência sobre o aluno" (p. 85).

Freud também defende, como já vimos anteriormente, que repetimos de alguma forma, nas nossas relações, inclusive, na relação com o professor, uma rela-

ção afetiva, primitivamente, dirigida ao pai. Voltamos, portanto, aos nossos sujeitos abandonados, rejeitados pelos pais. Indivíduos marcados pelo abandono e que se encontram, no momento, numa situação ambivalente frente à instituição. Ambivalentemente porque se de um lado é gratificante receber cuidado, ter a proteção, serão justamente estes aspectos que lembrarão a todo momento a estes indivíduos o fato de terem perdido a família e terem perdido muitas outras coisas também.

Observa-se, com freqüência, em adolescentes institucionalizados, o fato de "ilusoriamente" acreditarem que o ideal é a família e que só poderá ser diferente quando esta reaparecer ou quando encontrarem outra. Isso parece gerar uma condição de espera sem fim. É como se o que importasse do presente fosse somente a espera. Muito pouco é experimentado do presente por estes adolescentes, não podem chorar ou falar das perdas do passado, "perdem o presente" e esperam o futuro. Aprendem muito cedo a desconfiar, o que não é de tudo algo infundado.

Diante das dificuldades das instituições para conviver com estes adolescentes, diante da impotência em relação à família destes, a instituição faz de conta que substitui, faz de conta que não frusta e, num jogo de faz de conta tudo cabe. Este fato gera uma insegurança, uma ameaça, pois, adolescentes com vivências tão dolorosas começam a esperar muito pouco do que possa ser sentido como sinal de vida.

Há, portanto, a recusa, a resistência em manter laços, relações de afeto dentro das instituições. São adolescentes resistindo à possível relação educador/educando e, consequentemente, resistem à aprendizagem.

(...) "é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mes-

tres". (Freud, S. - Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar - p. 286)

Dante desta colocação de Freud se faz necessário esclarecer que menores institucionalizados parecem resistir muito mais às relações afetivas do que aos conteúdos ensinados. É preciso odiar para não amar, pois, perder o objeto odiado não causa dor, porém, não viabiliza a aprendizagem.

Eis aqui, portanto, uma questão fundamental: Se a relação pedagógica se instaura a partir de uma herança emocional de uma antiga relação, realmente o trabalho pedagógico com adolescentes institucionalizados, tendo em vista a herança emocional que trazem, exigirá esforço, cuidado, investigação, paciência... Morgado (1989) comenta sobre esta questão:

“... o aluno não vê o professor real que está à sua frente. Relaciona-se com imagos, com fantasmas e, por isso mesmo, pode não perceber a mediação que o professor opera entre ele e o conhecimento” (p. 137).

Vimos até aqui a necessidade de haver uma diferenciação do EU com o OUTRO. Se adolescentes institucionalizados têm como representação do OUTRO a instituição, se faz necessário que se diferenciem desta. Observa-se, não raramente, que as representações que menores institucionalizados tem de si estão muito atreladas ao espaço em que vivem, portanto, à instituição.

Para reconhecerem a si próprios, muitas vezes lançam mão da instituição, do que esta oferece, do que fazem ou não fazem, tendo a instituição como justificativa do EU. Se não há uma diferenciação entre instituição e institucionalizado não há o que aprender, tendo em vista o sentimento de estarem misturados.

Na colocação de Morgado, mais uma vez esta questão vem a ser reforçada. Para relacionar-se é preciso estar separado, no entanto, o que tal autora coloca, é que, num primeiro momento desta relação, o “aluno” se coloca numa posição “autista”, ou seja, relaciona-se consigo mesmo, com imagens e fantasmas que são seus e não com o “professor” real que se lhe apresenta.

Dentro das instituições pairam inúmeros fantasmas não só dos menores, mas também os fantasmas dos cuidadores, monitores, enfim, de todo o corpo técnico. De um lado temos menores com suas experiências anteriores que se fazem muito presentes na forma como lidam ou se colocam no mundo, mesmo quando estas experiências não sejam “lembadas”. De outro, temos todo o corpo técnico também com suas experiências passadas e com um presente muito difícil de se resolver.

Ao ter que desempenhar um papel específico, próprio, que não o de substituir a família, a instituição se vê, também, obrigada a lidar com a falta tanto quanto os menores com suas próprias.

Esta falta se apresenta tanto relacionada à experiência pessoal quanto à experiência profissional. Observa-se que as instituições escolhem também como modelo ideal, o calcado nas relações familiares e ficam assim, tal como os menores, à espera. Com esta postura se isentam de qualquer forma de intervenção que não passe por este modelo, ficando, portanto, indeterminada. Se a instituição ainda não encontrou “seu lugar” no cotidiano destes adolescentes, como estes lhe atribuirão o lugar especial que o processo de aprendizagem exige?

Nas diferentes instituições, é comum a impotência no que diz respeito a serem educadores; se não podem ser mãe, pai, também não podem ser educadores. Não podem amar sem a garantia de os terem enquanto filhos; tentam lidar com a

indiferença. O que é muito comum na instituição é o menor ir embora e este fato gera, na relação entre menores e profissionais, a necessidade de não se “afetar”.

Para Freud, como foi dito, mais do que os conteúdos estudados, o campo que se estabelece entre professor e aluno, é justamente o que estabelece as condições para aprender e a este campo a Psicanálise deu o nome de **transferência** e esta permeia qualquer relação humana.

Na transferência, o que ocorre é uma comunicação de inconscientes e, nas instituições nos parece, que não há o mínimo de compreensão deste aspecto. O que acaba ocorrendo é uma repetição pura de experiências passadas, tanto dos professores quanto dos alunos. É o aluno transferindo para o professor sua relação ou não/relação com os pais; são professores desejando transformar seus alunos em “filhos que não foram” ou que “não têm”.

Voltando à aprendizagem, Drummond em seu poema “*História Natural*” diz: “**O mundo não é o que pensamos**”. Utilizando a idéia do poeta, podemos inferir que não aprendemos o mundo tal como ele é. Aprendemos o mundo de acordo com a intervenção de nossos processos conscientes e inconscientes e, neste sentido, a aprendizagem é algo singular, particular.

Ao sofrer interferência de nosso mundo interno, a aprendizagem não ocorrerá igual para todos os indivíduos. Não ouvimos tudo do professor, ouvimos o que nos é permitido dentro de nossos conteúdos. De certa forma, percebe-se isto quando Wadsworth (1992) afirma:

“**O desequilíbrio** ocorre quando uma experiência ou pensamento é inconsistente com o que os esquemas da criança podem predizer no momento e a experiência ou pensamento PODEM ESPERAR. É o ato de “estar atento para” ou o papel da seleção que determina quais eventos provocam desequilíbrios e resultam em desenvol-

vimento cognitivo. Estas decisões importantes são tomadas em função do afeto" (p. 145).

Estamos, portanto, diante da relevância dos aspectos afetivos em relação com os aspectos cognitivos. O afeto, segundo Wadsworth, terá mais ou menos o papel de fazer uma mediação entre o que nos é oferecido e os nossos sentimentos, interesses, impulsos ou tendências...

"Se Piaget está certo, 'metaforicamente' falando a afetividade decide quais idéias 'vivem' ou quais 'morrem'". (Brown e Weiss, 1987, p. 80)

Portanto, em relação à aprendizagem de menores institucionalizados, podemos discutir a seguinte questão: o que será desequilibrado nestes adolescentes?

Se o desequilíbrio é gerado por uma "desorganização"; por algo novo que ainda não tem um lugar no sujeito, e que é por ele selecionado, é possível inferir que o que desequilibra o mundo interno destes adolescentes é justamente eventos externos que se mostrem contrários, diferentes dos eventos que ocorrem em seu mundo interno.

Há aqui, portanto, uma questão relevante no que diz respeito à relação instituição/menor e tudo o que ela possibilita.

Na posição de substituto da família e diante da impossibilidade em fazê-lo, a instituição nada tem a desequilibrar. Ela somente repete o abandono, a rejeição, a impossibilidade sentida por estes adolescentes frente à família. E, por não poder ocupar este papel, a instituição cai numa posição muito semelhante a do grupo familiar.

Para que haja o desequilíbrio é preciso que nesta relação sejam inseridos aspectos novos, preditores de que esta relação é diferente daquela estabelecida primitivamente com os pais. Só assim se tem a possibilidade de que estes adolescentes experimentem alguma desorganização a nível afetivo. Terão que assimilar algo novo, diferente do já experimentado, acomodar tais conceitos de modo a fazerm correspondências com o atual mundo real. Elkind (1969) esclarece este aspecto da seguinte maneira:

“O desenvolvimento das estruturas cognitivas e do conhecimento é um processo evolutivo que ocorre no interior de cada indivíduo; ele se manifesta nos esquemas individuais, os quais passam por constantes transformações. O processo de assimilação garante que os esquemas não sejam cópias da realidade; o de acomodação garante às construções um grau de correspondência com o mundo real ” (p. 329).

Podemos dizer que Piaget, apesar de em momento algum atribuir um valor maior aos aspectos cognitivos frente aos aspectos afetivos, priorizou os primeiros. Encontramos outros autores com posições diversas a de Piaget, entre eles Wallon. Almeida (1993) pontua sobre a posição deste autor:

“Para Wallon as emoções podem ser causa de progresso no desenvolvimento, podem ser fonte de conhecimento, pois enquanto expressões do sujeito, as emoções precedem, acompanham e orientam as atividades da relação, sem as quais elas não teriam como capturar o mundo exterior” (p. 38).

Também sobre esse aspecto do pensamento walloniano Pinto (1994) ressalta:

“Cada situação nova difícil, para a qual esteja despreparado, tenderá a elevar o tônus emocional . A emoção é diretamente proporcional ao grau de imperícia, diria Wallon. Ela é porém, uma condição indispensável para o ingresso no mundo da razão e da competência humana, na medida em que possibilita uma primeira forma de comunicação básica, primitiva, profunda, lastro sobre o qual se constituirá a comunicação lingüística que transporta o conhecimento e dá ingresso a vida cognitiva” (p.73)

Observa-se em Wallon, primeiramente, a valorização da emoção enquanto um pressuposto para a vida cognitiva. Este autor nos deixa clara o fato de ser a emoção um importante instrumento a favor daquele que ensina, pois irá comunicar fatores relevantes daquele que irá aprender. No caso de adolescentes institucionalizados podemos supor que será através da emoção que o “educador” irá alcançar de fato a tão complexa vida interna destes educandos.

Porém, será também através da emoção que o educador irá entrar em contato com sua emotividade. Eis aqui um dos grandes problemas quando o educador está atento a emoção de seus educandos: ter que entrar em contato com a sua própria emoção. Ou seja, a emoção do educando acorda a emoção do educador. Dentro das instituições o que será acordado?

Pinto (1994) afirma: “É impossível alimentar afetivamente à distância” (p.75). No entanto, ao se tratar de um trabalho pedagógico dentro da instituição de menores, observa-se a necessidade de se manter uma distância.

Wallon defende que num primeiro momento a afetividade exige proximidade. Que ela está ligada basicamente à pele, para num segundo momento, com o aparecimento da simbolização, poder adquirir forma mais ampla, através de vários canais.

Quando se trata de adolescentes institucionalizados, uma questão nos parece relevante: qual será, no momento, a possibilidade de simbolização destes indivíduos?

É sabido que a capacidade para simbolização advém do contato com o concreto. Após experimentar, agir sobre a realidade concreta, o homem pode aos poucos se relacionar com objetos, pessoas mesmo quando estes se encontram ausentes. No caso de adolescentes institucionalizados, que viveram muito mais ausências do que presenças, é comum a necessidade destes contatos concretos para que ocorram os relacionamentos.

Portanto, pode se inferir que, neste caso especificamente, a proximidade é algo necessário. Dentro das instituições, muitas vezes, é impossível a distância pois faz-se necessário se estabelecer primeiro, a existência do objeto, das pessoas internamente e somente, num segundo momento, haverá a possibilidade de relação com estes, mesmo quando estiverem ausentes, simbolicamente. Só assim a emoção, a afetividade terá cumprido seu papel afim de servir à atividade cognitiva.

“A Grande lição de psicogenética walloniana refere-se à necessidade do refinamento nas trocas afetivas; a elaboração cognitiva da emocionalidade do próprio educador, o ajuste das formas de intercâmbio, tudo isto são exigências da própria afetividade em sua marcha evolutiva, que é essencialmente integradora” (Pinto, 1994, p.75).

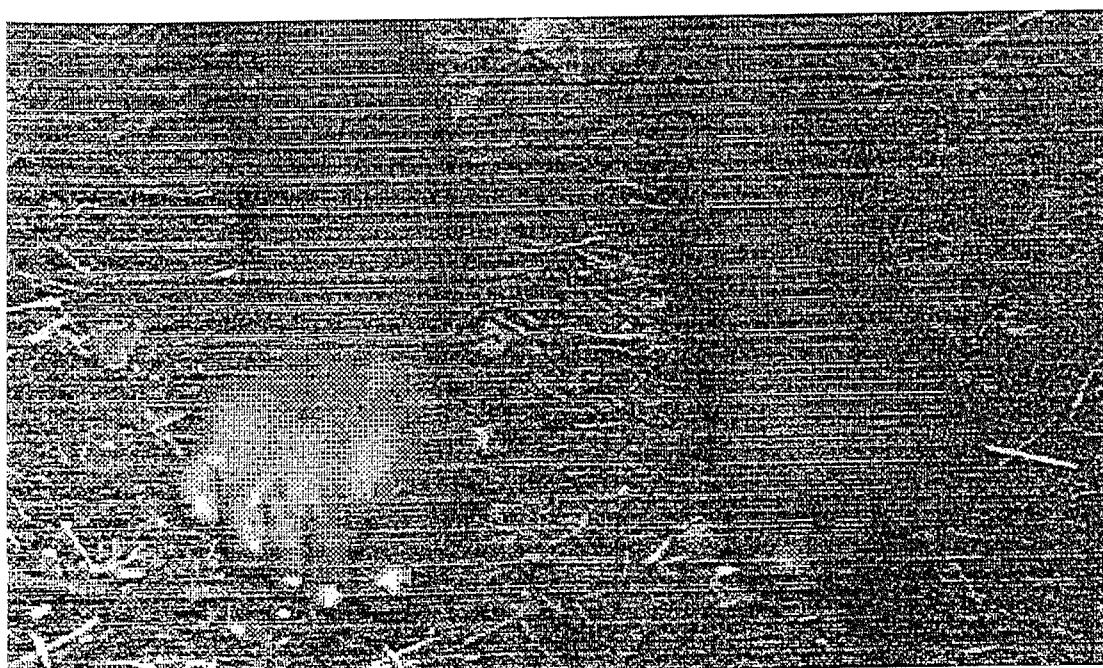
Dante de todas as questões levantadas neste capítulo, podemos inferir que o processo ensino/aprendizagem dentro das instituições é uma missão difícil. Para alimentar afetivamente, é necessário a proximidade e o que se observa, muitas vezes, no cotidiano das instituições, é a necessidade de manter alguma distância.

Slavutzky (1991) afirma na contracapa que **“A transferência é, acima de tudo, uma história de amor e de ódio que confunde com o ser mesmo do homem”**. Tendo em vista esta afirmação, podemos considerar a transferência como um dos aspectos fundamentais no que diz respeito à complexidade do processo ensino/aprendizagem deste tipo de instituição.

De um lado temos a equipe técnica, todas as dificuldades práticas que encontram e o desconhecimento em relação a aspectos pessoais, inclusive fatores internos que os fizeram escolher este trabalho; de outro temos crianças e adolescentes sem nenhuma possibilidade de escolha, no momento, sem outra perspectiva.

Se considerarmos a emoção como aspecto de grande importância no esforço de ensinar/aprender, parece pertinente a dificuldade encontrada dentro das instituições para cumprir tal papel. A relação menor/instituição, diante de todos os conflitos discutidos neste capítulo, ainda funciona de modo a não desequilibrar ou seja, o desequilíbrio quase nunca aparece enquanto uma premissa para a aprendizagem ou como uma condição fundamental para se alcançar um novo patamar no desenvolvimento tanto afetivo quanto cognitivo.

2- A INSTITUIÇÃO, OS SUJEITOS E OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA



“Talvez a tarefa de quem ama os homens consista em lograr que estes riam da verdade, lograr que a verdade ria, porque a única verdade consiste em aprender a nos libertarmos da insana paixão pela verdade.”

(Umberto Eco)

Este trabalho foi realizado com adolescentes que moravam numa Instituição de amparo a crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social em Uberlândia, que será doravante denominada INSTITUIÇÃO. Neste capítulo trataremos dos procedimentos que nortearam a sua realização.

Num *primeiro momento*, faremos uma breve apresentação da INSTITUIÇÃO onde são abrigados os adolescentes que foram sujeitos desta investigação, caracterizando sua estrutura, objetivos e normas de funcionamento.

Num *segundo momento*, será feita uma caracterização dos sujeitos, onde estes serão descritos em suas características individuais numa breve síntese de suas entrevistas que permitirá a percepção de sua condição pessoal e social.

Num *terceiro momento*, será descrito o instrumento utilizado para a coleta de informações: a entrevista psicológica e a participação em atividades da INSTITUIÇÃO. Segundo a concepção de Bleger (1980) será apresentada a definição de entrevista psicológica, seu uso e onde se discutirá a sua validade como instrumento de pesquisa. Em seguida, se caracterizará o modelo de entrevista utilizado (semi-estruturada), apresentando-se o roteiro básico das entrevistas analisadas neste trabalho e os procedimentos adotados para a sua realização. Será feito um histórico da participação em atividades da INSTITUIÇÃO e das formas de obtenção de informações daí resultantes.

Finalmente, será feita a caracterização do instrumento utilizado para a avaliação das entrevistas: a análise psicanalítica das falas, onde serão apontados seu uso e procedimentos, e descrito como tal instrumento foi utilizado neste presente trabalho.

2.1 - CARACTERÍSTICAS DA INSTITUIÇÃO

A INSTITUIÇÃO foi escolhida para esta pesquisa por se enquadrar no perfil procurado, por ser uma das mais conhecidas e de maior credibilidade da cidade e pela possibilidade de acesso.

A INSTITUIÇÃO, segundo documento fornecido pela mesma, datado de 1991/1992, destina-se a:

“Preparar e encaminhar o adolescente ao mundo do trabalho e atender crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, assegurando-lhes os direitos fundamentais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente.”

Para tanto, a INSTITUIÇÃO desenvolve três programas de trabalho: *Capacitação Profissional, Integração do Adolescente ao Mercado de Trabalho e Abrigo e Apoio Sócio-Eduacional*. O programa Abrigo e Apoio Sócio-Eduacional funciona no Centro de Formação para atender os casos emergentes, dando abrigo e apoio ao programa de atendimento a “meninos de rua”, que estão impossibilitados do convívio familiar (abandono, orfandade, alcoolismo, drogas, vítimas de espancamentos, rejeição, prostituição, promiscuidade familiar) e oferece também apoio a crianças e adolescentes provenientes de famílias de baixo poder aquisitivo. O programa de Abrigo é um trabalho realizado em conjunto com a Vara da Infância e Adolescência, do Poder Judiciário, que autoriza a permanência dos meninos no Abrigo após um estudo de cada caso.

O Centro de Formação, para os abrigados, funciona mediante regras pré-estabelecidas, citadas a seguir:

- **Horários (refeição, banho, limpeza dos quartos, lavação de roupas, passeios, TV, dormir).**
- **Não conduzir drogas para o Abrigo e nem chegar drogado.**
- **Não conduzir para o Abrigo produtos de furtos.**
- **Respeitar os companheiros (não furtar pertences do companheiro, higiene, não “transar”, não agredir física e verbalmente o companheiro).**
- **Manter organizado e limpo os quartos e seus pertences.**
- **Evitar pernoites nas ruas, retornando dos passeios.**
- **Procurar estabelecer com o caseiro um relacionamento de respeito e amizade.**
- **Informar à equipe qualquer dificuldade apresentada pelo menino e/ou grupo. (Relatório de Avaliação do Trabalho Realizado - 1993)**

A equipe de trabalho do Centro de Formação conta com os seguintes profissionais: 01 assistente social, 01 psicólogo, 01 recreacionista, 01 pedagogo, o caseiro, uma cozinheira (esposa do caseiro) e um motorista.

2.2 - CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DESTA INVESTIGAÇÃO

Para a realização deste trabalho foi preciso obter uma autorização. Tal autorização foi obtida através do psicólogo da INSTITUIÇÃO após ter recebido, detalhadamente, uma explicação dos objetivos a que se destinava o trabalho. Tendo recebido a permissão, a pesquisadora foi muito bem recebida pela equipe da INSTITUIÇÃO e

pela assistente social responsável pelo Centro de Formação. Foi pedido, então que a assistente social selecionasse internos para as entrevistas, obedecendo aos seguintes critérios:

a - os sujeitos a serem entrevistados deveriam morar na instituição, ou estar sob os cuidados desta, mesmo que, eventualmente, tivessem família. Este critério consistiu em selecionar pessoas que por diversas circunstâncias se encontravam, naquele momento, privados do convívio familiar.

b - deveriam estar na faixa etária entre 8 e 17 anos.

Foram encaminhados quatro sujeitos cujas idades variavam de 12 a 17 anos, os quais foram entrevistados de acordo com os procedimentos descritos no ítem 2.3.

Uma boa caracterização dos sujeitos pode ser vista em algumas partes das entrevistas. Para tanto, uma das entrevistas foi escolhida para ser transcrita na íntegra no Anexo 1, a qual poderá ser consultada se necessário.

As sínteses das três entrevistas restantes serão apresentadas a seguir. Nas sínteses, bem como nos próximos capítulos, toda vez que é feita a transcrição fiel das falas dos adolescentes, estas aparecem em itálico e entre aspas.

Sujeito 1:

W. tem 14 anos, 5 irmãos, os pais são separados. O irmão menor foi morar primeiro no Centro de Formação. Contou que foi morar na INSTITUIÇÃO porque em casa era ruim; um dia tinha comida, no outro não.

“Era ruim. Porque lá tinha dia que eu comia, tinha dia que eu não comia.”

W. se dá bem com os irmãos menores, porém, com os maiores, diz não gostar porque apanhava muito deles. Quanto à irmã, que também é mais velha, se mostrou indiferente, nem sabe ao certo por onde anda.

"Ah! porque qualquer coisa que a gente fala, a gente fala uma coisa e eles fala outra, eles bate na gente."

"Ele bate ne mim é educano, mas o tipo que ele bate é ruim, muito ruim."

"... Ele acha que educar é bater, né?"

Na entrevista W. dá uma definição para educar:

"Quando eu faço uma coisa errada, chega lá e fala assim oh: não faz assim que isso é ruim, esse negócio vai ser ruim pra mim." Educar para W. é, portanto, saber o que não se sabia.

Lembra da mãe, do cuidado e amor dela, mais especificamente, numa única situação: quando esta o levou para a Medicina porque estava doente. Visita a mãe, porém, fica é com os colegas e primos.

Espera, um dia, voltar morar com a mãe, quando esta arrumar um emprego e poder cuidar deles. Conta que o pai é bem de situação mas não liga para eles.

"Eu penso, eu penso em morar com ela e ficar lá com ela.."

"Porque ela tem que ficar lá arrumando a casa, não tem ninguém que fica lá. E ela tem que arrumar outro serviço."

"Ah! ele é bem de situação mas a gente não vai na casa dele."

W., no momento da entrevista, não estava estudando, tinha sido expulso da escola por causa de bagunça e de uma briga que, segundo ele, não participou. Na escola tinha mais dificuldade com as "contas de menos" e se "assustava" com os gritos da professora. Diz ter muita vontade de voltar para a escola e, atribuiu ao estudo a possibilidade de melhorar de vida.

“Mais difícil? Minha professora passava algum dever lá e eu não dava conta.”

“Ah! continha de mais eu dava, a de menos eu não dava conta.”

“Quando eu tava lá, eu não dava conta de escrever Uberlândia, né? Ela ficava brava. Aí eu fui aprendendo, aí eu fui.”

“Se grita comigo, eu não obedeço não.”

Quanto às leis e normas do Centro de Formação, W. pareceu as ter claras e contou que, algumas vezes, as desrespeitava.

No momento da entrevista, W. tinha feito uma apresentação de dança em Belo Horizonte, fato este que parece ter sido muito significativo. Ter sido escolhido para compor o grupo de dança fez com que W. colocasse dentro de si alguém com nome e o “amasse”. O nome do professor de dança foi o único que W. se lembrou durante toda a entrevista.

“Ele montou um grupo de dança lá e me pôs no meio, viajei para Belo Horizonte, gostei muito.”

“Foi bom demais pra mim. Quando eu olhava assim, eu nem imaginava que eu tava ali.”

W. demonstrou muito medo e angústia frente à possibilidade de perder a INSTITUIÇÃO e julga que, como a mãe, esta pode abandoná-lo porque ele dá trabalho. Acredita que a INSTITUIÇÃO e a sociedade esperam dele que ele não vire um marginal, coisa que ele também espera.

“Um homem direito, de respeito, sabê respeitá, ter respeito pelas pessoas, pelos mais velhos e as pessoas por mim.”

De lembrança W. deixou para a entrevistadora:

“Se nós sabemos dançar e jogar capoeira

Nós trocamos a droga pelo esporte

Pratique

Turma Jazz de Rua

INSTITUIÇÃO

Eu quero que você não esqueça de mim. Eu chamo W."

Sujeito 2

G. tem 13 anos, 4 irmãos, dois dos quais como ele, moravam na INSTITUIÇÃO no momento da entrevista. Teve um irmão expulso desta mesma INSTITUIÇÃO por desrespeitar as leis e normas estabelecidas pelo Centro de Formação.

Diz ter ido morar no Centro de Formação por estar morando na rua. A mãe levou os filhos para morar na tia X¹, lugar de onde fugiu e foi morar na rua. Contou que a mãe ao ser abandonada pelo pai e sem condições de "comprar arroz e feijão" teve que dar os filhos para a tia X, lugar onde "apanhava todos os dias".

"Porque lá na tia X eles batia e eu não queria apanhar assim todo dia, todo dia não."

G. culpa o pai pela situação que vivencia hoje. Atribui ao pai a inexistência do grupo familiar e se sente completamente abandonado por ele. A mãe morreu em 1993 e com isso ele se mostrou, na entrevista, com pouca esperança de ver todo mundo junto, por associar à mãe a única possibilidade de vida em família.

"Porque meu pai separou dela e ela não tava tendo condições de trabalhar para comprar arroz e feijão pra nós, aí ela foi e conheceu a tia X e pôs nós lá."

Contou suas experiências com a droga e o roubo em companhia do irmão, pessoa de quem ele se encontrava separado, no momento da entrevista, pelo fato

¹ Tia X - Instituição em Uberlândia que também tem como fim abrigar crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social.

de morar no Centro de Formação, lugar de onde o irmão fora expulso. Teve experiência com a polícia e contou que já apanhou desta.

“Cola, tinner, maconha que a gente chamava de brau e... pó. A gente arrumava lá no Centro.”

“Cheirar é assim: você põe o negócio no nariz, tampa o outro e puxa pra dentro.”

“Nós roubava para comprar.”

“Ah! uns povo que via eu roubar... ladrão!! chamava a gente de ladrão, a gente ia pra cadeia apanhar.”

G. estava estudando, porém, não lembrou o nome da escola, disse que gostava da professora e que tinha dificuldade na leitura.

“Lá no... eu esqueci o nome da escola. Tô lembrado não.”

“... Só tem dificuldade de ler.”

“Porque se eu for ler rápido, eu não vou dar conta, então fico tentando.”

Falou das leis e normas da INSTITUIÇÃO como quem as conhecia bem e contou que, algumas vezes, as desrespeitava. Dos colegas que gostavam de mandar, ele disse não respeitá-los e não ter medo deles.

G. demonstrou uma falta de expectativa em relação a si e à INSTITUIÇÃO. Pareceu não esperar nada do Centro de Formação e saber, muito claramente, que um dia terá que ir embora deste também. Não soube dizer o que a INSTITUIÇÃO esperava dele e ele espera de si ser um homem.

“Um homem assim que trata os outros bem, não rouba, essa coisa melhor e não coisa que não presta.”

Para a entrevistadora, de lembrança, deixou:

“Cheguei numa festa, tinha um som muito agitado

Mas a galera tava tudo maconhada

Quando eu cheguei lá, logo um me respondeu:

_ Ái maluco, vai chapá ou num vai?

Tô doidão, tô doidão, tô doidão, eu disse:

_ Tô doidão

Quando foi mais tarde chegou um policial, deu ordem de prisão mas, não adiantou nada.

Bota a mão pra cima todo mundo, agora mesmo

Pulou um maluco desviando o motor

Dá o fora meu irmão

É o mundo do pó, é o mundo do bem que não tem

É o nome do pai, do filho, do espírito santo

Amém.”

Sujeito 3

R. tem 17 anos, 5 irmãos, o pai morreu e a mãe se casou novamente. Tinha um irmão que, no momento da entrevista, trabalhava no Centro de Formação, lugar de onde fora expulso por fazer uso de arma branca e morava no mesmo Pensionato que ele.

R. mesmo expulso do Centro de Formação, continuou trabalhando na INSTITUIÇÃO e sob os cuidados desta. Com seu salário, pagava o Pensionato, fato este que não lhe agradava.

“Ah! não tô achano muito bom não só! O que é ruim é que tem de pagar caro demais, aí não vai sobrar dinheiro, né? então não vai dar.”

Contou que já morou na rua e que, várias vezes, fora recolhido e levado para a Casa de Meninos e que, quando esta fechou foi morar no Centro de Formação. Diz que saiu de casa porque não gostava de morar na chácara e não se dava bem com o padrasto.

R. não se lembra do que viveu em família e, parece ter guardado deste tempo só o trabalho. A idéia que tem de família é nenhuma.

"Nós trabalhava. Ah! mexia com horta, buscar lenha."

"Nenhuma, porque eu não lembro, eu não guardo nada."

A figura do irmão mais velho, que se encontrava preso no momento da entrevista, foi guardada com bastante afeto e de forma muito significativa. Ao falar deste irmão R. pareceu conseguir sair da condição de anestesiado que mantém durante quase toda a entrevista. Contou que, com este irmão, se sentia acompanhado e o acompanhava no roubo; parece colocar este irmão no lugar da figura paterna, no lugar de onde vem a proteção, o amparo e a "lei" (não pode usar droga).

"É que sempre nós viveu junto. Ele morava em... Ele viajava, me levava junto."

"Me dava roupa, esses trem. Roubado, mais dava."

"Protegia. Ele que me falou pra eu não usar droga, que droga é ruim. Ele não usa droga, não bebe. O vício dele é roubar."

R. disse não ter paciência com a escola. Parece ter guardado desta experiência o que não conseguiu aprender e o que não conseguiu "colocar na cabeça".

"Sempre entrei e saí, não tinha paciência não."

"Ah! difícil é ficar olhando praquele quadro lá."

"Esqueço, às vezes a professora escreve um negócio lá, depois passa uns minutinhos não dô conta de escrever de novo. Não entra na minha cabeça."

Quanto às leis e normas do Centro de Formação, R. parecia ter uma clareza, porém, as desrespeitava e foi por isso, mandado embora da INSTITUIÇÃO. Contou que os meninos maiores ditam leis e que, ele não respeita nenhuma delas.

R. espera, no futuro, poder ter uma família e esta parece se restringir, para ele, em ter uma mulher.

"Ah! eu quero arrumá uma mulher e vivê a minha vida, arrumá um serviço bão, e.... É, uma família."

De lembrança à entrevistadora, R. deixou o que pareceu, durante toda a entrevista, ser o que há de mais presente em seu mundo interno: "Não sei não."

2.3 - A ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento escolhido para a realização deste trabalho foi a entrevista semi-estruturada. Bleger (1980) afirma sobre a entrevista: "A entrevista é um instrumento fundamental do método clínico e é, portanto, uma técnica de investigação científica em psicologia" (p. 09).

Rolla (1983) defende:

"... Semanticamente entrevista significa o encontro ou confluência entre duas ou mais pessoas em um lugar determinado e para atender um assunto também determinado" (p. 02).²

² - Tradução de responsabilidade da autora.

Mediante tais posições, escolhemos como instrumento deste trabalho a entrevista semi-estruturada por razões práticas. De um lado se pretendia investigar aspectos específicos que nos possibilitassem alcançar nossos objetivos. Daí o uso de um roteiro pré-determinado, o qual facilitaria uma comparação dos dados obtidos.

Porém, almejou-se também, com este estudo, entender e/ou compreender melhor o funcionamento interno e as representações destes adolescentes que, naquele momento, viviam na INSTITUIÇÃO. Para tal escolhemos um procedimento que também nos permitisse uma liberdade maior na investigação para que, desta forma, pudéssemos obter dados mais amplos e profundos da individualidade de cada entrevistado.

O momento da entrevista foi o único contato da entrevistadora com estes adolescentes, sendo este fato, claramente, explicado aos sujeitos. Foi esclarecido também o objetivo das entrevistas e explicado que estas se destinavam a um trabalho acadêmico, realizado na Universidade e que a entrevistadora era psicóloga. Quanto a este último aspecto observou-se, em quase todos os sujeitos uma associação da figura do psicólogo como um técnico da INSTITUIÇÃO. Este aspecto nos levou a uma necessidade grande de esclarecer a estes adolescentes o fato de que a entrevistadora, apesar de ser uma psicóloga não trabalhava na INSTITUIÇÃO e nem para a INSTITUIÇÃO.

Tal fenômeno também foi observado por Guirado (1986):

“Como foi feita apenas uma entrevista com cada um deles, tentei levar em consideração a possibilidade deste lugar que me era atribuído e, consequentemente, a possibilidade de o menino e a

menina estarem se posicionando como internos diante do técnico. Talvez por isso, em algumas meninas ou meninos tenha sido tão evidente o discurso do crescimento, da necessidade de escolaridade, e assim por diante.” (p. 113)

Porém, mesmo frente a todos os esclarecimentos não estamos livres da possibilidade de algumas respostas estarem muito influenciadas por este papel a que atribuíram à entrevistadora: o de representante da INSTITUIÇÃO. Ao analisar as entrevistas, observa-se com freqüência um sentimento fóbico dos entrevistados, em vários momentos, porém foi nossa preocupação afastar ao máximo tal sentimento afim de se conseguir uma situação o mais neutra possível, oferecendo assim uma maior fidedignidade ao material colhido.

Diante dos objetivos propostos neste trabalho formulou-se um roteiro para a entrevista que nos permitisse obter dados importantes para uma posterior análise fundamentada na teoria psicanalítica. Bleger (1980) comenta sobre a contribuição da Psicanálise na teoria da entrevista:

“Convém assinalar sumariamente que a psicanálise influenciou com o conhecimento da dimensão inconsciente do comportamento, da transferência e a contratransferência, da resistência e repressão, da projeção e introjeção.” (p. 13)

De acordo com a afirmação de Bleger sobre a Psicanálise e a entrevista, podemos inferir que, para o presente estudo, tal instrumento de investigação e sua análise se torna indispensável, tendo em vista que não temos outra maneira viável de obter destes adolescentes as informações necessárias para a realização deste trabalho.

Foram necessárias não somente as falas dos sujeitos na entrevista bem como a análise destas falas e até inferências do poderia se esconder no silêncio.

As entrevistas foram realizadas obedecendo ao seguinte roteiro:

1 - *Como era sua vida antes de vir morar no Centro de Formação?*

- *Onde vivia?*
- *Como era a relação com o pai, mãe, irmãos, outros...?*
- *O que é família para você? Fale sobre uma família:*
- *Como foi vir morar na INSTITUIÇÃO?*

2 - *Como vive agora? Como é morar no Centro de Formação?*

3 - *Fale um pouco das relações que você tem dentro da INSTITUIÇÃO (com companheiros, instrutores, outros...):*

- *Com quem convive mais?*
- *De quem gosta? Por que?*
- *Com quem não se dá bem? Por que?*
- *Sobre a cooperação, competição e conflitos e qual a sua posição frente a estas situações?*

4 - *Você aprende muitas coisas na INSTITUIÇÃO?*

- *Sobre a aprendizagem profissional*
 - *Sobre a aprendizagem informal*
 - *E na escola?*
 - *Você vai bem na escola?*
 - *Quais as dificuldades maiores encontradas na escola? Por que?*
- * Se for o caso: *O que você aprendeu na rua?*

5 - *Quais as leis, regras e normas que são ditadas pela instituição? São obedecidas? Quando?*

--- *E vocês, criam leis entre vocês?*

— *Como?*

— *Quais?*

— *Quem estabelece as leis?*

— *São obedecidas?*

6 - *O que você espera da INSTITUIÇÃO?*

--- *O que acha que a INSTITUIÇÃO e as pessoas lá fora esperam de você?*

7- *O que você espera do futuro?*

— *Dentro ou fora da INSTITUIÇÃO?*

A partir deste roteiro, as entrevistas foram realizadas e, de acordo com o que ia sendo dito, novas questões foram elaboradas obedecendo a fala de cada entrevistado. Por esta razão, as entrevistas apresentam aspectos diferenciados, evidenciando as diferenças dos entrevistados em relação aos aspectos pesquisados e à história de cada um.

As entrevistas foram realizadas na sede da INSTITUIÇÃO e não no Centro de Formação, lugar onde os adolescentes moravam, pelo fato de a primeira apresentar uma melhor infra-estrutura (local, silêncio, condições necessárias à realização de uma entrevista,...) e sobretudo, por possibilitar uma maior privacidade, garantindo assim o sigilo das entrevistas aos entrevistados.

O que nos interessava com as entrevistas era investigar como estes adolescentes se viam frente à família, à INSTITUIÇÃO e ao vínculo e como estes aspectos

interferiam no processo de aprendizagem deles. As entrevistas nos possibilitaram a análise do vínculo, da aprendizagem do vínculo, do vínculo na aprendizagem e da relação menor/instituição enquanto uma possibilidade de aprendizagem e não tiveram nenhuma pretensão de fazer destas quatro entrevistas um retrato fiel do que seja a relação instituição/menor. O objetivo das entrevistas foi possibilitar uma maior aproximação da realidade desta relação, uma maior compreensão de fatores por demais complexos que permeiam tal relação.

As entrevistas nos possibilitaram um estudo mais pormenorizado de todos os aspectos que permeiam o interior das instituições de e/ou para menores. Bleger (1980) sobre esta questão afirma:

“ Para sublinhar o aspecto fundamental da entrevista poder-se-ia dizer, de outra maneira, que ela consiste em uma relação humana na qual um dos integrantes deve procurar saber o que está acontecendo e deve atuar segundo este conhecimento. A realização dos objetivos possíveis da entrevista depende desse saber e da atuação de acordo com esse saber”. (p. 13)

Apesar da entrevista ter sido o instrumento principal para a realização deste trabalho, a autora contou com outras contribuições para a coleta e análise dos dados. Logo após a realização das quatro entrevistas, a Universidade começou a desenvolver um estágio com alunos do Curso de Formação de Psicólogos junto à INSTITUIÇÃO e a autora foi designada a supervisionar esse estágio. Tal supervisão, que ocorreu durante o período de seis meses, possibilitou uma participação maior da autora no cotidiano da INSTITUIÇÃO, levando à apropriação de um conjunto de informações que permitiram um grande enriquecimento da análise das entrevistas.

Além da supervisão dos estagiários, a autora foi requisitida a supervisionar também a psicóloga da INSTITUIÇÃO. Em função disso, as análises apresentadas nos capítulos seguintes, além dos dados das próprias entrevistas, contaram com as informações obtidas a partir dessa experiência da autora.

2.4 - PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Após terem sido realizadas as transcrições das entrevistas foi feita uma análise detalhada dos vários aspectos de cada delas.

A seguir, realizou-se uma classificação das análises em categorias de acordo com o aparecimento de tais aspectos em todas as entrevistas, não negligenciando os objetivos da pesquisa.

Neste procedimento, em primeiro lugar, foram selecionados os dados referentes à categoria família, pai e mãe e irmãos. Tais dados nos possibilitaram um panorama da vida destes adolescentes antes de virem para a instituição; as relações que mantinham, como isso ocorria e de que forma experimentaram os vínculos familiares e/ou sociais.

Logo após esta categoria observou-se dados que diziam respeito à INSTITUIÇÃO e todas as vivências que esta possibilitava. Em seguida, os dados relativos aos vínculos estabelecidos tanto dentro como fora da instituição.

Foram selecionados também dados referentes à categoria leis, o que nos possibilitou uma maior compreensão do que diz respeito ao EU, ao OUTRO e a todos os fatores referentes à identidade, ao estabelecimento ou não da lei e suas consequências.

Depois, foram selecionadas as informações referentes à categoria aprendizagem, tanto formal quanto informal, o que nos ofereceu dados importantes no que diz respeito à viabilização ou não da aprendizagem de menores que se encontravam institucionalizados, privados do convívio familiar.

Foram também analisados dados oferecidos nas entrevistas sobre o que estes menores vislumbram do futuro, o que esperam, o que acham que é esperado deles. E, por último, o que estes adolescentes, no momento das entrevistas, acreditavam que podiam oferecer à entrevistadora como uma lembrança, no que gostariam de ser lembrados.

Tendo em mãos as quatro entrevistas, iniciou-se a análise das mesmas de acordo com os seguintes tópicos:

1 - Família: Este ítem teve como objetivo investigar e compreender um pouco mais o que estes adolescentes vivenciaram no grupo familiar, na sua relação com pai, mãe e irmãos ou com qualquer outra pessoa que, eventualmente, morasse na mesma casa. Aqui, o que se pretendia era obter um retrato mais fiel do que tenham sido as suas experiências em família: o que, um dia amaram, o que odiaram, enfim, o que guardaram destas relações e de que forma interferem em suas vivências atuais. Estes aspectos nos possibilitariam analisar, em algum nível, o que suportam e o que esperam receber; o que acreditam que irá suprir a falta.

2 - Instituição: A análise deste ítem tinha como finalidade verificar, no momento, quais as representações que estes adolescentes tinham das suas relações com a instituição e com tudo o que esta lhes oferecia ou lhes negava.

Objetivou-se com a análise deste aspecto verificar e compreender a tão complexa relação entre uma INSTITUIÇÃO que existe pela inexistência de uma outra

instituição, a família, e adolescentes privados do convívio familiar. Esta análise nos possibilitou detectar as possíveis formas de relação dentro das instituições de e/ou para menores e, consequentemente, o que seria possível ser realizado, que papel seria possível ser cumprido por uma instituição para tal fim.

3 - *Vínculo*: Com este ítem tentou-se uma análise um pouco mais precisa das possibilidades de vínculo que estes menores apresentam. Já se inferia uma dificuldade no estabelecimento de vínculos e através desta análise objetivou-se levantar possíveis formas de relações afetivas dentro das instituições e a que poderiam estar a serviço tais relações.

4 - *Leis*: O que se pretendia com a análise deste aspecto era detectar até que ponto estes adolescentes tinham, internamente, estabelecida a lei. A lei aqui não tem o sentido somente daquilo o que é proibido mas, também do que é permitido, do reconhecimento do EU (meu) e do reconhecimento do OUTRO (seu). Tal investigação seria o que possibilitaria verificar se estes adolescentes podiam se situar dentro da INSTITUIÇÃO e mesmo fora desta, enquanto sujeitos, seres que possuem um lugar e, portanto, têm do que cuidar.

5 - *Aprendizagem Formal e Informal*: Com este ítem verificou-se de que formas ocorre a aprendizagem e a que se deve a sua eficácia. Com esta análise tentou-se averiguar como ocorre a aprendizagem, de que forma esta pode ser viabilizada pela INSTITUIÇÃO. Aqui, pretendeu-se compreender a aprendizagem possível e que afeto envolve tal processo dentro da INSTITUIÇÃO.

6 - Futuro e Lembrança: Este ítem teve como objetivo verificar as expectativas do menor frente a ele mesmo e ao mundo. Compreender o que esperam e como acreditam que possam fazer o futuro que esperam. Tentou-se averiguar também a percepção que têm frente ao que o outro (instituição, sociedade) espera dele.

Com a lembrança objetivou-se uma análise daquilo que sentem que têm e que podem oferecer e se fazerem lembrados.

Desta forma foi realizada a análise e discussão apresentada nos capítulos seguintes, nas quais aparecem as falas dos adolescentes e/ou os relatos sobre suas falas, as análises baseadas nos pressupostos teóricos da Psicanálise e no contexto de vida dos sujeitos, o que nos possibilitou um maior entendimento destes adolescentes, suas relações com a INSTITUIÇÃO e as condições exigidas para que ocorra a aprendizagem.

3- A FAMÍLIA E O VÍNCULO



*“Eu te amo
Mas, porque inexplicavelmente
Amo algo em ti*

.....
Eu te mutilo.”
(J. Lacan)

Neste capítulo e nos capítulos 4 e 5 serão apresentadas as falas dos entrevistados, a discussão destas e posteriormente a análise em relação a cada uma das categorias determinadas pelas entrevistas, tal como foi ressaltado no final do capítulo anterior.

3.1 - A FAMÍLIA

3.1.1 - AS FALAS SOBRE A FAMÍLIA

“Família é viver todo mundo junto, sem brigaiada, todos ser feliz”. Com essa frase W. confirma que a sua família está longe de seu modelo. A palavra família para ele guarda muitas coisas, porém não sabe dizer até porque são coisas que estão só dentro dele ou nem isso. Talvez esse seja um discurso que aprendeu mas não viveu. W. parece pedir esse discurso emprestado à INSTITUIÇÃO e podemos inferir com isso que essa aprendizagem o faz sofrer, o faz ver o que não teve.

Acha que é muito bom ter uma família, porém deixa claro que não tem, que não vivenciou esse grupo como gostaria. Julga que só poderia ter uma família quando a mãe arrumasse um serviço. Ter família significa para W. poder voltar a morar com a mãe que é o que ele acredita que vai acontecer se ela arrumar um emprego. Coloca na mãe e no seu serviço a única possibilidade de família: *“Seria bom mesmo se a minha mãe arrumasse um serviço, né?, trabalhasse, ai eu... ai que eu gostava”*. Conta com a frase que gostava quando podia morar com a mãe e julga que isso acontecia por causa do serviço dela. W. demonstra estar sempre à espera da mãe, que para ele é o que simboliza a família.

Em C. observamos que a família está diretamente ligada às pessoas que o possibilitam ter o pai e a mãe aos finais de semana. “*Família é o pai, a mãe, a avó e os tios e os irmãos só*”. É um só que parece ser muito, tendo em vista que nem esse só é possível ter. “*Minha família até que é boa, né?*” Até que é boa porque gosta deles e nem sabe direito porque gosta. Mas gosta e sente falta.

A família é o que torna o domingo, domingo ou o domingo é que torna possível a família. Só encontra o pai ou a mãe aos finais de semana. O domingo é dia de jogar bola, brincar, ir para o clube e C. faz de conta que seu domingo é como qualquer domingo em família, com os amigos.

Para G., assim como para W., a mãe é a figura que torna possível a família e tudo o que de bom experimentou quando vivia com esta: “... *eu ajudava minha mãe, tinha dia que a minha mãe ficava doente, eu e meus irmãos arrumava a casa, minha mãe ia trabalhar nós não brigava...*” Para ele, o pai é o responsável por todas as perdas que teve ao perder a vida em família: “*E aí até que esse dia meu pai separou dela aí teve... aí que nós foi morar na tia X.*” G. busca na lembrança uma família como outra qualquer, onde as pessoas se ajudam cooperam, não brigam... Porém, sabe que a sua família, hoje, é algo muito diferente das outras

A vida em família é idealizada como boa, sem brigas. A briga parece ser o que há de marcante na vida de G. antes e depois da mãe. Com a mãe era uma vida boa, sem brigas. Sem a mãe a vida ficou cheia de brigas, xingatórios e surras. Conta que a mãe batia nele, mas das surras da mãe ele não fugia como fez com a tia X. A mãe batia porém, a vida com ela “*era a coisa mais melhor que tinha.*”

A tia X além de bater estava contando para ele, o tempo todo, da falta que ele sentia da mãe e, consequentemente, contava que já não tinha o pai também.

Na casa da mãe era bom: "...a gente trabalhava, tinha hora que trabalhava fora." "Cata lenha, cata... assim brincava, brincava fora." Na casa da mãe trabalhar era uma brincadeira, parece que G. quer contar que lá era tão bom que até trabalhar era prazeroso.. Em família tudo é bom, a família é onde estão as oportunidades de brincar, trabalhar, de ficar todo mundo junto. Sabe que do jeito que é a sua hoje, cada um num canto, exige muito esforço para não esquecer, para ter pelo menos dentro dele , esta família: "...assim que nem eu, longe, não dá pra ficar perto."

R. não sabe o que achar de uma família. A família é um "nada não". Não sabe definir o que sente que não tem ou nunca teve. "Desenharia uma casa, meus irmãos, minha família tudo..." A casa substitui pai e mãe na fala, na prática porém, sabe que ter um teto para morar não basta. Sente que falta e a idéia que guardou de família é nenhuma, porque não lembra, não guarda nada.Ou lembra de uma coisa, depois esquece. Não gostaria de lembrar e se vê em vias de não ter, internamente, nenhuma família. Não esqueceu da família, porém não sabe o que guardou desta ou não lembra. A lembrança da família é a lembrança do trabalho: a horta, a lenha...Teve a família à medida que trabalhou para e com esta. Era bom trabalhar, mas a noite na rua tem os amigos...

O vínculo, o afeto, que o trabalho em família nos parece que não deu. Não sabe ao certo com que idade foi para a rua de ônibus, escondido da mãe ou foi para rua quando a mãe se escondia dele . A mãe o buscava na rua e isso é passado como a única forma de sentir essa mãe mais próxima. Uma mãe que batia, porém, "ia embora". Não adiantava, ele voltava para a rua. Na rua tinha amigo, "aquele branquinho". O nome não é citado. O amigo é identificado pela característica e não pelo nome.

3.1.2 - UMA FAMÍLIA IDEALIZADA E DISTANTE

A vida familiar destes adolescentes é sempre ou quase sempre “lebrada” como boa ou assim idealizada. O discurso sobre a família parece ser um discurso tomado emprestado, talvez da INSTITUIÇÃO. Falam de uma família e da vida com esta e contam o que não tiveram. O discurso é algo bastante distante daquilo que, ao longo da entrevista, declaram. Parece que tecem um discurso bonito, digno de ser contado e, aos poucos, na entrevista vão desmanchando o que teceram.

Tecer e desmanchar, uma prática comum na vida destes indivíduos. Fazem e desfazem o tempo todo como quem espera algo que não vem, porém, é preciso garantir a espera. O fato de estarem sempre esperando, parece trazer interferências significativas no que se refere à relação com a INSTITUIÇÃO e o tempo vivido dentro dela.

A espera cumpre o papel de matar o tempo e impossibilita estes indivíduos habitarem este tempo. Estão sempre habitando um tempo que se foi ou que nem foi ou habitando no que esperam, ou seja, habitam um vazio e se fazem vazios.

Berlinck (1988) afirma sobre a família: “A família é a instituição que realiza a intermediação entre os que nascem e a sociedade em que nascem”. (pág. 94) Com base nesta afirmação podemos inferir que estes adolescentes reivindicam a família como a única forma desejável de fazer a ponte entre eles e o social.

É comum entre os entrevistados o fato da família ser simbolizada pela figura da mãe. A mãe é quem garante a família e nos parece que é a quem esperam para resgatar o grupo familiar. Os entrevistados tomam cuidado ao falarem do abandono.

Há uma necessidade de isentarem a mãe da culpa da condição de abandonados que têm hoje e a colocarem em lugar de quem sofre por estar só.

3.2. - PAI E MÃE: FIGURAS INTERNAMENTE SEPARADAS

3.2.1. AS FALAS SOBRE PAI E MÃE

W. ao falar de quem morava na casa aponta o pai, a mãe, “até que uma vez saiu uma briga e eles separaram”. Tem a idéia de que foi a briga que os separou. Fala de sua casa, que era ruim “porque tinha dia que comia, tinha dia que não”. O irmão menor vai para a rua como forma de resolver a fome de comida e, nos parece que também a outra fome.

Passava fome, só a mãe trabalhava, mas ficou doente. Não sabe do que, faz confusão com a doença, o forró, a briga, a cadeia. Julga essa mãe alguém doente, que não pode trabalhar nem cuidar dele. “Minha mãe trabalhava, né?, só que tem que ela ficou doente”.

W. acrescenta: “Ele mandou prender minha mãe, aí no outro dia minha mãe perdeu o serviço”. Aqui, fica claro que ele não sabe do que sofre a mãe, o porque do não sofrimento do irmão ao entregá-la à polícia. Parece sentir que há algo em comum “nestas doenças”. A doença da mãe parece ser a cadeia. Depois da cadeia a mãe não trabalhou mais porque ela tem que arrumar a casa, não tem ninguém para ficar lá. Talvez essa seja a forma de se consolar com a falta que ele e os irmãos fazem à mãe. Uma mãe que arruma a casa para ninguém e que também fica só, e além de tudo, tem que arrumar outro serviço.

Foi morar no Centro de Formação porque lá é bom para ele. Internamente, não consegue aceitar as razões que o fizeram ir para o Centro de Formação. Diz ter enjoado de ficar em casa, mas não da mãe (frisa).

É uma casa em que, atualmente só tem a sua mãe, que apesar de o amar, lhe causa enjôo ou enjoou dele. W. explica seu enjôo assim: *"Todo dia a gente tem que ficar vendo as mesmas pessoa, as mesmas coisas"*. Parece que o que dá enjôo é ter que ficar vendo a mãe sempre do mesmo jeito, nunca do jeito que gostaria. Enjoou do fato desta mãe ser tão diferente da idéia que ele cultiva dela.

A mãe é boa porque o levou para a Medicina quando estava doente. É uma mãe que o salva da doença mas não fica com ele. É boa por muito mais coisas, mas não sabe dizer quais. *"Ah! ela gosta de mim, sempre vai lá me buscar também."* . Todavia se vê sozinho no Centro de Formação, sem a mãe que ele busca não esquecer nem deixar ir embora de dentro dele.

Vai para a casa da mãe todo sábado e diz que é "bão". Não diz o que é bom. Ao falar das visitas não cita a mãe, diz ficar brincando com os primos e *"na segunda feira eu pego e venho embora"*. Parece não "pegar" nada das visitas para trazer e o fato de ter que ir embora coloca o Centro de Formação como referencial.

O pai é bem de situação ao contrário da mãe, porém ele também não quer ficar com W.. Apesar da semelhança na situação tanto do pai quanto da mãe em relação a ele, faz uma distinção entre os dois: o pai não quer e a mãe não pode.

Parece difícil encarar a mãe enquanto alguém que também o abandona. A mãe é boa para ele porque o leva para a Medicina quando está doente. O pai é ruim pois nem o visita em casa. O pai não ia na sua casa, ia na casa dos primos, do irmão. A situação do pai nos parece muito semelhante a dele quando visita a casa da mãe: fica com os primos.

Conta que “a mãe é ...ela tem um...” A mãe mora com um rapaz e ele vai para a INSTITUIÇÃO. Tem que sair de casa para o rapaz entrar. Parece que da mesma forma que “perde” o paradeiro da mãe e não sabe direito o que tem acontecido com ela, perdeu também o dos irmãos e sente que estes também o perderam. É uma família que não é família para ele, relaciona-se com os irmãos através do sobrinho. Não é muito “chegado” ao irmão e também não quer que este chegue até ele. Espera um dia voltar a morar com a mãe e ficar com ela, tenta acreditar no sofrimento da mãe por estar só. Está esperando a mãe ter condições para ficar com ele e esta condição ele atribui ao serviço.

C. também parece fazer uma diferenciação entre as representações que tem do pai e da mãe. Como W., C. toma o cuidado de não guardar a mãe enquanto quem quis abandoná-lo, guarda a mãe como quem precisou fazê-lo. Diz que a relação com a mãe é boa, apesar de tê-la somente aos finais de semana, ou nem isso. Ela é boa porque ele gosta mais dela do que do pai.

É difícil amar o pai quando ele está bêbado e mesmo assim tem que cuidar dele. A embriaguez o faz sentir-se órfão, tendo que ser pai do pai. Mostra um pai que “quando bebe fica correndo na rua e pros lados”, e que ele sente que também corre dele, e corre sem ter para onde ir. Um pai que ainda mora com a mãe, ainda precisa de mãe e não pode ser pai.

Fala do pai, da mãe e dos irmãos. A mãe que os deixa, ele e os irmãos, até arrumar a casa dela e ele parece sentir que tem demorado: “minha mãe deixou nós até arrumar a casa dela ainda”. Fala de um pai que trabalha na fazenda, fato que parece pouco relevante na vida de C., porque ele separou-se da mãe. Observamos, uma mãe abandonada pelo pai e que abandona os filhos.

“Ah!, não foi muito difícil não”. Porém, conta o tempo todo que perdeu muito, que ficou longe da mãe e dos irmãos, o que o deixou muito confuso, meio sem rumo, como o pai que corre para os lados. Na entrevista C. parece fazer o mesmo .

C. apresenta uma certa confusão no que diz respeito ao tempo. É um final de final de semana com três, quatro dias que ele passa na casa da tia para ver a mãe que está morando lá. Aqui fica claro que é uma mãe que nem tem casa “ainda” para arrumar. Vai na casa da avó ver o pai. A família parece ter que se esparramar para que C. tenha o pai e mãe por perto. É um pai e uma mãe sem “espaço” para recebê-lo.

Não gostava da tia X, lugar que se assemelha um pouco a sua casa, porque lá também ele apanhava. Na verdade, parece não aceitar trocar de dono. A mãe o dá para a tia X assim como fez com seus outros irmãos. C. sempre foge daquilo que o amedronta, o incomoda e do que ele não gosta. Foge da tia X e vai para casa. Uma casa da qual ele parece precisar fugir ou uma casa (mãe) que foge dele; uma mãe que dá os filhos para a tia X.

A mãe fica com dois de seus irmãos, não consegue ser mãe de todos e tem a idéia de encontrar uma outra “mãe”: a INSTITUIÇÃO. Conta que a mãe via os meninos da INSTITUIÇÃO estudando e que ele fez força para ir para lá. Talvez, esta seja a forma que encontrou para acreditar que a mãe não o abandonou, ela o deixou ir. Ele foi quem resolveu a própria sorte: “*Eu achava bom. Eu fui e pedi para a minha mãe para morar lá*”.

“*Eu pedi pra minha mãe...*” parece haver uma necessidade de colocar na mãe a permissão, é ela quem resolveu se ele podia ou não ir, o que parece contraditório: Uma mãe que precisa “arrumar a casa ainda”, precisa se arrumar para tê-los. Talvez

não pudesse escolher se ele podia ou não. C. traz uma mãe que, provavelmente, precisou deixá-los.

Coloca a mãe como quem dita a lei. Uma mãe que não pode ser contrariada na lei: “*se eu fizer isso minha mãe me mata*”.

Apesar de ter sido ele que gostou do Centro de Formação e quis ir para lá, conta que a mãe o levou. Não desejou ir sozinho para o Centro de Formação. Parece que havia um desejo da mãe para que isso acontecesse ou uma dificuldade em relação a ele e ao irmão. A mãe o levara para lá porque não queria que ele ficasse muito na rua ou andasse com o primo. Aqui observa-se uma passividade, o ruim, o que estraga e o leva para a rua é sempre o outro. .

Parece que com a mãe também acredita que precisa de cuidar, ou precisa acreditar nisso para se sentir indispensável, menos desprezado. Parece ficar afirmado sempre a falta que faz para ela e para os irmãos, como forma de mostrar a falta que eles fazem para ele, a vontade de poder correr atrás deles como diz que os irmãos fazem com ele.

Em G., a figura da mãe é justamente o que o possibilita ter uma família, possibilidade perdida pra “sempre” com a morte desta. A figura do pai aparece, claramente em G., como sendo o que provoca a perda do grupo familiar e todas as outras perdas decorrentes desta. Em relação ao pai, parece haver uma ambivalência, amor e ódio e parece ser através do ódio que preserva o pai; é preciso odiá-lo para ainda tê-lo de alguma forma.

G. conta que os pais viviam longe um do outro. Um pai que queria namorar a tia, coisa que G. acha errado: “*Isso aí eu falo que não tá certo, quer largá duma mãe pra ir namorar com uma tia*.” G. se sente traído pelo pai quando este trai a mãe. A

mãe não era a esposa do pai, mas a sua mãe; a tia não era a cunhada, mas a sua tia.

A mãe dá os filhos pra tia X ao ser abandonada pelo pai. É com o abandono do pai que a mãe não pode mais comprar arroz e feijão e parece que não pode nutrir esses filhos com mais nada. Uma mãe abandonada que abandona. G. parece livrar a mãe da posição de quem abandona e culpa o pai por isso. A imagem do pai que G. guardou parece ser algo degradante, desvalorizada.

Prefere a rua do que a casa da tia X. Lá apanhava todo dia e apanhar todo dia não dá. Parece fazer uma diferenciação: pode até apanhar, mas todo dia não. Parece que o apanhar não é coisa só da tia X, o apanhar todo dia sim.

Fala no Centro de Formação que quer morar com a mãe e vai. É um encontro não com a mãe, mas com a bronquite da mãe. Não vê a mãe como a deixou mas com a bronquite que mata essa mãe e a sua intenção de viver com ela. Encontra na bronquite a morte da mãe e de tudo o que planejou. É um pai que não faz nada pra ele, não visita, não lhe leva coisas, enfim um pai que não lhe permite nem ao menos ter saudade, vontade de vê-lo: “*Não vou lá na casa dele, eu sei onde que é.*” G. parece colocar, claramente, o fato do pai não ser pai: “*Meu pai tá... não sei não, tá profundando aí porque ele não faz nada, ele não vai visitá nós, não leva nada pra nós...*”

A raiva que experimenta frente ao abandono do pai o faz querer abandoná-lo também, apesar do desejo de ter um pai: “*Ele não tem vontade de vim cá vê nós, então nós nem vai lá também não.*”

R. fala da casa, mãe, pai, padastro quase sem querer falar ou sem ter o que falar: “*A minha casa é assim... não sei.*” Não sabe falar de sua casa ou só tem isso a dizer. A minha casa é “*um assim...eu não sei dizer*”, é um desconhecido ou um co-

nhecido que não se quer conhecer. É normal. É normal umas briguinhas com o padrasto. A normalidade está em ter que travar um luta com o padrasto para ter um lugar.

O pai que morre do coração. O coração que rouba o pai e lhe dá um padrasto que discute com ele. Se dá bem com a mãe, sentia a falta dela, porém se via impedido a ir para a rua e voltar só para dormir. Uma casa onde só é possível voltar quando é hora de dormir e, muitas vezes, nem para dormir. Só se pode ter essa casa quando as pessoas, afetos, ...adormecem.

Não gostava de ficar em casa. A rua era melhor. Ficava na casa dos meninos e ao receber o salário voltava para a rua. A mãe achou melhor ele ficar no Centro de Formação do que na rua. Não se observa em R. uma percepção da mãe enquanto alguém que sofre por não poder cuidar; parece que é melhor o que cuida melhor, no entanto, esse cuidado não passa por ela.

3.2.2. - MÃE E PAI: MÃO E CONTRAMÃO NA FAMÍLIA

Encontramos nestes adolescentes a dificuldade de abrirem mão da mitificação da figura da mãe até porque é a única forma de “se garantir” um grupo familiar. A figura do pai é algo indiferente, desvalorizada, distante e ao que parece é uma imagem aprendida com a mãe. Todos os entrevistados ao falarem da família deixam claro que, mesmo quando viviam no grupo familiar já eram desamparados pelos pais.

Sobre esta questão Berlinck (1988) comenta:

“Assim, o abandono do pai não depende só de sua ausência ou degradação mas também e, talvez, fundamentalmente da maneira como a mãe fala desta figura, ou seja, depende do nome do pai pronunciado pela mãe”. (pág. 95)

Analizando esta afirmação e as entrevistas, fica clara a importância do papel da mãe no que diz respeito à figura paterna. Diante da fala e postura da mãe, estes adolescentes podem se sentir desamparados mesmo dentro da família.

Ao falarem da família, há uma necessidade de manifestarem a dificuldade da mãe em ter que ficar longe. A mãe é colocada como a figura que fica só, que sofre a falta, enfim, parecem projetarem na mãe todos os sentimentos decorrentes do abandono. É sempre uma mãe que ficou abandonada. E é na mãe que colocam o fim do abandono, a possibilidade de voltarem a pertencer a uma família, de terem uma família.

Observamos que o modelo familiar proposto socialmente é considerado como fundamental para o estabelecimento das relações sociais pela Psicanálise e outras teorias. PAI-MÃE-FILHO é ameaçado no âmbito familiar mesmo quando ainda vivem em família. Podemos inferir, portanto, que o abandono começa dentro desta e não só quando se vêem privados da convivência familiar.

É comum nas falas dos entrevistados o abandono ou a morte do pai, ou seja, a ausência da figura paterna. Esta ausência parece promover vários problemas no que diz respeito à entrada destes indivíduos no mundo social. Convivem em família com um social caótico e parecem estender este caos na convivência fora da família.

É interessante observar que alguns valores sociais são estabelecidos mesmo no caos e guardados como indícios de que um dia estiveram em família. O trabalho

é colocado, claramente, como a lembrança mais marcante da família. Lembram da família, quando lembram do trabalho, ou seja, guardaram a família à medida que guardaram o trabalho com ou para esta.

3.3 - IRMÃOS: UM JOGO QUE NÃO FAZ DE CONTA

3.3.1. AS FALAS SOBRE IRMÃOS

W. tem seis irmãos, dois dos quais ele não gosta porque batem nele. “Qualquer coisa que a gente fala e eles fala outra, eles bate na gente”. Acredita que ao discordar do outro vai apanhar. É preciso falar o mesmo que o outro porque assim não será castigado, não vai apanhar. Parece que dos irmãos mais velhos guarda apenas o fato de serem mais velhos, já que desconhece a idade deles. ‘Parece que tem vinte, o outro é dezenove, mais ou menos’.

Não tem precisão sobre a idade deles e desconhece os motivos pelos quais apanha. “Ele bate em mim é educando; mas o tipo que ele bate é muito ruim”. Apesar da afirmação não parece acreditar ou justificar o fato dos irmãos baterem nele. Precisa repetir para convencer a si mesmo e parece que à entrevistadora também.

O irmão que nele e entrega a mãe à polícia porque ela briga com uma mulher. Fica incoerente para W. a briga, o apanhar. Só se pode bater para educar. Quando não é para educar, vai para a cadeia.

O irmãozinho ia para casa somente para dormir e a sua mãe não gostava. “Um dia ela bateu nele demais...” É uma mãe que acha bom os filhos estarem no Centro de Formação porque lá não passam fome nem lhe dão trabalho. Isso parece nos contar que as surras que a mãe deu no irmão de W. é por causa de sua volta.

Era preciso que ele não voltasse, W. porém coloca na falta de serviço da mãe a sua impossibilidade de ser mãe e espera que ela o busque assim que ela arranjar emprego.

Se de um lado tem o irmão que bate nele e entrega a mãe à polícia, de outro tem o irmãozinho que lhe “oferece” a INSTITUIÇÃO. “Então, ...ai eu peguei e fui né?, ai eu fui lá vi que era bão, peguei voltei lá em casa”. Vê que é bom no Centro de Formação e logo já o considera a sua casa.

Para C. falar dos irmãos parece um tanto difícil, tendo em vista o fato que sente que se perdeu entre estes irmãos ou destes em relação à mãe. Ao falar dos irmãos, enumerá-los, não cita a irmã e o irmão que moram com a mãe. De alguma forma, sem saber como, sente que há algo que os diferencia enquanto irmãos, e os torna “menos irmãos”. Enumera os filhos da mãe da seguinte forma: “são eu, meu irmão e meu irmãozinho mais novo”. Parece que dentro dele, oferece a mãe aos que não a têm mais, aos que de certa forma a mãe deu para a tia X, à rua e ao Centro de Formação. O rolo que a mãe faz com os filhos o deixa confuso, “enrolado” em relação aos irmãos.

“Ela só tá com quatro, tinha cinco, ela deixou um”. Isso ele afirma em relação à sua mãe. Parece considerar que a mãe só abandonou o filho que deu para a tia X e que ainda continua lá, não fugiu. Fugir da tia X parece ser a forma que encontra de não ter que substituir a mãe que faz rolo e o enrola e as suas surras. A irmã ela não dá para a tia X porque lá não pode ter meninas. Não demonstra nada além disso para justificar o fato da mãe não ter dado a irmã.

Ao ser perguntado como é ficar longe deles, C. responde: “Ah!, se ficar longe mais, é ficar mais ruim, ai não tem jeito de separar”. Parece ter medo de esquecê-los. Ficar longe é ruim, quanto mais longe pior e aí é que não pode esquecer. C.

parece sentir que já existe uma distância grande entre ele e eles, distância muito maior do que a de Uberlândia e Catalão, onde moravam. Não foi tão difícil se separar dos irmãos, porque sente que dentro não se separou, que ainda cultiva os irmãos que o chamam para resolver problemas, irmãos que ficam “*tudo atrás dele*”: “Ah!, porque eu gosto deles”.

G. coloca em um dos irmãos o referencial familiar mesmo depois de estar no Centro de Formação. Parece ser este irmão o que lhe traz a lembrança da vida em família e parece que o fato do irmão se encontrar longe do Centro de Formação o fascina, porém, o amedronta, o deixa em conflito.

G. é o filho do meio numa casas com 5 filhos. “*Eu, meu irmão e outro irmão, nós três mais velhos*” estão no Centro de Formação e os outros dois estão com a tia. G. se refere aos irmãos do Centro de Formação como sendo os mais pequenos e quanto a ele, ele não sabe se é grande ou pequeno. Aqui parece haver uma confusão entre os irmãos que estão no Centro de Formação e os que estão com a tia. Parece pouco relevante se são os “*mais pequenos ou os mais grandes*”, afinal, o que importa é o fato de que estão, hoje, todos sem a mãe que morreu em 93 e sem o pai que G. sente que o abandonou assim como fez com os irmãos.

O irmão o convida para rua, para a droga e ele se vê impelido a escolher. É preciso escolher entre o irmão e o Centro de Formação, os meninos, as brincadeiras e o seu desejo de parar com a droga. Porém, tinha dias que ia com o irmão, afinal é o irmão e isso o faz sentir-se em família .

Em R. observamos que o fato de afetar-se a um dos irmãos o faz sair da indiferença, da “normalidade”. Fala deste irmão como quem conta para mim e para si que ama alguém com o qual se preocupa e reza... Porém, ao falar dos outros se

mantém morno, parece que estes não conseguem acordar nada dentro dele e ele faz um acordo com a neutralidade da emoção.

Irmãos? Sente falta dos irmãos porque são irmãos, mas de vez em quando vai lá. Chegar em casa é normal, como se chega na casa da gente, porém não sabe dizer. Parece que chegar em casa é chegar numa casa que já não é mais a dele e isso é visto como normal tanto quanto é normal as brigas com o padrasto. Não sente saudade porque vê os irmãos na rua. A rua é o lugar de ver os irmãos, matar a saudade.

No pensionato onde mora tem um punhado de gente, tem até o irmão. O irmão trabalha no Centro de Formação de técnico, e ele, o rebelde, é expulso do Centro de Formação, por isso cada um para o seu lado. Cada um tem um lugar dentro e fora de R.. O irmão vai para o Fazendão (casa noturna) se divertir e o seu lugar é a rua, onde provavelmente também se diverte, porque hoje em dia só sai para dar umas voltas. A relação com o irmão ele diz ser normal, como também o é a com a família. Normal parece estar ligado a indiferente, ao morno. Tanto faz morar ou não com o irmão no mesmo pensionato afinal possuem lugares diferentes. Ocupam lugares diferentes.

Um outro irmão é citado por causa das mulheres e filhos que tem. A irmã é citada como sendo a casa que ele tem para ir aos sábados. Parece que tudo que é dito em relação a família é morno, “normal”.

Demonstra um afeto diferente pelo irmão que está preso. Acompanhava o irmão nos roubos de carros que “roubavam só para andar, para colocar coisas dentro, bujões de gás...” Desde pequeno rouba. Nem se lembra como aprendeu. Espanha-se com a pergunta e fala como se perguntasse se é preciso aprender a roubar. Roubar também é um “não sei”. Não sabe a marca dos carros mas eles andam e é

só isso que quer. Não parece saber dizer direito o porque do roubo; rouba só para andar, para ser companheiro do irmão, por afetar-se ao irmão. Defende o irmão da briga. Gostaria de passar o carro em cima do “cara”, porém não sabe manusear o carro como sabe fazê-lo com a faca. O carro não o protege de nada.

Fala do irmão com afeto. Sente que ao ter esse irmão, tem um amigo, o mais de todos; talvez por buscar identificar-se à alguém. É diferente do S. (o irmão que mora no pensionato) que ocupa um lugar diferente. O S. é muito diferente, não pode se identificar com ele, não pode tê-lo como modelo, até porque, apesar de morar no mesmo pensionato, está muito longe. Se vê muito distante, impossibilitado de amá-lo como ama o outro irmão. Um irmão que o faz rezar. O irmão é visto como pai, sente que cuida dele, o protege, dá “coisas roubadas, mas dá”. É um irmão que o ensina e com quem ele consegue aprender, não esquece.

Com o irmão, ele aprende que a droga é ruim e que não deve usá-la. O único vício do irmão é roubar, um vício que ele acredita também ter ou que é sentido como sendo o que o aproxima do irmão. O que faz deles companheiros, deixando-os “iguais”. Sente que o irmão corre risco na cadeia por estar aliado à polícia, às vezes, aliar-se ao mais forte é mais perigoso. Talvez, com isso, ele admita mesmo sem clareza, o fato de que ao aliar-se ao mais forte não o torna forte também. O irmão entrega o que rouba para a polícia e por isso não apanha, mas é ameaçado pelos colegas. Seu irmão também rouba desde pequeno porém, ao falar a idade em que ele começou diz ser aos dezesseis anos. Não consegue imaginá-lo como criança.

Reza para os irmãos pequenos, para a mãe...não reza para si próprio. Não pede nada para si. Na tentativa de ser tão onipotente, diz não precisar de nada. Não sabe o que pedir para si ou não gostaria de ter que pedir.

3.3.2 - IRMÃOS: A REFERÊNCIA QUE NÃO FALTA

Observamos nos entrevistados que o papel que os irmãos ocupam em suas vidas se diferenciam em alguns aspectos, no entanto, se assemelham no fato de que a figura do irmão parece estar sempre associada à família. Parece que ter família é ter mãe e irmãos e isto basta.

Alguns entrevistados têm irmãos que também moram na INSTITUIÇÃO. A relação observada nas falas é a relação de irmão que briga, brinca, protege e vários outros aspectos inerentes à relação de irmandade. A figura do irmão aparece, às vezes, associada à lei; uma lei que não é só para ele, mas também para a mãe. A lembrança de um irmão que “educa” com surras ou chamando a polícia. Porém, está também associada ao irmão a possibilidade de mudar de vida.

Freqüentemente, ter irmãos significa correr riscos e isso parece levá-los a ter que escolher entre o Centro de Formação, a casa que têm hoje, e o irmão e a possibilidade de se sentirem “em família”. Há uma necessidade de cultivar os irmãos, internamente, mantendo assim, a expectativa de reconstituição familiar.

Observamos também o fato de que no irmão pode estar o referencial familiar na falta da mãe. Parece que a morte da mãe exige um substituto e isso, às vezes, se realiza através de um dos irmãos. Uma figura de irmão que é guardada como referencial, modelo, cuidado e proteção. Através da relação com o irmão, muitas vezes, se descobrem impotentes, preocupados, amedrontados e rezam. Em relação aos irmãos, o fato de se verem diferenciados, de não se sentirem iguais, os deixa, internamente, sem irmãos.

3.4 - A BRIGADEIRA DE BRINCADEIRA

3.4.1 - FALAS SOBRE O VÍNCULO

Felicidade é “*ter amigo, não brigar com ninguém, ter estudo, trabalhar, fazer força para respeitar*”. Felicidade é tudo o que não viveu e conta com isso que esta definição não é sua. Não se pode amar o que não se vê ou não se conhece. O que ele viveu foi desrespeito: tem que sair para o rapaz entrar, apanhar para ser educado, presencia brigas e essas levam embora o trabalho. Portanto, felicidade é algo que também espera tanto quanto espera que a mãe arrume um serviço e o busque. “*Ser amigo é respeito um ao outro*”, é portanto estar feliz.

O instrutor que o inclui no grupo, ele coloca dentro de si com afeto e com nome. O instrutor o reconhece, a sua capacidade, seu nome e o escolhe. Parece que W. também o escolhe, tendo em vista que é o único de quem se lembra o nome. Dá um lugar para o nome do instrutor dentro dele. Gosta também de um instrutor que não lembra o nome, o qual provavelmente também não lembra o seu. Se refere a esse instrutor enquanto um *ele*. É um ele diferenciado porque é “*legal com eles*”, porém não o coloca claramente como um instrutor que ensina: “*ele estuda lá também, ele é muito legal com a gente*”. Talvez, W. faça aqui uma diferenciação da figura do instrutor com as outras, no fato de um poder ser legal e os outros apenas instrutores.

Aquilo que é sentido como muito bom lhe parece inacreditável: “*Foi bom de mais para mim. Quando eu olhava lá assim eu nem imaginava que eu tava ali*”. É difícil se imaginar num lugar tão bom, mostrar o bom que tem dentro de si; poder se mostrar naquilo que ele acredita que tem de bonito: a dança.

Todo mundo coopera, ninguém compete. Parece que para W. todo mundo tem que cooperar com o desejo da INSTITUIÇÃO de torná-los todos iguais, tornando mais fácil sua árdua tarefa: “*Lá todo mundo lá é igual um com o outro*”. E ser igual significa ninguém ser melhor que ninguém. Talvez, esteja aí a necessidade que W. tem de se ver entre os iguais, de um servir como parâmetro para o outro, mas nunca para ser melhor, sempre para ser igual. Nesta igualdade, há uma indiferenciação que dificulta coisas básicas como reconhecer-se enquanto único, diferente; nem melhor, nem pior mas diferente, dificultando também diferenciar-se do outro: “*o povo lá*”.

Para W, a briga também está sempre no outro, é o outro quem provoca, que o instiga a brigar: “*É o outro que mexe até a gente querer brigar*”. A briga é sempre resultado de uma provação, ora um provoca, ora o outro. Parece que a briga ocorre como forma de se testar, de definir quem sou eu e por isso, parece ser necessário brigar. É sempre no duelo que cada um define quem é, é na briga que a desigualdade é sentida. Para não ser igual é preciso brigar: ”*É muitas brigas, né? mas continua sendo amigo do mesmo jeito*”. Briga, briga até continuar, até voltar a ser do mesmo jeito, tudo na ordem estabelecida; como esta ordem é impossível as brigas estão sempre presentes. É só na briga que se dá a competição.

C. convive com as pessoas grandes, em quem acredita que encontrará proteção. Quando teve medo na rua, do que poderia fazer, correu para o lado das “*pessoas grandes*” e se colocou como diferente do pai, que corre para os lados sem saber para onde ir. Parece que se liga às pessoas grandes por precisar e acreditar que elas possam contê-lo nas coisas perigosas, as quais ele se sente incapaz de evitar (roubo, brigas ...). É amigo dele quem o separa das brigas, quando ele quer

brigar. Amigo é aquele que pode contê-lo na raiva, que o segura quando ele não pode fazê-lo. Parece seguro na presença do amigo.

De quem não gosta num sabe o nome “é *um menino lá...*” Dos amigos cita os nomes, consegue atribuir um juízo de valor ao melhor amigo. É o melhor porque “nós *conhece desde muito tempo, né?*”. Conhecer bem o faz poder amar o amigo. Viveram juntos na tia X. A cumplicidade parece os tornar mais amigos. Gosta menos “*dos meninos é ...que faz graça e quer bater nos menores*”. E ,de vez em quando, briga com o irmão, parece não gostar de ser acordado na raiva, impulsividade e agressividade: “*Uai, hora que eu tô sossegado lá, dormindo lá, ele fica zuando eu. fica fazendo essas gracinhas assim*”. Uma vez tendo suas coisas acordadas, ele também quer acordar as dos outros: “*eu num é sapato não, eu taco é água duma vez prá acordar*”.

Parece que a briga com o irmão o faz sentir que tem um irmão. É um irmão que ele protege no futebol, porém, com ele também briga sempre. Não gosta de nenhum jogador em especial. Gosta é de tê-los como modelos: “*eu gosto quando eu vejo ele, eu vou treinando, treinando*”. Gosta de fazer gol, porém, não chuta forte para não machucar o irmão que é goleiro. Acredita que para satisfazer seu desejo teria que machucar o irmão. Parece ter medo é do próprio desejo, desse desejo de ser uma bomba: “*eu não gosto de dar bomba no meu irmão que machuca ele*”.

C. gostaria de ser o “*mais melhor*” jogando bola. Não gosta do gol porque não está acostumado. Parece não gostar do que não está acostumado. Quando acostuma-se demais enjoa. Isso parece nos contar que há sempre um limite ao se tratar do afeto. C. se afeta até um determinado ponto, de modo a não desconhecer nem a conhecer demais a ponto de enjoar.

Consegue determinar o que é seu e o que é do outro e tem conhecimento, mesmo que o desrespeite. É preciso a ordem vinda de alguém, o primo, que lhe permita mexer no que não era seu. Quanto a questão da ordem, C. sempre se coloca como sendo objeto de invasão do outro. Ele nunca dá a ordem, porém, o outro está sempre resolvendo, invadindo e falando por ele.

Coloca que na INSTITUIÇÃO há ajuda entre as crianças. Quando querem brigar “nós não deixamos...” O “eles querem brigar” parece se referir a ele, mas é preciso projetar a briga e a agressividade no outro, é este quem procura a briga e faz ou tira a graça. Busca sempre se colocar enquanto quieto e passivo, sendo instigado pelos outros meninos a brigar. Querem ser melhor que o outro na briga. C. coloca a briga como um instrumento que o faz se diferenciar. Na briga é que ficam sabendo quem é melhor. É preciso se sentir melhor em alguma coisa. Parece descobrir ou procurar as diferenças através da briga.

C. parece se irritar com as gracinhas que os colegas fazem, porém se sente orgulhoso ao contar que foi jogado na piscina no dia de seu aniversário, afinal não era um dia qualquer e isso o faz rir (risos durante a entrevista): “...era o meu aniversário”. E a piscina que naquele momento simbolizou a homenagem se torna o que ele mais gosta: “... o que eu gosto mais é de piscina mesmo” até mesmo que do futebol. Fazer aniversário é bom, porém, confunde o dia: é dia 15, é 16, assim como se sente confuso em relação ao que mais gosta: é do futebol, é a piscina, são os dois.

Cita amigos fora do Centro de Formação, dá nome a esses amigos: Sr. Neno, João, Juca. Um punhado de amigos, um punhado de lugares para ir. Parece que só pode sentir-se reconhecido pelo outro quando é útil. Em casa, quando precisam dele vão chamá-lo. Com os amigos ele diz ajudar a olhar os filhos, e isso parece

deixá-lo mais longe da condição de filho. C. se coloca sempre no lugar de quem olha, de quem resolve, talvez como forma de mascarar sua impotência. Parece fantasiar uma importância que não pode sentir como verdadeira.

Em G. observamos que das pessoas com as quais convive na INSTITUIÇÃO sabe os nomes e parece reconhecer-las enquanto importantes pra ele. Com o caseiro ele demonstra respeitar e ser respeitado. Parece procurar no caseiro a figura do pai tão desfacelada dentro dele. Sua relação com o caseiro parece possibilitar a G. dar uma nova face à figura masculina: *“Porque ele conversa com a gente, brinca, porque senão, se ele não explicasse, não ensinasse, não ia ter jeito, né, porque a gente tá muito pequeno e a gente tem que aprender também.”* “A gente tá muito pequeno” e ainda precisa de alguém que guie, que direcione, que seja pai e G. parece atribuir ao caseiro este papel e é com o caseiro que ele aprende muitas coisas. O amor o possibilita aprender.

“Gosto de todo mundo mais só que tem uns que não é legal não”. Gostar não lhe traz riscos, porém, o não gostar ele tem que deixar pra lá, pois pode precisar do outro. Se ele não gosta, ele não pode pedir: *‘Uns menino, tem uns que... ah! deixa pra lá, né? Um dia eu posso, querer alguma coisa, eles tem alguma coisa eu não peço eles...’*

G. coloca que lá todo mundo é igual, não tem ninguém melhor que ninguém e brigas, custa acontecer mas tem. Parece ser na briga que descobrem ou tentam descobrir onde são diferentes. A briga é o instrumento de diferenciação, mesmo que esta seja feita quando se diz: *“Eu não brigo, quem briga é eles.”* É, sem dúvida, uma afirmação de quem reconhece um outro, e um outro diferenciado do eu. Porém, dentro da INSTITUIÇÃO para se sentirem enquanto eu parece que precisam brigar. É preciso brigar pra ser EU.

Os meninos maiores são sempre uma ameaça porque batem. É preciso se submeter à lei do mais forte também dentro da INSTITUIÇÃO. O domínio que alguns meninos têm se deve à força. G. diz não aceitar apanhar daqueles meninos. Parece que do irmão ele aceita porque é diferente, não aceita apanhar de quem ele não tem nenhum parentesco: “*Não sou irmão, não sou nem parente dele, ele vai me bater à toa?*” Parece que, na fantasia de G., filho é feito para apanhar, tendo em vista que apanhava do pai, o qual parece que só foi pai para G. ao bater nele e isso ele guardou: “*Querendo me bater, falei: não rapaz, vai correr pro lado e fazer um filho pra você bater nele, se acha bom bater, então porque não faz um filho?*” Na cabeça de G., seu pai o fez para ter em quem bater, porque não sente que recebeu outras coisas deste pai.

A ajuda ao outro é a forma que parece ter de agradecer um dia ter sido ajudado, é grato a esta ajuda, parece que se sentiu menos só ao ser ajudado e ao ajudar também o sente: *"Ah! me ajudaram a trabalhar, né? a acabar logo pra nós ir almoçar junto."* Trabalhar junto para almoçar junto, isso parece trazer a G. um tempo que ele diz ter sido bom, um tempo que sempre estava junto, trabalhava junto, brincava junto, vivia junto.

Se dá melhor na INSTITUIÇÃO com o irmão, porém não tem o que dizer desta relação: *"Ah! é boa, só que eu não quero falar não."* Parece, realmente, não querer falar da relação, cuida desta dentro dele como quem cuida de algo muito seu, algo muito frágil que não pode estar exposto a ninguém ou a nada e ameaça quando a entrevistadora insiste: *"Ah! então vamos acabar logo."*

R. coloca sobre as relações dentro da INSTITUIÇÃO: “*cada um quer ser melhor que o outro*”. A forma de ser melhor que outro é se aliando aos técnicos e entregando os companheiros, fato que parece denunciar que, dentro da INSTITUIÇÃO funcionam

nam obedecendo a lei da rua: a do mais forte. Tornar-se forte é estar do lado do técnico, se diferenciando, mesmo que ilusoriamente, do companheiro.

No Centro de Formação é cada um por si, não se pode confiar em ninguém. Vive como se tivesse o tempo todo algo que não pudesse ser descoberto e por isso ele se defende do outro sempre. Está sempre esperando para ser entregue ao técnico.

Convive melhor com o Ra. que é “*pequeno mas já é malandrinho*”. “*Ele não mexe, já é maduro, ele já sabe se levar*”. Já sabe se levar como ele sabe. O Ra. não mexe com ele nem no que diz, nem no que mobiliza dentro dele. Acredita que o Ra. seja tão frágil quanto ele, não é como “*os caras grandes que querem ser homem demais*”. R. ainda nem sabe direito qual é a dimensão, que tamanho tem o fato de ser homem. Ser homem para ele, ainda depende do uso da faca. O que não deixa de ser significativo, simbolicamente falando. Não suporta os grandes porque se sente ameaçado, tem que ficar cego a qualquer momento. Sempre se deu bem com as pessoas que trabalham na INSTITUIÇÃO. Se dar bem significa nunca ter brigado, nunca mexer com ninguém, não xingar. Parece que ao brigar ele estraga tudo. É preciso ter a emoção imobilizada para não ter que ficar cego de raiva.

A pessoa (entre os técnicos) com quem se dá melhor é a que julga ensinar-lhe coisas que não se aprende na escola, na horta. Aprende com ele coisas como ter que rezar antes de comer o que, parece estar associado ao aprendizado oferecido pelo grupo familiar. Esta pessoa não precisa ensinar-lhe coisas da escola, pois com estas ele não tem paciência, ele ensina coisas que ele não aprenderia em outro lugar, talvez por falta de ter quem pudesse ensiná-lo. Isso torna este educador especial a ponto de poder dar uns cascudos, ser um “*espancador*” (tapinha de amor não dói). Durante a entrevista, este pareceu ser o afeto mais evidente.

Sempre precisa se defender dos caras. Os caras são sentidos como grandes e com o que é mais forte só a faca pode resolver. “*Não preciso ficar brigando igual galo, mete a faca e acabou.*” O sentimento de mais fraco toma conta e ele deposita na faca a esperança de vencer. De se ver respeitado. Não sofre por ter enfiado a faca, porque não foi a primeira vez. Com isso, me conta que foi difícil a primeira vez. Não é ele que se protege do outro, das coisas que o outro diz ou faz; é a faca que o protege e resolve tudo rápido. Sente que a qualquer momento pode precisar da faca. De proteger a si e às suas coisas. Com o padrasto não usou a faca mas perdeu a mãe para ele.

Brigar com a mão é igual a briga de galo. Brigar com a faca não é briga. Com a faca se resolve tudo na hora. Passa pela cabeça que tudo na hora é melhor e, ele tenta, nos parece que em vão, ter o que quer na hora, usando a faca. Ameaçando com a faca. Conta que alguém também age como ele, enfa a faca quando se sente invadido. Há talvez aqui uma identificação: aprendeu que assim se faz para se proteger.

O baralho do amigo é seu, porque o amigo é seu. A invasão daquilo que é sentido, de alguma forma como sendo seu o deixa cego. “*Nem amigo nem colega. É um trem esquisito.*” O amigo não é esquisito, empresta o baralho e o faz dono do baralho. O trem esquisito rouba o baralho e o faz ver que o baralho também não é dele.

“*Não, eu não cacei, ele caçou.*” Novamente, se coloca como sendo dirigido pelo desejo do outro. É um outro que vai sair e quer “*levar*” um, não quer sair sozinho e, de outro lado R. que tem a necessidade de sentir que resolve sua vida: “*então cê vai levar eu. então vamos embora.*” R. parece acreditar com isso que fez a opção embarcando na história do outro, fazendo dela uma história também sua .

O outro é que mexe, ele está sempre quieto. Quando serve a comida para os companheiros se sente inferiorizado, é considerado o “escravo” e isso o deixa irritado. O que parece é que ao servir entra em contato com a condição de estar sempre submetido a alguém ou alguma situação. A submissão o deixa “quieto” esperando o momento de se defender com a faca. É a faca que o defende, que o faz o senhor, o dono da situação, que o faz temido. O outro corre e isso, na entrevista, o faz rir. Na verdade, o que parece achar engraçado é o fato de que alguém tenha medo dele, na sua fragilidade tão bem expressa no freqüente uso da faca.

3.4.2 - O OUTRO: UMA POSSIBILIDADE DE VÍNCULO

Na INSTITUIÇÃO observa-se um esforço para manter o igual, é muito difícil ser único. Há uma tentativa de sobrepor a cooperação à competição e, no entanto, o que se verifica é que os adolescentes estão sempre brigando e mais, é muito freqüente a briga ocorrer durante as brincadeiras. Parece que a briga tem que tomar o lugar do brincar e fazer deste uma tentativa de resgate do EU. Na briga são estabelecidas as diferenças.

A competição é percebida, algumas vezes, e o caminho apontado para alcançar o lugar de melhor parece ser a aliança que estabelecem com os técnicos ou companheiros maiores. Ser melhor parece exigir que se desvinculem dos que consideram “iguais” e se vinculem aos que percebem como fortes. É comum procurarem este tipo de relação para se sentirem “poderosos”.

O poder, a busca de ser o melhor quase nunca passa pelo individual, está também associado ao outro e não é qualquer outro, mas aquele ao qual delegam

tal poder. O vínculo com estas figuras os fazem tomar para si o que atribuem a estas pessoas. Tomam emprestado o poder e precisam se sentir fusionados, misturados.

O vínculo, dentro da INSTITUIÇÃO, parece possibilitar a aprendizagem de coisas que consideram importantes e que, geralmente, estão associadas à família. O vínculo estabelecido com o adulto parece cumprir também o papel de suprir a necessidade de serem contidos na raiva, na agressividade. O outro é amigo quando contém, quando livra do perigo que, freqüentemente, é colocado como pertencendo ao mundo externo. As coisas que consideram ou aprenderam como ruins, costumam colocar como pertencendo ao outro.

Parece necessário se livrar do perigo interno e isto eles fazem projetando no outro a provocação, a raiva, a agressividade, a ação. Neste aspecto observamos uma passividade, uma crença de que o mal está com o outro e é este quem o dirige. O outro é sentido como o sujeito do amor e do ódio e, como sujeito é o dono da ação, do fazer.

O amor parece ser aceito com mais facilidade do que o "não amor". Aprendem amar o bom e, quando não gostam, se sentem culpados, perseguidos por este sentimento que tanto lhes incomodam e os fazem incomodar. Amar os possibilita a dar nome. Durante as entrevistas, observamos que, ao nome, é dispensada grande atenção, importância. Parece que amar e ser amado está diretamente ligado a ter nome, a dar nome.

Se de um lado está a INSTITUIÇÃO sem saber ao certo o que fazer e como fazer, de outro observa-se esta mesma dificuldade nos adolescentes. Estes buscam, em algumas pessoas com as quais convivem na INSTITUIÇÃO, substituir figuras que sentem que perderam ou que nunca tiveram. Nas relações estabelecidas dentro da

INSTITUIÇÃO tentam resgatar imagens ou dar uma nova face a imagens que se en-contram, internamente, desfaceladas.

Marin (1988) observa sobre o vínculo nas instituições:

“Percebe-se uma dificuldade das atendentes: sentem culpa por não poderem garantir a permanência de um vínculo para essas crianças, já que é inevitável a saída delas. ‘É melhor tentar a indiferença.’ Como dar afeto, se ligar e depois perder?” (pág. 57).

Diante da afirmação de Marin podemos inferir o quanto delicado é o vínculo nas instituições; de um lado temos toda a equipe com suas dificuldades tanto decorrentes de fatores externos quanto dos pertencentes ao mundo interno de cada um e, de outro lado temos adolescentes com experiências que contam muito pouco de gratificante em relação ao amor.

A cumplicidade, o fato de terem experimentado juntos algumas situações e relações, parece reforçar o vínculo. Ao se sentirem acompanhados, mesmo que na lembrança, tornam o outro mais próximo e o fazem amigo. Porém esta proximidade não pode muito grande. O afeto parece ter uma medida possível de ser suportada. O desconhecimento parece impedir o vínculo, porém, conhecer demais faz com que não o suportem.

Em resumo, poderíamos colocar que, o vínculo está muito associado ao reconhecimento daquilo que sentem como sendo seu. Amar ou não parece depender sempre do outro, o outro é quem dirige o amor ou o ódio. O fato de se sentirem únicos, diferentes frente ao outro parece possibilitar-lhes o amor.

4.1 - INSTITUIÇÃO: O LUGAR DA ESPERA

W. conversa no Centro de Formação para poder morar lá e depois muda de idéia. Queria morar no C.F. e não somente ficar lá durante o dia, parece, no momento, esclarecer de que fome ele se queixa. Não basta comer no C.F., é preciso matar a fome que a comida e a mãe não mata.

O C.F. era ruim porque a “molecada batia” nele. Foge da casa da mãe, das surras dos irmãos e cai nas mãos da molecada do C.F.; foge também de lá. Parece sentir que não tem lugar, volta para o C.F. Foge do Centro de Formação porque apanhava, assim como apanhava em casa: “depois o Centro de Formação ficou melhor e eu voltei, porque a gente gosta um do outro”.

Fala do Centro de Formação como se fala da própria casa: “tem tudo que a gente quer”. Diz que tudo o que quiser ele pode, em seguida se contradiz: “depois eu vou embora”. Apesar de ter tudo como diz, não tem o que queria e que o Centro de Formação não pode lhe dar e espera ir embora. O ideal é a família e só será bom e terá realmente tudo o que quiser quando estiver em família. O fato de sentir que o Centro de Formação é melhor que a sua casa gera culpa e ele diz: “depois eu vou embora”.

Acredita que dentro do C.F. tenha que gostar mais dos irmãos e faz isso como forma de manter o laço familiar. Além dos irmãos gosta muito do A., que briga com ele, hoje brinca e o permite brincar também. Talvez, essa relação mostre para ele que a briga nem sempre é desastrosa, que é possível gostar mesmo depois de ter brigado muito e isso nos parece que o tranqüiliza, a ponto de ter podido colocar esse amigo enquanto único, com nome e tudo.

4 - INSTITUIÇÃO E LEIS



*“Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo da Natureza não é porque saiba o que ela é.
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...”*
(Fernando Pessoa)

Gosta de todo mundo no C.F. e convive bem com os diretores, apesar de ter esquecido o nome deles. O gostar está relacionado com o outro, no sentido de que, se o outro gosta ele gosta também, porém isso nos parece indiscriminado, porque o outro nunca tem nome; é qualquer um que gosta dele.

Tenta preservar o pouco que lhe sobrou da família. As pessoas com quem mais se relaciona no Centro de Formação são os irmãos, apesar de repetir com eles, que são menores, o que viveu com seus irmãos maiores: bater para educar. Preocupa-se com os seus irmãos menores porque fumam e aprendeu que isso é ruim. Teme que eles fumando não tenham uma vida normal, não cresçam. É o cigarro que impede uma vida normal e o crescimento. Parar de fumar significa resgatar a normalidade e a possibilidade de crescer.

Para W. é fácil falar isso, porém ao dizer que bate nos irmãos para lhes ensinar, ele conta que não acredita nisso, pois não fuma, não vive uma vida normal e não cresceu.

Na briga é preciso um sair prá lá o outro prá cá, para poder preservar o respeito. Só com a separação é possível dar volta às brigas. A briga nem é briga, é discussão e assim W. parece amenizá-la.

A INSTITUIÇÃO ameaça fechar e lhe causa medo de novamente ser abandonado. Tem sentimento de culpa por achar que está dando trabalho como em casa. A questão diante deste fato é a seguinte: que tipo de vínculo é possível estabelecer nesta relação menor/instituição se a última se coloca em risco de fechar? O que se pode aprender diante deste amor tão regrado? W. deixa claro sua preocupação e angústia diante do fato de não lembrar praticamente nome algum. É como se o seu esquecimento o livrasse da dor ao perder. "Ah!, dá despesa prá prefeitura ai não quer dá mais a cesta..." A prefeitura pode parar de mandar a cesta e W. tem medo

da INSTITUIÇÃO ficar como a sua casa: sem comida e de não poder mais suprir a sua “fome”.

Valoriza o trabalho porque é a esperança de ter a mãe e a família de volta, assim como o trabalho que faz no Centro de Formação, segundo ele, lhe dará um futuro melhor.

De forma semelhante C. fala da vida antes da INSTITUIÇÃO como sendo muito boa, porém explica ter ido para o Centro de Formação porque gostou muito de lá. Diz que foi porque quis e que irá sair com dezoito anos porque quer. Vai para o Centro de Formação porque quer, mas a mãe tem que se arrumar para ficar com ele. Sairá aos dezoito anos pois é norma da INSTITUIÇÃO. Diz que com dezoito anos vai pegar os “negócios” dele e voltar para a casa da mãe. Aqui a perspectiva do futuro se assemelha muito ao passado vivido.

Quanto a noção de tempo C. parece confuso. É um não sei, são cinco dias que viram muito tempo. O tempo fica associado aos lugares; a INSTITUIÇÃO, a tia X. Ao falar o quanto era boa a sua vida antes da INSTITUIÇÃO parece confundir o tempo. Não sabe mais se o que gosta foi o que viveu em casa ou o que vive na INSTITUIÇÃO. Faz da vida na INSTITUIÇÃO algo que possa reviver o que viveu: andar a cavalo, tocar o gado, pescar.

C. parece ter fantasiado na tia X. um trabalho remunerado, que lhe possibilitasse “comprar roupa, sapato, esses negócios assim, camisa ... esses negócios... meia também”. No entanto, no decorrer entrevista, conta que entregava todo o dinheiro. Nem do próprio trabalho podia colher os frutos ou tomar conta de seu salário. Novamente parece contar do quanto foi invadido. Diz não ter dado conta de carregar os rodos que vendia e que a tia X estava doente demais. É evidente a sua recusa pelo fato de ter sido “dado” à tia X, uma mãe que era doente e que o fazia

carregar muito peso. Fugiu da casa da tia X porque não gostava mais. Enjouou de lá pois considerou que havia morado naquele lugar por muito tempo. Mais adiante, na entrevista, conta que ficou apenas cinco dias. Fugiu para a casa da mãe como recusa a trocar de mãe e de casa. Porém, parece que não se sente acolhido e vai ou é levado, doado para a INSTITUIÇÃO. *"Eu fui para a casa da minha mãe e da minha mãe eu fui para a INSTITUIÇÃO".*

Parece gostar do Centro de Formação porque precisa de ter algo de que goste. Conta que de vez em quando nem sai aos finais de semana porque não quer, porém, o que parece é que nem tem para onde ir aos finais de semana. Parece que o seu referencial, neste momento, é o Centro de Formação. A INSTITUIÇÃO é o referencial mais próximo do que ele é e do que faz. O trabalho, o dever são a possibilidade de sentir a si mesmo e de sentir-se acolhido. O que espera da INSTITUIÇÃO é que possa continuar fazendo isso tudo.

O trabalho no Centro de Formação é remunerado e ele recebe pelo que faz. As crianças competem por causa do dinheiro. Quem faz mais ganha mais. Parece se sentir mais dono de si quando fala do trabalho no Centro de Formação.

"Ah!, minha vida até que é mais melhor para mim". É uma vida melhor porque gosta da INSTITUIÇÃO, dos amigos e porque *"não gosta mais de mexer em trem dos outros, das pessoas..."* A INSTITUIÇÃO parece que é vista como sendo o que garante que na INSTITUIÇÃO aprende a não roubar. Parece que C. pode se sentir afetivamente mais garantido, menos desprotegido e é um afeto que ele não precisa roubar. Do lado de lá é que estão as coisas ruins, das quais ele diz não gostar mais ou não pode mais gostar. O lado de lá (fora da instituição), o faz emagrecer, lhe oferece pouco para se nutrir. O lugar que ele não gosta o faz emagrecer e ele não gosta de

emagrecer mais. Acha que já “emagreceu demais”. Deseja nutrir-se de coisas, que não sabe se o Centro de Formação irá lhe oferecer. Porém, ainda acredita que sim: “com dezoito anos eu vou pegar os meus negócios e vou embora para a casa da minha mãe”. Para a casa da mãe deve retornar “nutrido”, o risco que há na casa da mãe pode fazê-lo emagrecer.

A rua o torna menos “bom”, e o Centro de Formação é o que vai curá-lo. “...agora eu fiquei lá e tou melhorando”. A INSTITUIÇÃO se mistura aos internos e ele espera da INSTITUIÇÃO o que espera deles: “Prá eles não brigar, não tracar briga, num...num mandar nos outros, num bater nos mais pequenos”. C. parece esperar que a INSTITUIÇÃO seja capaz de conter os meninos.

G. mora na INSTITUIÇÃO para ter um lugar, ter “coberta” e “ter o colega...”. Quanto à vinda dele para o C.F. diz que pediu para vir. A vida dentro da INSTITUIÇÃO diz ser bem melhor do que a vida na rua, é uma vida mais segura. Ir para a INSTITUIÇÃO significou aprender, ter que conhecer as normas. Não dá para ficar na rua “descoberto”, sem descobrir. A INSTITUIÇÃO deu a G. a possibilidade de estudar, o vida na rua com a vida na INSTITUIÇÃO.

Parece encontrar na INSTITUIÇÃO o avesso do tudo que tinha na rua: “Tem de tudo lá.” A rua também tinha de tudo, porém era um tudo que, segundo ele, não prestava. Na INSTITUIÇÃO é um tudo ao qual parece satisfazê-lo em muitos aspectos, aprende a trabalhar, tomar banho e rezar antes de comer, joga dama e com a dama aprende a não apelar, aprende a perder e desocupar seu lugar para o outro. Mesmo assim, ficar ali significa ficar longe dos irmãos. Para encontrá-los é preciso ir para a rua.

Para ficar na INSTITUIÇÃO é preciso esquecer o que aprendeu na rua e com os irmãos. Apesar de demonstrar desejo de mudar, G. parece ficar em conflito por ter que se distanciar dos irmãos tanto físico como emocionalmente. Ele se sente muito longe dos irmãos e, às vezes, tenta se convencer e convencer à entrevistadora que os irmãos estão tendo oportunidades boas. Na INSTITUIÇÃO não entra droga, coisa roubada, não pode brigar e G. nem sabe ao certo se esta INSTITUIÇÃO pode suportá-lo e se ele a suportará. Se poderá suportar a falta que sente dos irmãos e de muitas outras coisas.

O irmão foi mandado embora do C.F. por causa de bagunça, mora com a tia e está tendo uma oportunidade boa. A oportunidade boa parece ser vista como possível somente fora do Centro de Formação. O C.F. conta para G., a todo momento, a falta que sente da vida em família, o que o faz ter raiva da INSTITUIÇÃO. Parece sentir dificuldade para afetar-se ao C.F. e a tudo o que este lhe proporciona. A INSTITUIÇÃO é vista por G., em relação ao irmão, como quem também abandona. Para ficar no C.F. é preciso também não brigar, é preciso ajudar, cooperar, trabalhar, porém, parece que G. ainda não sabe fazer isto sem estar em família, não sabe como conseguirá e se conseguirá isto com a dor e a raiva que sente.

Não espera nada da INSTITUIÇÃO: "Ah! por enquanto, eu não espero nada não." G. espera tudo, tudo o que ele sente que não é capaz sozinho. Parece que fala com raiva sobre o fato de ter que trabalhar para ganhar e por isso espera mais dele, do seu desejo de trabalhar do que da INSTITUIÇÃO.

Em R., a importância da INSTITUIÇÃO assim como a sua relação com ela parece estar diretamente ligada ao fato de não ter que ficar solto, de se sentir pertencente. Na INSTITUIÇÃO é bom porque trabalha, é uma forma de (re)conhecer-se enquanto

tendo família, se é o trabalho única coisa que conta que um dia esteve em família. A família é lembrada pelo trabalho e a INSTITUIÇÃO é boa por causa do trabalho.

O Centro de Formação faz com que ele se sítue no tempo. Ele divide a sua passagem pela INSTITUIÇÃO em “quando era pequeno” e “depois de grande”. A vida parece sempre um vai e volta. Fica um tempo e sai. E depois volta até que “um cara faz uma sujeira” e ele perde o Centro de Formação. A sujeira é sempre do outro, não é vista a responsabilidade do próprio ato. A ação está sempre associada ao outro e é por ele desencadeada. Está no outro o poder de mudar a sua vida: é o outro que o faz dar a facada, que o manda embora da INSTITUIÇÃO, que o busca ou joga para rua e é de quem ele se esconde.

“Ah!, eu vi desde pequeno né?, conhecia ela. Eu falo que foi ela que me criou mas...” Sente que foi criado por alguém que o buscava na rua, que o levava para a INSTITUIÇÃO e o deixava lá. Parece valorizar a insistência dela em estar sempre buscando ele. Talvez a maneira de testar o cuidado do outro com ele, ao contrário da mãe, que ao que parece, se cansou de buscá-lo, se cansou dele.

“Eu saia porque me dava vontade de ir para a rua, tipo um vício”. A vontade que parece existir é a de ser buscado, levado, recebido. Esse talvez seja o vício, um vício que se alimenta pela desconfiança em relação ao amor, que se acalma quando parece ter percebido que não haverá mais busca; se for, ele vai ficar na rua.

Espera da INSTITUIÇÃO, serviço. O trabalho aparece sempre como sendo o que o aproxima de família ou de sentir que pertence a um grupo um pouco organizado. A lembrança que tem de casa é a do trabalho, o que mais gosta na INSTITUIÇÃO é o trabalho, bem como o que espera desta. A falta de trabalho na INSTITUIÇÃO pode levar os meninos para a rua. Sente que sem ele é como se estivesse na rua, com toda liberdade que esta oferece e que sente que ainda não pode cuidar

O trabalho parece ter o sentido de vínculo, laços, que não o deixam solto, oferece algum referencial.

O que quer da INSTITUIÇÃO é o serviço. Não pediria nada, não sabe dizer o que espera da INSTITUIÇÃO, talvez acredite que o que mereça já tem, serviço.

O fato de ter ficado "cego" e usado a faca o faz perder o Centro de Formação. Tem agora, que trabalhar para ter onde morar, pagar para morar. O trabalho novamente é associado a ter casa. Só que agora é um pensionato. Só tem o que paga. Na verdade, a casa, o Centro de Formação e o pensionato, parecem ser tidos por R. como sendo muito semelhantes no que diz respeito a tê-los: a casa tinha, mas precisava sair escondido, discutir com o padrasto e só voltar quando tudo estava adormecido dentro e fora; no Centro de Formação tinha casa, porém não podia usar a faca que é sentida como a própria força. Tinha que se proteger escondido. No pensionato, só o tem enquanto pagar, se trabalhar para pagar. São três realidades em que R. sente sempre o risco de perder-se ou perdê-las.

Quem resolve que ele vai embora são os técnicos. Novamente é o outro que resolve o que vai acontecer com ele. Sai ele e o que tomou a facada e, com isso, faz novamente, se vê igual, um qualquer muito distante do "senhor da faca". O outro faz exames para entrar numa firma e ele continua trabalhando na INSTITUIÇÃO. Já trabalhou em firma mas é muito pesado. R parece ter que se assegurar que o companheiro está numa situação pior do que a sua.

4.2 - MENOR/INSTITUIÇÃO: UM “AFFAIR” POSSÍVEL?

Os adolescentes passam a ter como referencial de vida a rotina da INSTITUIÇÃO e parece que o que esperam desta é que continue oferecendo tal rotina. Há um medo de se sentirem soltos, não sabem estar livres e/ou sentem que não conseguem cuidar da liberdade. Quando fogem da INSTITUIÇÃO, é comum voltarem.

O trabalho na INSTITUIÇÃO, os deveres, as proibições, os horários a serem cumpridos, começam a ser o que há de seguro na vida destes indivíduos que não “sabem direito” como suportar o novo. A INSTITUIÇÃO é o parâmetro e é percebida como a própria casa, tendo em vista que, no momento, é o lugar que têm ou tentam ter. Porém, é comum observar que estão na INSTITUIÇÃO à espera da família.

A INSTITUIÇÃO é boa, porém, não cumpre a missão a qual, muitas vezes, se propõe, a de substituir a família e isto deixa estes adolescentes desapontados. Marin (1988) a este respeito discute:

“A instituição, muitas vezes, vai se colocar neste lugar (Mae) como aquela que deveria suprir tudo, já que a criança por não ter família é carente, é coitada. O pai que em nosso modelo representa o limite, sendo aquele que marca o que não é, e, portanto, o que não pode (e também o que pode), é excluído, pois, ele representa o NÃO PODE, e o bom seria o PODE TUDO”(p. 20).

Diante da colocação de Marin podemos inferir a impossibilidade de qualquer instituição que se destine abrigar, cuidar, acolher adolescentes que estão privados do convívio familiar de oferecer o cuidado da família. A eficácia das instituições destinadas a tal fim depende e muito de desfazer este equívoco tão presente no seu dia a dia.

O cuidado da INSTITUIÇÃO só se aproxima ao da família no que diz respeito à educar e esta tarefa só será possível obedecendo a critérios da INSTITUIÇÃO e não mediante uma tentativa de torná-la um substituto do grupo familiar. O Centro de Formação, muitas vezes, é sentido como um lugar de passagem para quase todos eles. É um lugar onde estão, basicamente, para esperar.

É interessante observar nesta espera a tentativa de se manterem intactos e a fantasia de que tudo fora da INSTITUIÇÃO, a casa, a família, também se mantêm intactos, estão como um dia deixaram ou querem acreditar que deixaram. Aqui podemos observar uma dificuldade de perceber e lidar com o novo, com as mudanças tanto internas quanto externas e isso parece estar ligado ao fato de muito pouco poderem falar, entender, sentir tudo o que trazem consigo.

Com freqüência, observa-se, nos adolescentes que possuem irmãos também na INSTITUIÇÃO, uma tentativa de se preservarem em família dentro desta. A briga, a preocupação com os irmãos parece ser a maneira de se sentirem em família quando se vêem muito longe desta. Porém, parecem repetir o modelo de família que um dia viveram. O bater é a arma mais freqüentemente utilizada de irmão para irmão, até porque é a que mais conhecem.

É comum, dentro da INSTITUIÇÃO, a falta de individualidade. Adolescentes não têm nada ou quase nada que os possibilite se sentirem donos, possuidores. Tudo é muito comunitário, fato que promove uma ilusão de igualdade. Todo mundo é dono e ninguém é dono.

Observa-se nas instituições, a destruição do espaço físico, dos brinquedos, o que podemos inferir que há, em algum nível, a destruição do que possa ser considerado o EU. Se tudo é de todos, a questão da identidade, dentro das instituições parece complexa.

Não é possível o reconhecimento do que é do outro e daquilo que é seu, se a todo momento se cultiva o igual, o de todo mundo. Parece ser este um fator importante no que diz respeito à responsabilidade, às atitudes, ao cuidado e respeito dentro das instituições. Não há o compromisso pessoal, o reconhecimento de si enquanto pessoa separada, independente. Tudo é vivenciado como se todos formassem uma massa, onde muito pouco é visto de cada um, é preciso uma "luta" para se verem enquanto UM, tudo está ligado, voltado para o sócio.

Observamos o fato de que muitas das brigas, dentro da INSTITUIÇÃO, podem estar associadas a este aspecto. É na briga que se diferenciam. É comum os profissionais não suportarem os confrontos e a única forma de lidar com as brigas é cada um para o seu lado. É na separação que está a solução dos conflitos e, talvez por isso, voltam sempre a brigar. A briga parece ser um instrumento utilizado para se sentirem únicos, separados, fora da "massa" que a INSTITUIÇÃO, muitas vezes, impõe.

Com a briga, tentam negar o lema "Todo mundo é igual", que tanto lhes parece pesado. É uma ordem que os deixa "mortos" enquanto cidadãos.

A INSTITUIÇÃO é o que fornece os referenciais, inclusive o de tempo e por outro lado parece ser o que, justamente, os dificulta habitar o tempo. Tendo como missão "substituir" a família e todas as faltas decorrentes desta, a INSTITUIÇÃO confirma à sua clientela que a mudança só virá com uma família e se coloca também em posição de espera. Segundo Altoé (1990) o sujeito é morto no tempo e o que fazem é esperar.

É comum esperarem da INSTITUIÇÃO somente o trabalho. O trabalho é sentido como a forma de se sentirem mais próximos do que viveram em família e também é visto como a possibilidade de sobreviverem fora da INSTITUIÇÃO.

4.3 - LEIS: A TRANGRESSÃO

W. diz ter hora para tudo e parece não confiar muito no que diz, repete por várias vezes a mesma coisa. A INSTITUIÇÃO tem hora para tudo, porém isso nem sempre é respeitado. Quem desrespeita não faz no horário. O que é proibido ele já fez uma vez só. “É proibido nadar na represa”. É proibido, mas como os horários isso também é desrespeitado. A represa é suja, causa doença, mas quando a piscina está suja nadam lá mesmo. “Na piscina pode, mas está suja.”

As drogas e as armas são transgressões que podem mandá-los embora na hora. Fica a dúvida se também não são “armas” utilizadas por alguns para irem embora. O ir embora parece ser uma constante na vida destes adolescentes. Estão sempre sendo mandados embora: pela casa, a escola e a INSTITUIÇÃO. Ir embora não é preciso aprender, isso fazem desde que entendem, ou até mesmo antes disso. É uma forma de tornar iguais as respostas para as perguntas: **de onde vim** e **para aonde vou**.

“Não pode cheirar cola, sei não...” Parece não se lembrar do que não pode ser feito, as leis para W. parecem estar muito mais ligadas as punições do que ao significado e entendimento da própria lei. O fato de ter casa aqui aparece como punição. A punição de quem tem casa é ter que voltar para casa. É a INSTITUIÇÃO reforçando que esta casa é um castigo tanto quanto é sentido por W. “Aqueles que não tem casa tenta consertar eles, ai vê se eles conserta. Ai aqueles que tem casa vão embora”. O fato de terem casa deixa esses meninos em “desvantagem”. Uns a

INSTITUIÇÃO tenta consertar, outros ela manda para casa para serem consertados, para uma casa que também demanda conserto.

Os colegas maiores, às vezes, estabelecem leis e ameaçam bater se forem desrespeitados. A INSTITUIÇÃO manda embora e os colegas batem. Há sempre a presença de uma ameaça mediante o desrespeito às leis. É preciso ameaçar para garantir a lei. Aqui vemos presente a lei do mais forte, a lei da rua.

Em C., a lei parece bastante clara. Lembra-se de tudo o que não pode e usa isto para se defender quando transgride.

"Ele roubava e minha mãe que me batia". Ele roubava e o levava para o roubo, a mãe por sua vez lhe batia. Para C. o outro é sempre visto como uma ameaça. O que o primo vendia era peça de bicicleta, de cujo roubo ele não participara.

Roubava ovo e quebrava, quebrava vitrô, roubava o gravador que era guardado pelo primo: nem usado, nem vendido. Com isso C. parece contar que o roubo tem o sentido de privar o dono do que é seu. Somente ser dono do que é do outro e quebrar. É destruir o objeto roubado ou não usá-lo. Não consegue negar sua condição de não possuidor. Mesmo roubando não pode possuir. Aqui ele usa o pronome nós: *"nós roubamos"*.

Ia para o roubo e colocava sua casa como uma possibilidade de lhe acolher: *"quando estava chegando na onde que ele ia, eu fugia lá prá casa da minha mãe"*. A casa da mãe é colocada aqui como acolhedora, pois o salvava do roubo. Roubar da mãe não pode. É preciso proteger a mãe do primo. Uma mãe que normalmente batia nele assim como ele bateu no primo quando este roubou o relógio da mãe.

Só Deus pode lhe ajudar quanto ao roubo. Não coloca o roubo como algo seu, mas do primo, o qual ele acompanhava. Se coloca sempre como determinado pelo outro, apesar de em vários momentos da entrevista tentar se convencer e con-

vencer à entrevistadora que é ele quem determina sua vida (Centro de Formação, a saída...).

Na rua ele se coloca apenas como um telespectador. Quem faz são os outros. É neles que está o roubo, a cola, o thinner e o fumar... Ficar na rua é ruim demais. A rua parece trazer riscos, o roubo, que o faz correr para o lado dos "mais grandes", onde ele acredita que tenha mais segurança, que possa ser contido. "...peguei o ônibus do meu bairro e fui prá lá pró meu bairro". Sente que conhece seu bairro, lugar onde não corre tantos riscos.

Quanto às leis do Centro de Formação sabe falar apesar de desrespeitá-las de vez em quando, no que diz respeito a horários, brigas, etc.... A lei entre eles é estabelecida pelos meninos grandes, que ficam mandando. Ele novamente se vê impelido a correr para o lado dos grandes. "E eu fui e avisei para a tia X e ela disse que ele não é técnico não". Só se vê livre para desrespeitar o "menino grande" quando alguém maior lhe dá o aval. Parece estar também regido pela lei do mais forte. Coloca que eles participam no estabelecimento de alguma lei, porém é justamente a que ele conta que desrespeita. "A lei é a própria transgressão da lei".

G. faz uma diferenciação em relação às leis. Sabe o que não pode e com o que tem que tomar cuidado, ser cauteloso. A culpa que sente parece tornar próximas as leis, o que não o impede de transgredi-las. Na rua, ele tem a liberdade de xingar, o que ele sabe que acontecerá se brigar. Na tia X a norma era apanhar sem xingar, brigar parece que pode, xingar não pode. Violência contra o corpo para conter a violência da fala.

Na rua aprendeu as coisas ruins, e aprendeu em família. A rua parece ter dado para G. a possibilidade de se sentir irmão, em família: "Foi um menino que chegou lá, ensinou meu irmão, aí meu irmão ensinou meu outro irmão, meu outro

irmão me ensinou." Na vida de G. as coisas ruins, cheirar colar, roubar, é passado de irmão para irmão. Na INSTITUIÇÃO ele tem que perder vários dos irmãos e tudo o que estes lhe ensinaram. G. parece ter claro o fato de que quando se trata da droga é preciso ter cautela. Não cita nomes, nem bairros onde comprava a droga. É evasivo, usa "chicletina" quando se trata da cocaína, quase que numa intenção de não falar à entrevistadora sobre isto ou demonstrar que, naquele momento, quem sabia era ele. Ao falar das drogas, G. se coloca como o senhor das informações, é ele quem entende e que não gostaria de informar nada: "Nós comprava de um cara lá do... eu esqueci o nome do bairro..." A droga exige conhecimento, aprendizagem, é preciso aprender a cheirar porque senão é perigoso: "A primeira vez que eu cheirei eu digo eu quase que eu morro." "Porque ainda eu não sabia cheirar não." Parece que o ruim da droga está muito relacionado ao dinheiro que se gasta com ela e é preciso sobrar dinheiro para coisas boas também: "E aí eu falei, ah! não vou comprar mais desses trem não porque depois eu tô gastando meu dinheiro só pra comprar isso aí, comprar outras coisas também, uai outras coisas assim... boas." Cola, cocaína, maconha não prestam porque quem fica viciado não pára mais. Parece ter que ficar se convencendo de que ele não era um viciado, por isso é possível ficar sem a droga e agradece a Deus por isto.

Para ter o irmão, G. tem também a droga, o roubo, a rua, os meninos da rua... Dos meninos ele lembra os nomes, onde se conheceram e o que fazia acompanhado por eles.

Quando sente que está errado precisa ficar quieto, calado, é preciso calar-se diante da culpa que sente. Para evitar brigar na escola é preciso fugir dela, é preciso voltar para o CF. O Centro de Formação o contém na raiva, na agressividade que ele sente que não consegue conter. Acha que briga mais ou menos bem e na

escola acredita poder resolver os problemas com os colegas batendo, o que não faz no C.F. porque os meninos são maiores. Na escola, ele sente que é o forte e por isso pode bater.

G. diz que hoje pede dinheiro, não rouba mais. Parece estar cansado de ser (re)conhecido somente enquanto um ladrão, sem nome: *"Porque a vida só dá ladrão... e eu não gosto que fica me chamando de ladrão assim não e até hoje eu não roubei mais."* *"Porque a vida só dá ladrão"*, talvez, essa seja a forma que ele encontra de dizer o que ele acha que poderia esperar de si na rua, a vida dele era assim e disso ele diz não gostar mais. Era *"um povo"* o chamando de ladrão, era a polícia que não o chamava de nada, lhe batia. Ou era um nada ou era um ladrão. Parece muito pouco para um menino que deseja aprender as normas da INSTITUIÇÃO, que deseja fugir das surras da tia X, que quer ver todos os irmãos juntos novamente. Para ter os irmãos é preciso ir para rua e na rua ele encontra-se com eles e com muito mais coisas. G parece justificar, com culpa, o fato de ser chamado de ladrão, de apanhar da polícia.

R. roubava escondido da mãe; *"no começo era coisa pequena, depois é que começou as grandes: vídeo, televisão..."* Vendia para gastar o dinheiro com um punhado de coisas, o vídeo era para ele o punhado de coisa que iria poder comprar. Drogas não, *"com droga gasta muito."* Usava droga quando *"o cara punha prá gente fumar"*. Comprar não. R. parece ter claro o risco quando fala na droga, em quem passa a droga. Age como quem tem a informação que não pode ser comunicada à entrevistadora: *"pegava ai na mão deles"*. Parece não ter gostado da droga porque essa lhe *"roubava o dinheiro"*.

O carro roubado, após ser esvaziado, era abandonado. Roubar o carro parece lhe trazer um poder, deixá-lo importante tendo em vista que não sabe dirigir direi-

to. "O carro era só prá andar", porém não sabe andar direito. Bate o carro no poste imobilizando-o. O roubo parece apenas cumprir a função de privar o dono do carro de tê-lo.

Sabe que a polícia é corrupta. Conheceu o outro lado da lei. Uma lei que protege alguns e desprotege outros. A polícia toma o objeto do roubo, é também ladrão, porém muito mais poderosa que ele e o irmão. Tem a noção que com dezenas sete anos e meio já pode "cair na mão da polícia". Diz estar sendo procurado talvez para sentir, de alguma forma, que ainda acompanha o irmão ou para não se sentir tão só. Só o irmão era conhecido por isso foi pego. O fato de ser desconhecido da polícia o separa do irmão. É preciso acreditar que a polícia o procura, o que nos parece, garantir a ele um reencontro com o irmão.

Fala dos meninos grandes como ameaçadores. Os "grandes" sempre ameaçam, ninguém pode com eles. Eles é quem têm o poder. Acredita que nem a assistente social que dirige o Centro de Formação dá conta, afirma com isso que a considera uma pessoa poderosa, no entanto assemelha o poder dela ao seu. Com os grandes, ele só pode com a faca, e ela só pode com o Centro de Formação, porque hoje, não tem mais os meninos grandes.

Os meninos grandes da INSTITUIÇÃO, para ele, têm o poder de ditar leis, de mandar em tudo. "É cheio de onda", uma onda que ele sente que o carrega, que o domina e amedronta. É uma onda que toma conta de tudo, da televisão, do horário da comida, dele mesmo. Apesar de dizer que só os pequenos obedecem porque têm medo. Não é claro que não se senta também muito pequeno.

No Centro de Formação "droga não pode, cola...eu nem sei" parece não saber bem o que não pode, confundir as leis do Centro de Formação: "briga não pode, lh... mas eles briga lá, eles nem esquenta". Com isso parece demonstrar um descrédito.

to no que diz respeito às leis e ao seu cumprimento. “Eles briga; eles nem esquenta” O eles é algo indiferenciado, não há ao certo a determinação de quem sejam realmente “eles”. Parece misturar a equipe e os companheiros. Não pode brigar, no entanto, define que tipo de briga não pode, contando com isso que a lei deixa de ser lei. Não sabe o que não pode fazer para não perder o emprego na INSTITUIÇÃO, porém sabe que não pode ir para a rua. E isso parece ser o bastante para R.. É na verdade, uma lei que lhe confirma que ter trabalho é o contrário de estar abandonado na rua.

Observa-se uma confusão também no cumprimento das leis . Ora diz que não desrespeita, ora todo mundo desrespeita. A lei serve para ser transgredida. É a própria transgressão da lei. Não pode levar facas, no entanto, “*todo mundo tem uma faca guardada e eles não acham ou tem medo, não tem coragem de tomar*”. Usam a lei para criar novas leis. A lei parece servir como um instrumento de manipulação da equipe.

É preciso não ver mais nada para se proteger. Proteger o que é seu. Para se proteger é preciso armar-se escondido. Para se proteger em casa, ele fugia escondido. É preciso não ver mais nada para esconder-se de si, da própria agressividade. É preciso não ver mais nada para esconder-se do outro, fugir do outro. Fala da morte, do como em casa era preciso esconder-se do outro, fugir do outro. Fala da morte, do matar, com a costumeira indiferença que fala das coisas que lhe parecem importantes: “*Não sei, talvez não morre, né? Se morresse tinha matado*”. “*Não penso nada*”. “*Não gosto disso não*”. Novamente, a raiva lhe deixa cego. É preciso não ver nada para defender o irmão. Não gosta de sentir-se tão desprotegido em relação a sua raiva. Uma raiva que o faz não ver nada e o coloca em risco de fazer tudo. Quando pensa na facada não vem nada à cabeça. A cabeça também tem que ficar cega.

4.4 - O NÃO DITO NA LEI

A lei na INSTITUIÇÃO é percebida, freqüentemente, como não lei. O “não pode” não é estabelecido com a necessária clareza e isso gera um descrédito em relação às leis. São leis transgredidas pelos adolescentes e não garantidas pela INSTITUIÇÃO. São, portanto, burladas tanto de um lado quanto do outro. As proibições são quase sempre desrespeitadas e algumas transgressões podem levá-los para fora da INSTITUIÇÃO.

Um dos castigos utilizados pela INSTITUIÇÃO é mandar o transgressor de volta para casa. A INSTITUIÇÃO se confunde quanto à família; ao mesmo tempo que a cultura como forma ideal de se viver, como possibilidade de transformação, a utiliza como castigo. A mesma confusão é observada nos adolescentes. Estes apresentam com suas famílias uma relação de desejo e repulsa.

As leis estão muito mais ligadas às punições do que à própria lei. O controle é esperado do mundo externo, nunca do interno. O auto-controle, raramente, é percebido por estes indivíduos e isso parece estar ligado ao tipo de relação que estabelecem com a INSTITUIÇÃO, especialmente, ao fato de se sentirem misturados. Não é preciso cuidar, conter a si mesmo, há sempre algo fora que o fará.

A INSTITUIÇÃO é sentida como quem contém a raiva e a agressividade e isso eles acabam esperando que ela faça por eles. Não se percebe uma preocupação no que diz respeito a se conterem, estão sempre atribuindo este papel a alguém ou alguma coisa que está fora. Dentro do Centro de Formação, se vêem protegidos da droga, do roubo, da rua, de si mesmos. Muitas vezes, têm que perder os irmãos,

amigos e tudo o que aprenderam lá fora para estarem na INSTITUIÇÃO e este fato parece colocá-los em conflito, com muita dificuldade de escolha.

É muito comum colocarem as transgressões como uma responsabilidade do outro e isso parece possibilitar-lhes a isenção da culpa. Entretanto, algumas vezes, é justamente a culpa o que os aproxima da lei, o que não os impede de desrespeitá-las.

A ameaça é algo bastante presente no que diz respeito ao cumprimento da lei. A INSTITUIÇÃO ameaça, os colegas maiores ameaçam. Parece repetirem dentro da Instituição o modelo da rua: **“A lei é a lei do mais forte”**.

O conhecimento da lei, muitas vezes, é utilizado para justificar, para se defenderem quando a transgridem. Observa-se que não há uma internalização da lei enquanto lei e sim, enquanto algo que pode trazer punições. Não apreendem a lei, o Não, e discursam as leis como quem repete sem saber o que repete: “Falamos a sua língua mas não entendemos a lição”.

O roubo tem o sentido, sobretudo, de tomar para si a posse e não de usufruir do objeto roubado. É o gravador que é escondido, os objetos que roubam e quebram, o carro que não dirigem.

Há, portanto, aí um valor atribuído ao que é roubado diferente do valor de uso. Parece que o que importa é privar o dono de ter e se “fazerem donos”. O poder parece ficar associado ao possuir e não ao uso possibilitado pelo ter.

Com a droga têm uma relação ambivalente. Fazem uso dela por diferentes razões, inclusive, para sentirem pertencentes a algum grupo. Porém, a colocam no lugar das coisas más, ruins, que os impede de comprar as boas.

Em alguns momentos, se colocam como lesados, roubados (do dinheiro) pela droga. Conseguem, portanto, estabelecer alguma lei em relação à droga: não usam para não gastar o dinheiro, porque o irmão disse para não usar...

5- APRENDIZAGEM E FUTURO



*“O que o homem quer realmente,
o que ele quer no fundo,
o objeto de seu ser íntimo,
a finalidade que eles perseguem,
não há ação exterior nem instrução
que possa mudar...”*

(Schopenhauer)

5.1 - APRENDIZAGEM

W. dá uma definição para educar: “Ah!, quando eu faço uma coisa errada, chega lá e fala assim: ô, não faz assim que isso é ruim, esse negócio vai ser ruim para mim”. Em sua definição, educação é algo bastante acolhedor, porém não demonstra ter experimentado esse tipo de educação. “Não tem que bater, não tem que apanhar, porém, apesar de negar, parece aprender que se educa batendo.

Sobre o aprender: W. diz aprender no C.F. coisas que provavelmente não

aprendeu na escola, mas que julga importantes para ser feliz. Essas coisas são muitas, porém as resume em: “respeitar os mais velhos, ter educação na hora que tiver conversando, não enfiar na conversa dos outros”.

A aprendizagem está sempre ligada a aprender a respeitar o grupo e ser respeitado também. Parece ser isso, justamente o que W. espera aprender.

De trabalho aprende de tudo, “até pintar, reformar cadeiras. Tem dia que a gente até...ah!, muitas coisas lá”. O trabalho para W. é muitas coisas, mas coisas que ele coloca lá. Fica a dúvida do que deste trabalho que fica cá. “Ah!, eu faço muito serviço lá, tem dia que eu tenho que barrer o pátio, barrer a casa, barrer a piscina, vai prá horta ainda, limpa o campo”. Parece que do trabalho não sente que colhe tantas coisas assim: o pátio e a piscina são para varrer e o campo para ser limpo. Não aparece em sua entrevista o uso prazeroso que faz destas coisas. Tem que nadar, mesmo quando proibido, no córrego e não na piscina. Limpa a casa, mas se fizer algumas coisas pode ser mandado embora “desta casa”. O trabalho não tem sentido de garantia.

Quem ensina é quase sempre “*um povo lá*”, cujos nomes são difíceis demais e ele “*anda esquecido dos nomes*”. Parece que o difícil é guardar, afetivamente, todas estas pessoas e seus nomes.

O mais difícil na escola era “*não dar conta*”. Parece que a incapacidade sentido o deixava em contato com as outras coisas que ele também não deu conta e fugiu assim como fez com a escola. Era uma professora que ficava brava com o “*não dar conta de escrever Uberlândia*”. Como não conseguia aprender na escola, ia aprendendo a fugir dela: “*Aí, eu fui aprendendo, aí eu fui*”.

Na escola, tinha dificuldade na “*conta de menos*”. Somar, ele sabia. O que não conseguia aprender era diminuir. W. parece não querer mais diminuir nada. Já sente que muita coisa virou pouca, já diminuiu muito e isso ele não gostaria de aprender. Sua dificuldade nas “*contas de menos*”, parece estar muito associada à sua história familiar. Viu uma família grande se transformar em três: ele e os dois irmãos que estão no Centro de Formação. Muitas coisas da escola parece lhe trazer lembranças que gostaria de esquecer. Durante a entrevista, W. pergunta: “*o seu gravador vai gravar tudo? Tudo mesmo?*” No decorrer da “conversa” W. parece, o tempo todo, dizer que gostaria de não ter gravado muitas coisas, de ser diferente do gravador.

A escola o faz lembrar a sua impotência frente a muitas coisas, “*das contas de menos*” que teve que fazer ao longo de sua história, dos gritos aos quais ele se recusa a obedecer. Quanto à pergunta: Na sua casa as pessoas gritam muito? , ele responde: “*Não, porque eu quase não encontro com eles*”. É preciso não encontrar para não ter gritos; foi preciso desencontrar, diminuir.

A escola parece também se confundir. W. diz ter sido expulso por uma confusão da escola. Houve uma briga, ele estava perto e falaram que ele brigou. Por es-

tar no meio da briga é expulso da escola. Parece que nunca se sentiu, realmente, dentro dela e ela virou mais uma representação das coisas que ele já havia vivido e não gostou. Quando diz que gostaria de voltar à escola, parece dizer que gostaria era de ir para a escola, fazer parte dela, sem que ela fosse uma representação de coisas ruins.

Conta todo tempo que quase não aprendeu nada na escola. Se contradiz dizendo que gosta dela por causa do que aprendeu: “o que gostei mais foi do que aprendi”. Parece que se refere à lembrança, embora dolorosa, que traz à memória um tempo em que vivia em família, que é o que espera e deseja atualmente. Do que não gostou não sabe, até porque faz confusão entre o que gosta e não gosta. Parece que gostou justamente do que não gostou e vira uma bagunça, motivo pelo qual a escola o expulsou.

C. tem idéia de que o aprender é só o que se aprende na escola: “Ah!, tem umas pessoas que não aprende muito não. Eles vão para a escola. Não faz esses negócios assim”. Apesar de ter tido contato com a escola, ela continua para C. sen-
“negócio assim”, com os quais ele não se deu bem. Não achava nada difícil na escola, “o que era difícil na escola era só aprender”. O aprender aqui parece ser amplo e ter inclusive o sentido de aprender a ser alguém na vida e isto ele acha muito difícil.

Ser um bom menino é “ser educado, é ... aprender mais, fazer um punhado de coisas, lá, assim...” Não sabe ao certo o que deve fazer para ser um bom menino, talvez ainda tenha que aprender. A definição que C. tenta dar de “bom menino” parece se referir a educar-se para aprender. É preciso aprender a aprender.

A matéria de Ciências é a mais difícil. O corpo humano é legal de aprender mas é difícil de desenhar. Gosta de escrever os nomes como quem tenta se locali-

zar nesta escola, mas para isso precisa copiar de um caderno que já tem há muito tempo.

Para escrever ele precisa copiar e ler e isso ele não consegue. Enfim, o que C. guardou da escola parece ser o que não conseguiu, parece ter sido o fracasso: “bombei na segunda série e voltei para a primeira”. O que não gosta na escola é dos meninos fazendo bagunça perto dele, fato que parece ser muito convidativo e do qual ele precisa se proteger.

“Na rua se aprende a cheirar cola, aprende a mexer com droga, esses negócios assim...” Resume o que aprendeu na rua com um “nada”. “Aprendi nada” e parece contar com isso, que o que aprendeu na rua não lhe serve hoje: não pode levar drogas para o Centro de Formação, não pode roubar. Não pode levar nada e por isso tem que ser o nada. C. nem sabe ao certo o que tem. Ou leva tudo o que aprendeu ou se tem que copiar também, como fazia com o caderno de Ciências. Aprende muitas coisas no Centro de Formação: a plantar, a capinar, capoeira e a estudar.

G. na INSTITUIÇÃO, aprende a ler, a escrever, a trabalhar. O trabalho está associado ao cuidado com a INSTITUIÇÃO: “capinar a horta, varrer o pátio... limpar a piscina...” A INSTITUIÇÃO parece lhe acrescentar, oferecer coisas que a rua e a mãe não lhe ofereceram: “O que você não sabe assim eles te ensinam: a trabalhar, te ensinam a ler e escrever, te põe numa escola.” G. se sente cuidado apesar de, às vezes, durante a entrevista, colocar sua dificuldade de ser cuidado por esta INSTITUIÇÃO, longe dos irmãos e sem o cuidado da mãe. A INSTITUIÇÃO lhe oferece uma escola da qual ele não lembra o nome e quanto a ler, sabe mais ou menos.

Parece considerar importante na INSTITUIÇÃO aprender a trabalhar, aprender que na hora de comer tem que tomar banho, tem que rezar. Aqui G. demonstra, com

clareza, a importância das normas que a INSTITUIÇÃO lhe impõe. Parece se sentir mais tranqüilo com estas normas pois elas parecem lhe contar que ele não está solto na rua, lugar onde briga, xinga, usa a droga, encontra os irmãos, porém, sabe que corre riscos.

Na escola é difícil ler porque ainda não sabe muito. É preciso ir devagar com a leitura, rápido ele não dá conta. Parece que a dificuldade é ter que esperar também na escola, “ter que ficar tentando devagarinho”, como sente que faz com sua vida. Ele está o tempo todo esperando que algo bom aconteça com ele e, na escola também tem que esperar aprender muito para poder ler rápido. Aprender a ler é mais difícil que aprender a cheirar coca que ele diz ter aprendido tentando sozinho, mas foi rápido. Parece que aprender acompanhado, as coisas boas é difícil, demorado.

R. sobre o que aprendeu diz: “não sei”. Logo em seguida cita a horta que provavelmente, lhe traz a “horta em família” e o “eletricista”, que diz ter aprendido inventando: “Inventando sozinho, aprendi”. A aprendizagem aqui é colocada em função de evitar algo que considera desagradável, o acordar. Aprendeu a mexer com eletricidade para dar choque através da porta em quem viesse acordá-lo. Não segue colocar sua curiosidade a serviço do seu desejo de descobrir, desvendar, aprender a ser eletricista. Ele a utiliza para a defesa contra os ataques do outro.

Nem reconhece seu interesse pela eletricidade. Considera o que aprendeu só arte. O que nos parece não ser de tudo sem razão: realmente é uma arte descobrir sozinho como fazer ligações elétricas e todas as outras ligações que decorrem deste seu aprendizado. É, sem dúvida, uma aprendizagem decorrente de um afeto negativo.

No Centro de Formação diz ter aprendido a rezar. Reza de vez em quando: "porque me passa pela cabeça na hora e depois ...ai eu penso ... eu falo...ah!, na hora que passa pela cabeça eu rezo". Quando pensa, quando passeia pela cabeça ele reza, reza assim, "normalmente", como se relaciona com a família. A relação com Deus também parece morna, normal. Porém, há um momento em que sabe o que pedir para Deus e reza pelo irmão que ele julga correr riscos na cadeia. Conta com isso que acredita que Deus talvez seja capaz de resolver causas difíceis, as quais ele não pode resolver.

Na rua não se aprende nada. "Aprendi a roubar na rua". Confirma aqui que um dia aprendeu ou apreendeu o roubo.

As letras não entram na sua cabeça, a Matemática se resume em mais ou menos. Aprender é sentido como algo muito difícil, que exige uma luta, como a luta de pedra na janela que ele consegue conter, porém, a luta com o aprender é sentida como em vão. Ele tenta mas não adianta, na hora aprende, mas esquece tudo de novo. É como o quadro que a professora apaga; ele também apaga tudo na cabeça.

Não tem paciência com a escola, mesmo fazendo a 1a. série diz ser nenhuma série que faz, talvez por sentir que nem entrou na escola e nem a colocou dentro dele ainda. Mesmo tendo vontade de aprender a ler, a escola para ele ainda se resume num "quadro cheio de coisas que ele não lê", um quadro que o faz um especador, admirador e que lhe dá canseira. A escola, o quadro são sentidos como um brinquedo que ele não pode comprar e que rapidamente, o perde de vista.

Quando a professora apaga, ela apaga tudo o que é sentido como escola. Faz parte da escola "a professora dar uns ralinhos" e apagar o quadro que, para ele, continua indecifrável.

5. 2 - APRENDIZAGEM: UMA POSSIBILIDADE

No Centro de Formação, a aprendizagem parece estar ligada a respeitar o grupo e ser respeitado. Porém, tal aprendizagem, exige sobretudo um reconhecimento do EU e, consequentemente, o reconhecimento do outro. Para exigir respeito e respeitar nos parece necessário que se reconheça um “lugar” enquanto sendo seu e tudo o que poderia ser decorrente deste “lugar”.

Observamos nas entrevistas uma indiferenciação, é todo mundo igual, ninguém é melhor ou diferente de ninguém. A pretensa igualdade tão cultuada pela INSTITUIÇÃO pode, portanto, interferir no processo ensino-aprendizagem proposto por esta.

A aprendizagem formal não deixou boas lembranças. O vínculo tão necessário à aprendizagem não aparece na experiência destes indivíduos enquanto aspecto facilitador, pelo contrário, a figura da professora e a escola que guardaram não conseguiram recebê-los e muito menos viabilizar que estes adolescentes recebessem a escola e tudo o que esta poderia promover. A escola parece ter sido o canal que ligou, diretamente, estes indivíduos à sua impotência.

Millot (1987) sobre a relação que se estabelece entre professor e aluno e tudo o que esta relação possibilita afirma:

“Para o sujeito, o fato de ocupar o lugar de Ideal-do-eu do outro sujeito lhe confere o poder de submeter este último à sua palavra que, desde então, é lei - e tanto mais quanto mais maleável é a estrutura psíquica do que é sujeitado. Toda influência que um sujeito pode exercer sobre o outro opera desta maneira.” (128)

Observamos que o que há de mais marcante na relação destes com a escola é o fato de não saberem, não conseguirem, de na escola também serem, de alguma forma, rejeitados. Portanto, podemos inferir que o professor e a escola na vida destes adolescentes, influenciaram de forma a dificultar que estes indivíduos pudessem acreditar na possibilidade de aprender e apreender como forma de vida. Cumprim com estes, um papel de quem também não acredita e assim os afastam, os “ensinam a fugir da escola”.

Kupfer (1989) afirma: “Os educadores, investidos da relação afetiva prioritivamente dirigida ao pai, se beneficiarão da influência que esse último exercia sobre a criança.” (p. 85). No nosso caso específico, levando em consideração a afirmação de Kupfer, o professor parece não suportar o lugar que este aluno tão especial o coloca e, acaba por ocupar, realmente, um lugar muito semelhante ao dos pais: o de quem rejeita, confirmado a premissa de que deles ninguém “dá conta”.

Psicanaliticamente falando, a aprendizagem só é possível mediante ao correto manejo da transferência. Diante disso, podemos inferir que a escola e os profissionais desta não estão preparados para acolher crianças com histórias tão difíceis e que o processo de aprendizagem, realmente, fica dificultado.

A relação com a escola parece refletir a relação que têm com a vida, com a INSTITUIÇÃO: para aprender também é preciso esperar, é necessário paciência e esta nem sempre lhes é possível. É comum falarem da escola como algo muito distante, mesmo tendo, um dia, participado do seu dia a dia. A aprendizagem formal continua sendo citada como uma incógnita da qual não sabem falar muito.

Observamos que a fala sobre a escola está diretamente associada ao fracasso, à rejeição, ao sentimento de exclusão. Portanto, o que fica da escola é só uma lembrança daquilo que não "deram conta"; na lembrança, um lugar onde não estiveram inteiros. A escola tanto quanto outras coisas e pessoas parece ser sentidas como passageira, como não duradoura; um namoro com tempo para acabar.

A aprendizagem decorrente da rua, no Centro de Formação, é preciso ser esquecida, escondida, não há lugar, na INSTITUIÇÃO, para as coisas da rua. Sobre esta questão observamos uma dificuldade destes adolescentes de se "entregarem" ao Centro de Formação, tendo em vista o fato de terem que deixar fora dele o que de mais concreto sentem que possuem: a experiência na rua.

Na rua, tiveram a falta, a fome muito presentes e isto é o que contava da vida. A vida é sentida na falta. Dentro da INSTITUIÇÃO se faz necessário, portanto, oferecer indícios que lhes tragam a vida e isso nos parece ser realizado através do trabalho, da aprendizagem do trabalho.

Os vínculos estabelecidos, um dia, em família e os estabelecidos na INSTITUIÇÃO permitem a aprendizagem do trabalho. Aprendem a cuidar do pátio, da piscina, horta... e se sentem dentro do tempo e além deste. Através do trabalho fazem algum presente e pensam num possível futuro.

5.3 - FUTURO: UM SONHO OU A LEMBRANÇA

Para W. o futuro melhor está ligado a ter uma família "nem que seja de ..." O que nos parece é que "nem que seja como a dele", a que perdeu, pela qual sofre e sonha tê-la de volta. Ter família significa não ficar na rua. Podemos inferir que para

suportar a idéia de ficar no Centro de Formação longe da mãe, tem que o colocar também como uma família.

Pensa num futuro fora do Centro de Formação porque este não terá mais lugar para ele. O serviço é o que o aproxima da INSTITUIÇÃO, porém é o que o levará para longe dela. Demonstra a angústia frente ao fato de saber que tem um tempo determinado para ficar no Centro de Formação e tenta acreditar que esse tempo dependerá dele. Quer no futuro trabalhar para não ter que ficar “comendo as custas dos outros.” Em casa passava fome, na INSTITUIÇÃO corre o risco de ficar sem ter o que comer. W. parece sempre estar às voltas com a fome, por isso tem fome de trabalhar, de ter uma família alegre “sem ninguém triste não”.

Acredita que a INSTITUIÇÃO e sociedade esperam que ele não vire um marginal, coisa que ele não sabe *“muito assim... mas acha que é roubar e matar.”*

A INSTITUIÇÃO, a sociedade e a mãe esperam o mesmo dele: "que ele dê boa coisa, seja *um rapaz direito*". Ele também espera dele o mesmo. Todo mundo espera dele o que ele espera. Talvez acredite que todo mundo garanta mais a satisfação de seu desejo do que ele próprio. Espera "não virar *um marginal, um safado*". W. continua: "*um homem direito, de respeito, sabe respeitar, ter respeito pelas pessoas, pelos mais velhos e as pessoas por mim*". Seu desejo coincide com a definição de felicidade que deu na entrevista.

W. deixa de lembrança o que ele acredita naquele momento ter de melhor; o que o fascina e espera que fascine também. Foi através da música, da dança que se sentiu na INSTITUIÇÃO reconhecido, com nome, e deixa no gravador "que guarda tudo" o que acredita que possa fazer com que a entrevistadora o reconheça e mais, que não a deixe esquecê-lo e nem esquecer o seu nome: "Eu quero que você não esqueça de mim, eu chamo W.".

C. espera do futuro muitas coisas: o que mais gosta. É como se “o que mais gosta” estivesse guardado no futuro. Quer “ser vaqueiro, trabalhar em fazenda, cuidar do gado, um tanto de coisas lá”. É sempre lá que as coisas estão, e ele fica como se estivesse sempre esperando as coisas chegarem; se aproximarem dele. Espera um futuro dentro e fora da instituição, até os dezoito anos dentro da INSTITUIÇÃO e depois: “Ah!, depois eu espero...vou fazer muitas coisas”. Parece que apesar da instituição ser o seu referencial não consegue ver nela a possibilidade de fazer “suas muitas coisas”. Parece colocar a INSTITUIÇÃO enquanto um lugar que lhe permite esperar tudo o que deseja e parece estar longe, no futuro.

Quanto as suas coisas, ele se refere como sendo a vontade de trabalhar um trabalho que lhe dê um dinheiro seu e que lhe permitirá cuidar deste dinheiro. Um dinheiro que juntará até “comprar a fazenda, o carro e poder ajudar as pessoas”, e o dinheiro que juntará da condição de pobreza, a qual ficará no outro, o qual ele poderá então ajudar: “Ajudar as pessoas mais pobres que eu. Eu também era pobre, mas agora eu não sou não”.

Ao falar sobre o que a INSTITUIÇÃO espera dele, ele diz o que ele espera da INSTITUIÇÃO. C. parece estar sempre confuso e trocar sempre os papéis, o que nos parece contar de uma fusão. C. sente que ele e INSTITUIÇÃO são misturados, uma coisa só. O seu desejo é o desejo da INSTITUIÇÃO e vice-versa: “Ah!, eles querem de mim, mais de mim, eu não gosto de encenar briga”. A briga é para ele um fator de desamor. Se não brigar será amado ou brigará para ser o mais amado. Para que a INSTITUIÇÃO confirme a ele o seu desejo.

Não basta ser querido, gostaria de ser o mais querido. E sendo um bom menino acredita que conseguirá isso.

Em sua angustia, C. diz que a sociedade espera é poder morar na INSTITUIÇÃO. Transforma a sociedade em um grupo que vive como ele. É a sociedade que conhece, formada por pessoas que como ele esperam a INSTITUIÇÃO, ter família e enquanto esperam desejam ter um lugar.

Deixa para a entrevistadora, de lembrança, o que ele mais gosta. É como se pudesse assim satisfazer a sua fantasia. Ele a veste e a faz, naquele momento, virar verdade e ficar guardada, viva no gravador.

G. no futuro deseja ser um homem: *"Um homem assim que trata os outros bem, não rouba, essas coisas melhor e não coisa que não presta."* Do futuro ele espera, portanto, ter aprendido o que hoje ele faz devagarinho. Acredita só ser possível, vel essas coisas boas fora da INSTITUIÇÃO porque apesar desta lhe garantir coisas, conter outras, ela também o expõe a riscos: *"Ah! porque lá dentro, os meninos fazia a cabeça da gente pra gente ir pra rua, então eu prefiro de fora."* Quanto ao que a INSTITUIÇÃO espera dele, ele não sabe. Não sabe nem se tem a possibilidade de oferecer algo à INSTITUIÇÃO, não acredita que tenha alguma coisa nele ou dele que o outro espere. A posição de quem espera parece ser sempre a dele e não a do outro.

Diz não querer nada da INSTITUIÇÃO e acredita que esta só lhe oferece porque é obrigada a oferecer. É obrigada a dar roupa, comida; o pai não foi obrigado a nada e por isso não deu. Só é possível ganhar algo quando o outro é obrigado a dar. Parece que ele espera ser obrigado também para oferecer alguma coisa.

G. apesar de esperar que no futuro seja *"um homem que trata os outros bem, não rouba, essas coisas melhor e não coisa que não presta"*, deixa de lembrança o fato de ainda se sentir muito próximo de ser um menino de rua, o que talvez, seja no que mais se lembra de si. Espera um futuro de coisas boas, porém, hoje, acredita

muito pouco nisso: "É o mundo do pó, é o mundo do bem que não tem, é o nome do pai, do filho, do espírito santo, amém."

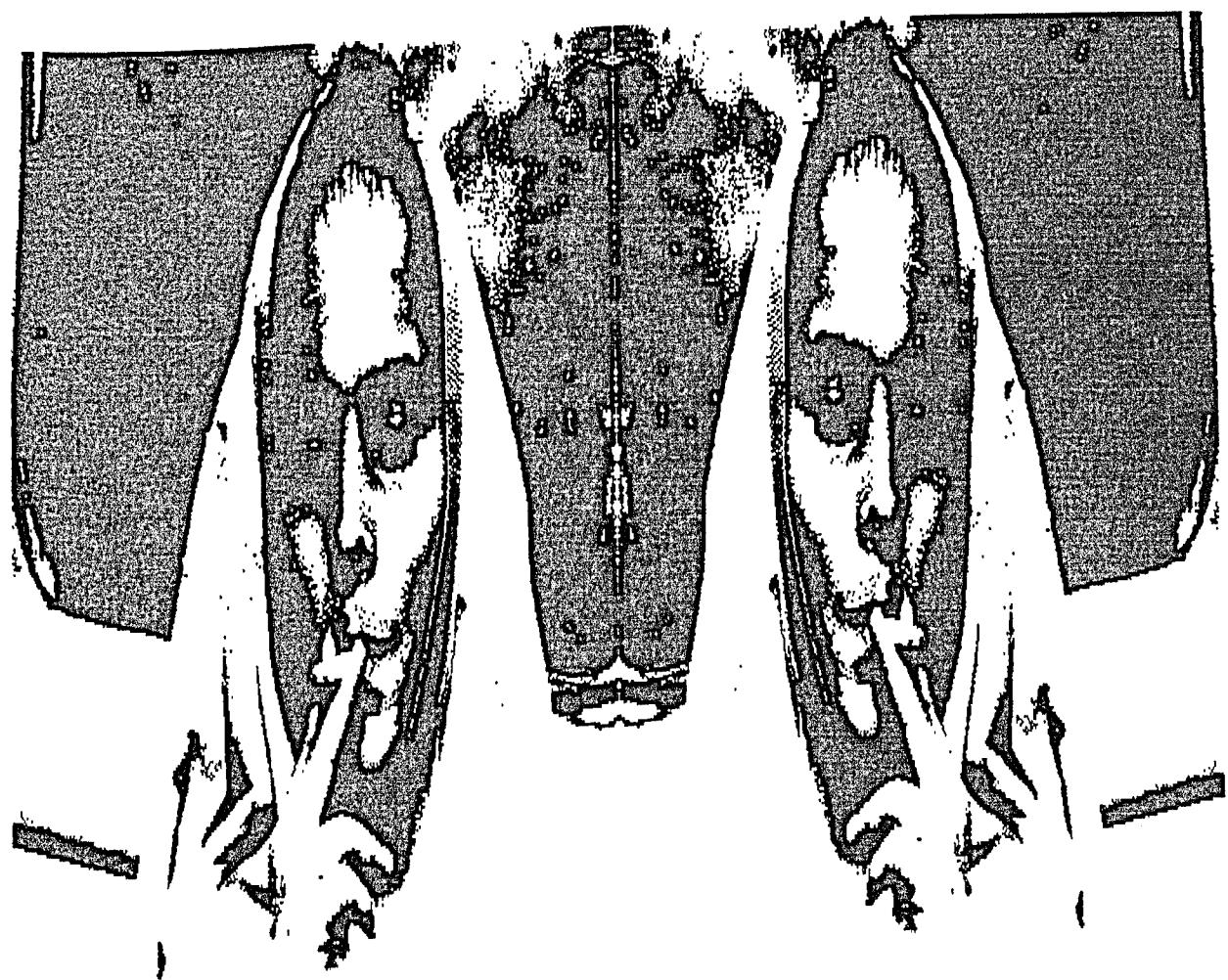
R., do futuro, espera uma família: a dele. É um trabalho bom. Uma família cuja perspectiva de filho o deixa mudo. Quer arrumar uma mulher e viver a sua vida. Aqui nos parece fundamental a importância que dá à figura feminina. Arrumar uma mulher para poder viver, uma mulher que não irá embora, que com ele formará uma família. Espera um futuro fora da INSTITUIÇÃO, porque acredita que dentro não tem jeito. A INSTITUIÇÃO parece servir enquanto um lugar de espera de uma família e de um serviço bom.

O que a INSTITUIÇÃO e a sociedade esperam dele é um não sei, tanto quanto é um não sei o que ele sente que pode oferecer. Imagina que a INSTITUIÇÃO gostaria que ele melhorasse de vida. Melhorar de vida, nos parece, que é o que ele gostaria, no entanto, tem que colocar seu desejo na responsabilidade do outro, no caso a INSTITUIÇÃO. Sente que a INSTITUIÇÃO pode lhe garantir isso mais do que ele.

Sente que é difícil melhorar de vida, é preciso esquecer tudo o que fez para conseguir mudar. "Com o tempo você vai passando" Acredita que ele é que tem que passar e não o tempo. É preciso que passe aquilo que considera que o impede de mudar de vida. Sente que é uma batalha que trava consigo e com os outros. Por um lado procura mostrar a coragem e a valentia para mudar. Por outro, ao dizer não ao roubo é considerado um medroso. Parece estar sempre em conflito com isso.

Quanto à lembrança, R. não sabe o que deixar. Parece que tudo que se relaciona de muito perto com ele é um não saber. Não sabe o que esperam dele, não sabe ao certo o que espera dele e não sabe o que poderia oferecer na lembrança. Não sabe no que gostaria de ser lembrado pela entrevistadora, até porque o que lembrará deste momento também, provavelmente, será um não sei.

6 - CONCLUSÃO



*“Cuidado! A nossa própria alma
apanha-nos em flagrante nos espelhos
que olhamos sem querer.”*

(Mário Quintana)

Acreditamos não ser demais repetir que este trabalho não teve a pretensão de fazer das informações colhidas através de quatro entrevistas, um perfil fiel da relação menor/INSTITUIÇÃO. Pretendeu-se com as entrevistas, obter informações passíveis de serem analisadas psicanaliticamente e, com isso ter algum referencial desta complexa relação, podendo assim inferir possíveis formas de estar e lidar com estes adolescentes.

O que temos observado na literatura e na prática é que, em grande parte das vezes, nossas instituições não estão preparadas para receber crianças e adolescentes tão massacrados pelo abandono, por todas as perdas que já vivenciaram. Se de um lado temos instituições despreparadas para conviver com esta complicada realidade, temos de outro lado menores com muita resistência a receber qualquer coisa destas.

Verificamos que tal resistência está muito mais associada ao medo de se vincular e, neste trabalho objetivou-se avaliar a estreita relação Vínculo e Aprendizagem e todos os fatores decorrentes desta relação dentro de uma INSTITUIÇÃO que abriga crianças e adolescentes.

Para aprender é preciso confiar, amar. No menor que vem das ruas, esta questão se faz um tanto complexa visto que são indivíduos que guardaram em si o abandono, se perderam em algum momento num lugar que já não sabem mais. A questão da identidade pessoal, ou seja, o que faz de cada um UM se encontra bastante comprometida. Observamos em nossa pesquisa que, diante de tudo isso, estes menores tendem se agarrar ao passado como forma de se sentirem vivos. Gostariam muito de lembrar um passado que não existiu e buscam encontrar justificativas para o que não entendem ou não aceitam.

Mediante a realização deste estudo, observou-se que a vida em família é quase sempre lembrada como muito boa, idealizada e desejada. Foi muito freqüente nos discursos o fato de esperarem, um dia, viver em família novamente. Porém, esta expectativa parece contar com uma família diferente da que tiveram e muito parecida com o modelo familiar que aprenderam. Fica, portanto, uma distância muito grande entre o que vivenciaram, o que aprenderam e o que esperam.

Pai e mãe são colocados sempre separados. Não foi a união destes que possibilitou o grupo familiar; a mãe é sempre a figura que tornou possível a vida em família e é também a mãe que, uma vez abandonada, abandonou. Colocam a figura paterna no lugar daquele que destrói a família ou quem a inviabiliza. Quanto a este aspecto, verificou-se um conflito significativo das figuras parentais: de um lado o que constrói, possibilita, de outro o que destrói, impede. Pai e mãe nunca são colocados enquanto companheiros; foram internalizados apartados, inimigos.

Guardaram uma figura paterna desvalorizada e que desvaloriza e esta imagem parece ter sido aprendida com a mãe que é a figura considerada forte, que os manteve em família e, também quem desistiu desta.

Em relação aos irmãos, as falas sugeriram uma dificuldade de ainda se sentirem irmãos ao se verem separados fisicamente. Apresentam uma relação de irmandade bastante consistente e também agressiva com os irmãos que se encontram na INSTITUIÇÃO e nos que se encontram longe desta parecem colocar uma expectativa de vida melhor. O bom parece estar fora da INSTITUIÇÃO e, por isso, muitas vezes, se sentem muito diferenciados dos irmãos que estão longe, fato este que parece torná-los menos irmãos.

Quanto à INSTITUIÇÃO é comum uma relação bastante ambígua. No momento, é na INSTITUIÇÃO que estão os referenciais, porém, é também esta quem declara a

todo o tempo a falta. Amam e odeiam e, parecem repetir com a INSTITUIÇÃO a relação com a figura materna. A INSTITUIÇÃO tanto quanto a mãe é objeto de amor e ódio. Porém, ao se tratar do cotidiano das instituições que têm como fim apoiar e abrigar crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, este fator parece incomodar por demais o bom andamento do trabalho. Se de um lado temos todas as experiências e conteúdos inconscientes dos menores, de outro temos também os da equipe técnica e toda a complexidade institucional.

Os adolescentes, muitas vezes, se recusam a manter qualquer vínculo que estabeleça uma maior proximidade entre eles e a INSTITUIÇÃO. Lidam com esta como algo também passageiro e, portanto, como algo do qual, um dia, também irão se separar.

Observou-se muito comumente dentro da INSTITUIÇÃO, a tentativa de torná-los todos iguais, o que podemos inferir que fica dificultado todo e qualquer procedimento que exija o exercício da individualidade. Dentre estes procedimentos podemos incluir, inclusive, a aprendizagem por se tratar de um processo que pressupõe vínculo. Na indiferenciação fica dificultado o vínculo enquanto instrumento essencial dentro de qualquer INSTITUIÇÃO. Ninguém ama se não tem a dimensão do EU e do OUTRO. Para amar, afetar-se, é necessário que exista um outro e um outro diferenciado.

Não nos parece uma tarefa fácil o fato de a INSTITUIÇÃO poder oferecer algo a indivíduos que não se vêem como tal. Na relação de "sociedade" a qual vivem parece que tudo fica no outro e com o outro. A responsabilidade, o cuidado estão sempre sendo atribuídos ao outro e não há um compromisso pessoal com quase nada do que diz respeito à vida na INSTITUIÇÃO.

Consideram a INSTITUIÇÃO como um lugar de espera e, este fato, parece dificultar bastante esta relação, pois predispõe estes menores a estabelecerem relacionamentos superficiais, pouco consistentes e nada duradouros. Lidam com o que lhes é oferecido como se também fosse passageiro.

As leis parecem cair em descrédito enquanto lei. Servem para serem transgredidas e não garantidas. Parece haver um conflito no que diz respeito ao PODE e NÃO PODE tanto em relação à INSTITUIÇÃO quanto em relação ao menor.

O controle é sempre esperado do mundo externo; a autonomia, o controle são aspectos ainda muito pouco presentes no cotidiano da INSTITUIÇÃO. Podemos inferir quanto a isto, o fato de que estes indivíduos não decidem nada, não têm do que cuidar e não optam por nada. Não se pretende com isto atribuir à INSTITUIÇÃO as muitas tentativas fracassadas mas, levantar a problemática referente à falta de individualidade e autonomia dentro das instituições. Diante deste quadro, o menor está sempre esperando ser contido pela INSTITUIÇÃO ou pelas ameaças que a vida na INSTITUIÇÃO impõe.

Foi observado que dentro da INSTITUIÇÃO, o menor tenta resgatar vínculos vivenciados no grupo familiar e, este fato, muitas vezes, os dificulta a dar um lugar dentro de si para a INSTITUIÇÃO. Tentam de diversas formas fazer da INSTITUIÇÃO um substituto da família e, repetem nas suas relações com esta modelos vividos fora. Num outro extremo, percebe-se a INSTITUIÇÃO funcionando de forma a cultivar e reforçar tais expectativas se colocando, muitas vezes, enquanto um substituto dos cuidados familiares, relegando seu real papel.

Dentro da INSTITUIÇÃO é cultuado a cooperação, ficando descartada a possibilidade de lidarem de forma saudável com a competição. Não há espaço

permitido à competição e esta aparece, freqüentemente, através das brigas tão comuns nas brincadeiras.

Para competir é preciso brincar e brigar. O brinquedo é usado por estes adolescentes para se diferenciarem e é, portanto, alvo de conflito. Não há o brincar, é preciso brigar para brincar e este fato nos pareceu bastante significativo no que diz respeito ao vínculo. Há uma tentativa de lidar com a raiva e agressividade que trazem consigo, porém, estas têm que ser mostradas na brincadeira, de brincadeira.

Amar dentro da INSTITUIÇÃO os possibilita a dar nomes, a ter nome e este aspecto, nos pareceu fundamental no tocante à aprendizagem. Observou-se que ao afetar-se dentro da INSTITUIÇÃO, aprendem o que julgam ser bom e o trabalho que parece ser o referencial que os possibilita, muitas vezes, a lembrança do que viveram em família. Porém, nota-se grande dificuldade em estabelecer vínculos mais próximos, pois quase nunca reconhecem o que possa ser considerado SEU.

Há aqui uma ameaça que nos parece constante: conhecem muito pouco de proximidade, torná-la perigosa e "Ninguém alimenta afetivamente à distância."

A aprendizagem dentro da INSTITUIÇÃO está bastante associada a respeitar o grupo e ser respeitado por este. Porém, julgamos difícil o respeito ao grupo tendo em vista o fato de muito pouco terem a dimensão e a apropriação do EU. O respeito tão difundido pela INSTITUIÇÃO exige sobretudo que esta os reconheça enquanto indivíduos e, só posteriormente, os tornem sócios.

A aprendizagem formal, dentro deste quadro é alvo ainda difícil. Parece terem guardado desta experiência uma repetição de tudo o que já viveram e vivem fora da escola. É, portanto, uma escola que não suscitou nada que pudesse ser

sentido como diferenciado, novo e, consequentemente, não viabilizou o desejo de saber.

Não demonstraram nas entrevistas que puderam atribuir ao professor o lugar de quem sabe aquilo que desejariam saber. Guardaram a figura de um professor que, sobretudo lhes contou o que não sabiam, o que não podiam.

A escola é algo que também é sentida como distante. A relação com esta parece refletir a relação que têm com a vida e com a INSTITUIÇÃO: é preciso esperar. A espera que nos foi informada é muito pouco animadora; o que esperaram desta escola, da escola que puderam receber, foi aprender como fugir dela.

Acreditamos ser de extrema importância para qualquer instituição que pretenda trabalhar com menores, o fato de repensar sua prática no que diz respeito ao que oferecer e como oferecer. É muito frustante, em grande parte das vezes, o não reconhecimento da parte dos menores à "ajuda" oferecida pela INSTITUIÇÃO, porém, é preciso estabelecer mais firmemente qual é o papel de qualquer instituição destinada a tal fim. Colocaríamos aqui uma questão também polêmica, no entanto necessária: O que as instituições têm oferecido a estes menores que se encontram, no momento, "esvaziados de família"? Será que as instituições diante de seu compromisso com o social não têm caído num juízo de valores do que venha ser o normal, do que seja anormal?

Se estão preocupadas em transformar seres em condições tão especiais em crianças e adolescentes que possuem um grupo familiar e, consequentemente, tudo o que a vida em família viabiliza e/ou impede, estão equivocadas e, talvez, seja este aspecto, uma das razões da grande ineficiência das instituições de e/ou para menores no Brasil hoje. O papel da INSTITUIÇÃO não é e nem deveria ser o de substituir a família, de fazer de conta que nada muda na vida das pessoas ao

perderem o referencial familiar, mas o de auxiliar estes indivíduos a lidar com esta falta e com a baixa estima que trazem. Ao serem abandonados, lidam consigo de forma desvalorizada.

Diante dos dados oferecidos pelas entrevistas, nos parece fundamental que as instituições suportem, de alguma maneira, o que estes menores trazem com eles. Não estamos afirmando contudo, que seja fácil sair de um sonho bonito, limpo, moral para ir de encontro com estes pequenos, toda sua sujeira, mal cheiro, a feiúra do social que carregam, sua "imoralidade", sua desorganização interna tão bem refletida no externo.

Com todas as dificuldades, acreditamos não haver outra forma de estar com estes indivíduos que não a de acolhê-los enquanto tal, com tudo o que carregam consigo. Qualquer trabalho possível terá que partir daquilo que trazem, para que assim se estabeleça uma maneira de valorizá-los, mesmo que à medida em que forem recebendo novas informações se descubram equivocados, descubram que o mundo é muito maior.

Parece necessário que as instituições fiquem atentas ao fato de que qualquer objeto pertencente a eles, não são simples objetos, na maioria das vezes, é a única forma de se sentirem donos e, muitas vezes, é a maneira de se reconhecerem: eu existo porque sou dono deste... Para a INSTITUIÇÃO tais objetos têm o valor de suposto que partindo da questão da Identidade, a INSTITUIÇÃO alcançará muitos dos objetivos propostos. Acreditamos que diante do sentimento do ISSO SOU EU, consequentemente, virá o eu quero..., eu posso... e o amar, confiar, obviamente, serão possíveis.

Sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas e, que possam discutir de forma mais profunda, a questão da lei enquanto lei que elimina a ambigüidade e, por conseguinte, elimine a onipotência dentro da INSTITUIÇÃO. Sugerimos também que sejam realizados estudos sobre a autonomia e a possibilidade de valorizar a palavra podendo assim viabilizar formas de trabalho com estes adolescentes para que estes se assumam e assumam a INSTITUIÇÃO enquanto um espaço de construção, educação e (re)educação.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sandra, F. C. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar - aprender.** in Temas de Psicologia (n.o 1, 1993). São Paulo.

ALTOÉ, Sônia. **Infâncias Perdidas: o cotidiano nos internatos-prisão.** Rio de Janeiro: Xenon, 1990.

BARROS, Elias M. R. **O conceito de Transferência: uma síntese do ponto de vista kleiniano.** in SLAVUTZKY, Abrão. **Transferências.** São Paulo: Escuta, 1991.

BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. **Vida cotidiana e subjetividade de meninas e meninos das camadas populares: meandros e opressão, exclusão e resistência** in Psicologia, Ciência e Profissão (no 3 e 4, 1992) Brasília.

BLEGER, José. **Temas de Psicologia: a entrevista e grupos.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BOWLBY, John. **Cuidados Maternos e Saúde Mental.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BROW T. e WEISS L. *Structures, Procedures, and Affectivity*.in WADSWORTH, B.J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Jean Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1992.

CAMPOS, Dinah. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1987.

COLLEN, P. **Mais que a realidade**. São Paulo: Cortez, 1987.

DOR, Joël. **O Pai e sua Função em Psicanálise**. Rio de Janeiro, J.Z.E. 1989.

ELKIND, D. *Children's Discovery and the Conservation of Mass*. in WADSWORTH, B.J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Jean Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1992.

FERNANDES, A. **A Inteligência aprisionada: abordagens psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes médicas, 1991.

FREUD, S. (1905) **Três Ensaios sobre a Sexualidade Infantil**. ESB, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ (1912). **A Dinâmica da Transferência**. ESB, v. XII. Rio de Janeiro:

Imago, 1969.

FREUD, S. (1913 [1912 -1913]) **Totem e Tabu.** ESB, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ (1917 [1915]) **Luto e Melancolia.** ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ (1920). **Além do Princípio do Prazer.** ESB. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GREGOLIN, Maria R. e GHIRALDELO, Claudeti M. **Da Palavra ao Mundo: Comunicação e Linguagem.** São Paulo: Atual, 1994.

GUIRADO, M. **Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono.** São Paulo: Summus, 1986.

KUPFER, Maria C. **Freud e a Educação: o mestre do impossível.** São Paulo: Scipione, 1989.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MARIN, Isabel S.K. Febem, **Família e Identidade: o lugar do outro.** São Paulo: Babel Cultural, 1988.

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, Delinqüência, Toxicomania: Uma Outra Forma de Gozar.** São Paulo: Escuta, 1992.

MILLOT Catherine. **Freud Antipedagogo.** Rio de Janeiro . J. Zahar Editores, 1987.

MORGADO, Maria Ap. **Um ensaio sobre a sedução na relação pedagógica.** São Paulo, PUC-SP. Dissertação de Mestrado, 1989.

PAIM, Sara. **A Função da Ignorância: A gênese do Inconsciente.** v. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

PESSOA, Fernando. **O Livro do Desassossego.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1972.

PINTO, Helysa D.S. **Emoção e Ação Pedagógica na Infância: Contribuição de Wallon.** in Temas de Psicologia (n.o 3, 1994) São Paulo.

RIVIÈRE, Pichon Enrique. **Teoria do Vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROLLA, Edgard H. **Da Entrevista Psicológica.** Uberlândia: Banco do Livro/U.F.U. 1980.

RODRIGUES, Sérgio A. e BERLINCK, M. T. (org.) **A psicanálise de Sintomas Sociais**. São Paulo: Escuta, 1988.

SPITZ, René. **O Primeiro Ano de Vida da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*, in Moreira, J. O. **Prisioneiro do Desejo: O problema da Liberdade em Freud**. Cidade do Porto/Portugal: Ed. Res. (p.388).

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1992.

ANEXO 1: Transcrição de uma entrevista

E- Qual é o seu nome completo?

C- C.A.S.D..

E- Quantos anos você tem?

C- 12

E- Onde você morava antes de vir para a INSTITUIÇÃO?

C- No Patrimônio.

E- Com quem?

C- Com a minha mãe.

E- Você tem irmãos?

C- Tem.

E- Quantos irmãos você tem?

C- Quatro.

E- Eles moravam com você e sua mãe?

C- Morava. Mas nós é, minha mãe deixou nós até arrumar a casa dela ainda.

E- Ah! então vocês estão morando aqui até ela arrumar a casa?

C- Ham, Ham.

E- E seu pai?

C- Ah! meu pai tava trabalhando.

E- Onde ele trabalha?

C- Ele trabalhava na fazenda.

E- Ele não morava com vocês?

C- Separou da minha mãe.

E- Então moravam você, a sua mãe e seus 3 irmãos?

C- Não, era os quatro.

E- Você tem quatro irmãos?

C- Não é só 4, só. Mas pior é que minha mãe separou do meu pai.

E- Lá na sua casa vocês são 4 filhos?

C- Somos.

E- E hoje, quem mora lá com sua mãe?

C- Hoje? Só a minha mãe e meus dois irmãos só, e eu e meu irmão tamo na INSTITUIÇÃO.

E- Quem teve a idéia de vocês virem morar na INSTITUIÇÃO?

C- Minha mãe.

E- Como surgiu esta idéia?

C- Uai, minha mãe viu os meninos lá da INSTITUIÇÃO indo pra escola: eu fiz força pra mim ir pra lá também ficar DO DIA.

E- Mas agora você está morando lá. Como é que foi resolvido você ficar morando lá?

C- Eu achava bom, eu fui e pedi pra minha mãe pra morar lá.

E- Você encontra sua mãe algumas vezes?

C- Encontro.

E- Quando?

C- Ah! de vez em quando, né? Uns três dias, quatro, por aí.

E- Final de semana?

C- Ham, Ham.

E- Você vai na sua casa?

C- Não, eu vou lá na casa da minha tia, porque ela tá lá na casa da minha tia.

E- E com o seu pai, você encontra?

C- Encontro.

E- Quando?

C- Uai, todo dia se eu for lá, todos os domingos, sábado.

E- Quando você vai na casa da sua tia?

C- Não, da minha avó.

E- Ah! da sua avó. Quando você vai lá visitar a sua mãe, você vai na casa da sua avó também?

C- Ham, Ham.

E- Encontra seu pai?

C- Encontro.

E- E como é a sua relação com o seu pai?

C- Ah! a relação com o meu pai é bom, mas uma coisa que eu não gosto mais nele é ele ficar bebendo pinga demais.

E- Ele bebe?

C- Bebe.

E- Quando ele bebe, ele faz o que?

C- Ah! ele fica correndo na rua, correndo pros lados, aí se eu não segurasse ele, ele ia beber mais ainda.

E- É?

C- Ham, Ham.

E- Então você está me dizendo que você vigia seu pai?

C- Não, às vezes, vigio. Só na hora que ele não tá tonto, eu não vigio ele; quando ele tá tonto, eu tô vigiando ele, de vez em quando.

E- E com sua mãe, como é a sua relação?

C- A relação com a minha mãe até que é boa.

E- Até, por que?

C- Ah! porque eu gosto mais é dela de que meu pai.

E- Por que?

C- Uai, porque eu gosto da minha mãe.

E- É? O que faz você gostar tanto assim da sua mãe?

C- Ah! eu peguei um costume. Primeiro, com a minha mãe, na hora que tem alguma coisa, meus irmãos vai lá me chamar pra ficar com a minha mãe. Eu vou e volto de novo. Na hora que eu tô na casa da minha tia, meus irmãos tá lá, meus irmãozinho vem tudo atrás de mim.

E- Não foi difícil ficar separado de seus irmãos?

C- Ah! não foi muito difícil não.

E- Por que?

C- Uai, no fim de semana ela vem pra cá, dia de feriado, agora ela tá aí.

E- Está aí, onde?

C- Ali, na casa da minha tia.

E- Por que, ela não morava aqui?

C- Ela... agora ela vai morar aqui, ela morava lá em Catalão.

E- Você é de Catalão?

C- Não, sou daqui de Uberlândia.

E- Depois que você veio morar na INSTITUIÇÃO é que ela foi para Catalão?

C- É.

E- Agora, ela está morando aqui de novo?

C- Tá.

E- Você disse que não foi tão difícil se separar de seus irmãos. Por que você acha que não foi tão difícil?

C- Ah! porque eu gosto dos meus irmãos.

E- Você gosta?

C- Gosto.

E- Como é que é ficar longe deles?

C- Ah! se ficar longe mais é ficar mais ruim; aí não tem jeito de separar.

E- C., fala para mim, o que é uma família?

C- Ah! família é o pai, é a mãe, a avó também que é parte da família, os tios também é parte da família, os filhos também faz parte da família também, só.

E- É? Conta para mim como é a sua família:

C- Minha família até que é boa, né?

E- Até, por que?

C- Ah! porque eu gosto deles.

E- C., como era antes de você vir morar na INSTITUIÇÃO? Como é que você vivia, como era a sua vida?

C- Ah! minha vida era boa.

E- Boa?

C- Ham,ham.

E- O que você quer dizer com boa?

C- Uai, porque eu gostava, gostava de passear, gostava de andar a cavalo. Na hora que eu tô perto da INSTITUIÇÃO assim, perto da fazenda, eu vou pra lá, vou tocar o gado, de vez em quando eu pesco.

E- Onde?

C- Na lagoa lá da INSTITUIÇÃO, lá de baixo, fico lá na sombra.

E- Na lagoa lá da INSTITUIÇÃO, lá de baixo, fico lá na sombra.

E- E o que mais você fazia antes de vir morar na INSTITUIÇÃO?

C- Fazia um punhado de coisas, ajudava algumas pessoas dia de domingo eu ia jogar bola, ia nos clubes com uns amigos meus e ficava bom pra mim, eu olho os filhos dos meus amigos, na hora que eles tá longe eu vou atrás.

E- Quem são seus amigos?

C- Uai, uns amigos meu já faz muito tempo.

E- Onde você arrumou esses amigos?

C- Eles me conhecia desde nenenzinho já.

E- Eram seus vizinhos?

C- É.

E- Se era tão boa sua vida antes de vir morar na INSTITUIÇÃO, por que você quis vir?

C- Ah! porque eu gostei de lá.

E- Gostou de onde?

C- Lá da INSTITUIÇÃO, do Centro de Formação. Agora eu vou sair de lá só com dezoito anos porque eu quero, quando eu tiver com dezoito anos, saio, pego meus negócios e vou embora para a casa da minha mãe.

E- Por que você pensa em ficar lá até os dezoito anos?

C- Ah! porque eu quero, eu gosto, de vez em quando fico lá dia de domingo, de vez em quando eu não saio porque eu não quero, na hora que eu quero, eu saio pra onde eu quiser.

E- No domingo você pode sair para onde você quiser?

C- Ham, ham.

E- E para onde você costuma ir além da casa da sua tia?

C- Vou pra casa dos amigo meu.

E- Quais?

C- Uai, de vez em quando eu vou pra casa do Neno, no João, Juca, um punhado de amigo meu.

E- O que você faz na casa deles aos domingos?

C- Dia de domingo? De vez em quando eu jogo bola, brinco, na hora que eles vai sair, vai pro clube, eles me leva até lá na INSTITUIÇÃO pra eu pegar meu calção de banho, eu vou junto com eles.

E- Você gosta do Clube?

C- Ham, ham.

E- Em qual Clube você vai?

C- Ah! teve um dia que eu tava com um amigo meu, eu ia pro Vila Olímpica.

E- C., fala pra mim direitinho, como é que você veio parar aqui na INSTITUIÇÃO?

C- Ah! minha mãe que levou.

E- Como é que você conheceu a INSTITUIÇÃO?

C- Ah! quando eu era... quando eu tava com uns quatro anos, aí minha mãe foi e me levou lá, aí a V. tava lá, ela deixou eu morar lá.

E- E por que a sua mãe te levou lá?

C- Ah! porque ela quis, né? Ela não queria que eu ficasse muito na rua por causa do meu primo, meu primo era atentado, levava a gente pra rua, agora eu fiquei lá, eu tô melhorano.

E- Está melhorando do que?

C- Ah! melhorando, se eu for pra qualquer lado lá do... do lado de lá, mesmo assim eu tô magrinho porque eu gosto mais é de lá.

E- O que?

C- Qualquer coisa se eu sair pra algum lugar assim que eu não gosto eu vou e esmagreço e eu não gosto de esmagrecer mais.

E- Você está falando que quando você sai da INSTITUIÇÃO e vai para um lugar que você não gosta, você emagrece?

C- Eu fico esmagreceno, aí eu não gosto. Aí vou ficar lá por enquanto.

E- Por que você emagrece?

C- Uai, porque eu não gosto de sair pra esses lados, assim que eu não gosto.

E- Que lados?

C- Ali pro Lagoinha. Esses lados assim pra lá, que eu não conheço.

E- Por que o Lagoinha faz emagrecer?

C- Ah! porque eu não gosto de lá, né? Eu gosto mais é de passear bem lá pro centro. Eu não gosto de ficar na rua.

E- Você não gosta da rua?

C- Não.

E- Por que?

C- Ah nem, ficar na rua é ruim demais.

E- Você já ficou na rua?

C- Só um dia só. Agora eu não tô ficano mais não.

C- Só um dia só. Agora eu não tô ficano mais não.

E- Você ficou na rua só um dia? O que você fez neste dia?

C- Uai, quando eu fiquei na rua eu vi aqueles meninos querendo roubar os outro,

C- Uai, quando eu fiquei na rua eu vi aqueles meninos querendo roubar os outro, roubá esses negócios desses meninos assim, eu fui e saí correno pro lado dos mais grande.

E- Para onde?

C- Pro pessoal mais grande, e eu fugi, fui lá, peguei o ônibus do meu bairro e fui pro meu bairro.

E- Então você via as crianças roubando na rua. E você não roubava?

C- Não.

E- Nunca?

C- Não.

E- O que mais as crianças fazem na rua?

C- Tem uns que cheira cola, cheira tinner, fuma, é... maconha, esses negócios assim.

E- E você? Você não fazia isso?

C- Não.

E- Não?

C- Nhum, num.

E- Nada disso?

C- Mais também se eu fizer isso perto da minha casa minha mãe me mata.

E- Por que?

C- Porque ela não gosta que eu fico... ela não gosta que eu fumo... aí, na hora que eu fui fumá, minha mãe foi e me deu um tapa bem na minha boca, pra mim não fumá.

E- Você fuma?

C- Ah?

E- Você fuma?

C- Parei, desde que minha mãe deu um tapa na minha boca.

E- e outro tipo de droga, você usa?

C- Hum?

E- E outras drogas, você já usou?

C- Não.

E- Nem cola?

C- Não, num, num.

E- Nunca?

C- Nhum, num.

E- C. fala para mim, como é a sua vida agora?

C- Ah! agora minha vida, graças a Deus, que Deus me ajudou.

E- Por que?

C- Uai, porque eu não gostava, parece desses negócios assim, de roubá dos outros.

E- Por que, você roubava?

C- Não. Meu primo me chamava pra mim roubá, mas eu num...

E- Você ia com ele?

C- Eu ia mais, eu ia, na hora que eu tava chegano na onde ele ia, eu fugia lá pra casa da minha mãe.

E- Então, antigamente você ia com seu primo roubar? Só ele roubava, você não roubava?

C- É, ele que roubava.

E- E a culpa, você também levava a culpa?

C- Ele roubava e minha mãe que me batia.

C- Ele roubava e minha mãe que me batia.

E- Então, mais ou menos, você veio para a INSTITUIÇÃO por causa disso?

C- Foi, porque eu não queria é... mexer no que era dos outros. Só na hora que a pessoa der a ordem.

E- Só a hora que a pessoa...?

C- Me dá ordem mesmo.

E- Quando você saía com seu primo e ele saía para roubar, o que vocês roubavam?

C- Uai, nós roubava, esses negócios assim... ovo e quebrava dentro da creche, quebrava vitrô da porta da creche e eu entrava, pegava gravador.

E- O que vocês faziam com o gravador?

C- Uai, ele escondia. No dia que ele escondeu, eu nem sei onde que ele guardou este gravador.

E- Escondia só, não vendia?

C- Não. Ele vendia não. Ele vendia só peça de bicicleta.

E- Você ia com ele também roubar peças de bicicletas?

C- Não. Ele roubou o relógio da minha mãe, aí eu falei assim: roubá o relógio da minha mãe, aí não, né? Eu peguei ele e dei um murro bem na cara dele. Aí a minha mãe foi e me bateu também.

E- C., vamos voltar a falar de como você vive agora. Como é a sua vida agora?

C- Ah! minha vida, até que é mais melhor pra mim.

E- Por que é melhor?

C- Porque eu gosto lá da INSTITUIÇÃO, gosto dos amigo meu. Eu não gosto mais de...
mexer em trem dos outro, das pessoas, trem que não é minha, por isso.

E- Quem te ensinou isso?

C- Hum?!... Quem ensinou isso pra mim? Foi o pessoal lá da INSTITUIÇÃO. Pra não
mexer nos trens dos outros, das pessoas.

E- Eles te ensinaram como?

C- Uai, ensinou pra mim não mexer nos trens dos meninos.

E- Lá dentro da INSTITUIÇÃO, você mexia?

C- Não.

E- Com quem você mais convive na INSTITUIÇÃO?

C- Com quem que eu mais convivo? Uai com as pessoas mais grandes. As pessoas
que mais respeito pra mim.

E- Quem são estas pessoas?

C- A C., a V., quem eu mais gosto.

E- Quem mais?

C- Tem a caseira de lá que eu gosto dela também. O W., tem uns meninos lá
também, quando eu tô..., quando eu quero brigar, o menino vai lá me separa. Me
separa pra não bater nos outros.

E- Por que você gosta de brigar?

C- Uai, só de vez em quando.

E- Então lá na INSTITUIÇÃO tem gente que você gosta mais e tem gente que você
gosta pouco?

C- Hum, hum.

E- De quem você gosta pouco?

C- Uai, dos meninos é que... faz graça, quer bater nos meninos pequenos. De vez
em quando eu brigo com meu irmão.

E- Seu irmão é maior ou menor?

C- É menor que eu.

E- E por que você briga com ele?

C- Ué, porque ele fica encrencano briga.

E- O que é encrencar briga?

C- Caía não.

E- O que é encrencando briga?

C- Ué, caçando briga.

E- Caçando briga? De que jeito se caça briga?

C- Uai, na hora que eu tô sossegado lá, dormindo lá, ele fica zuando eu, fica fazendo essas gracinhas assim. Hora que eu pego pra zoar ele, eu num taco não é sapato não, eu taco é água duma vez, pra acordar.

E- Quem separa vocês?

C- Uai, os meninos lá, que dormia lá.

E- De quem mais você não gosta muito?

C- Ah! de mais que eu não gosto é do ... esqueci o nome do menino lá.

E- Por que você não gosta dele?

C- Não, ele é atentado demais.

E- Atentado como?

C- Ele não gosta do meu irmão, ele num ..., quando eu tô sossegado, almoçando, ele fica dando tapa no meu pescoço, eu não gosto disso.

E- Seu irmão também faz isso?

C- faz.

E- Dos meninos, de quem você mais gosta?

C- Ah! dum amigo meu, do G., dos outros meninos lá. O G. é mais amigo meu de

que os outros lá.

E- É? O G. é o seu melhor amigo?

C- É.

E- Do que você gosta nele?

C- Uai, nós conhecemos desde muito tempo, né?

E- Desde muito tempo quando?

C- Icha!... Desde....

E- Como?

C- Já faz muito tempo já.

E- Onde vocês se conheceram?

C- Lá na tia X.

E- Na tia o que?

C- Na tia X.

E- Onde é a tia X?

C- Lá perto da... daqueles prédios ali perto do Lagoinha.

E- O que você fazia lá na tia X?

C- Uai, eu morava lá.

E- Você não morava com a sua mãe?

C- Morava, mais... Eu morei lá na tia X, da tia X eu fugi de lá e fui pra casa.

E- Por que você fugiu da tia X?

C- Ah! porque eu não gostava de lá.

E- Por que?

C- Ah! tem veis que... quando a gente faiz bagunça assim... quando a gente vai para a igreja, eles... quando a gente tá dormindo na igreja, ele vai lá e bete na gente, eu tava lá nesta época.

E- Como é lá na tia X?

C- Ah! lá na tia X até que é bom, né? Meu irmãozinho também tá lá.

E- Ele não está com a sua mãe?

C- Não. Tá cum... tá lá na tia X, lá. Minha mãe deixou ele lá.

E- Sua mãe, então, não está com nenhum filho?

C- Ela só tá com quatro, era cinco, ela deixou um na tia X, pra morar lá, parece que

E- Pra morar lá com a tia X. Parece que a minha mãe deu pra ela. Ah, num sei desse rolo não.

E- Sua mãe também tinha dado vocês para a tia X?

C- Tinha, mas eu fugi de lá.

E- E seu irmão?

C- Meu irmão? Meu irmão nunca fugiu de lá não.

E- E o seu irmão que está na INSTITUIÇÃO também?

C- Ah! nunca fugiu de lá não.

E- Este seu irmão que está na INSTITUIÇÃO com você?

C- Ele também morava lá também. Depois nós fomos e saímos. Só minha irmã que não morava. Lá não podia ter menina.

E- Onde sua irmã mora?

C- Agora tá morando com minha mãe.

E- E antes?

C- Antes também.

E- Então, na sua casa é uma menina e três meninos?

C- É. São eu, meu irmão e meu irmãozinho mais novo.

E- E a irmã?

C- É.

E- Você e seu irmão estão na INSTITUIÇÃO e seu irmãozinho está na tia X?

C- Não, só o pequenininho que tá.

E- Tem outro?

C- O outro tá... Os dois estão com a minha mãe. Meu irmãozinho mais a minha irmã tá com minha mãe.

E- Me fala um pouco mais lá da tia X:

C- Ah! Até que a tia X, lá é bom demais.

E- O que vocês faziam lá?

C- A gente trabalhava, a gente recebia, esses negócios assim.

E- O que vocês faziam com o dinheiro?

C- Uai, nós... eu ajuntava pra mim.

E- Para comprar o que?

C- Comprar sapato, comprar roupa, esses negócios assim, camisa... esses negócios... meia também.

E- Vocês trabalhavam com o que?

C- Vender rodo.

E- Como era trabalhar lá na tia X?

C- Ela fabricava, ela fabricava rodo também.

E- Ela fabricava rodos e vocês vendiam? E era bom trabalhar para a tia X ou era

mais ou menos?

C- Era bom.

E- E por que você quis sair de lá?

C- Ah! porque ela... eu num tava, tava dando conta.

E- Dando conta do que?

C- De carregar rodo. A tia X tava doente demais, na hora que eu chegava lá, o dinheiro eu dava todo dia pra eles guardar.

E- E o que eles faziam com o dinheiro?

C- Eles ajuntavam pra gente viajar, também pra ir comprando os negócios pra nós, comprar é... como é que é o nome?... Esqueci o nome do negócio lá.

E- Então, o dinheiro de vocês não ficava com vocês?

C- Dava só fim de semana pra nós é... passear.

E- E você quis fugir de lá por que?

C- Ah! porque eu não gostei de lá mais.

E- Por que?

C- Lá era ruim. É porque eu não tô acostumado lá mais não.

E- Com o que você não está acostumado lá?

C- Ah! porque eu não gosto, tô enjoado de lá.

E- Do que você enjoou?

C- Porque eu fiquei morando lá demais já. Lá demais fiquei morano... demais... esse negócio assim.

E- Pois é, e do que você enjoou?

C- Ah! de ficar trabalhando. Ficar fazendo esses negócios assim... Depois eu fui e saí

de lá. Eu fui pra minha mãe e da minha mãe eu fui pra INSTITUIÇÃO.

E- E na INSTITUIÇÃO, você se dá bem com muitas crianças?

C- Ah! eu acho bom.

E- Na INSTITUIÇÃO, vocês brigam muito entre si? Vocês ajudam uns aos outros, competem/ Como é que é?

C- Uai, nós ajuda, tem uns que quer brigar, mas nós num deixa.

E- Vocês querem brigar por que?

C- uai, esses negócios assim, não sei de que não.

E- Como assim?

C- Uai, porque...

E- Por que vocês brigam lá na INSTITUIÇÃO?

C- É porque, causa dos que eu tô brigando, meu irmão pega uma coisa minha, fica fazendo graça com minhas coisas.

E- Então, você briga mais é com o seu irmão?

C- É, meu irmão mesmo, ele caça briga.

E- C. e os outros meninos, vocês brigam muito entre si?

C- Ah! tem uns de vez em quando.

E- E por que vocês brigam?

C- Ah! porque eles qué. Qué brigá.

E- Querem briga, por que?

C- Ah! não sei não. Sei causo de briga não. Mas meu irmão, ele tá... cheio de caçá

briga com os mais pequeno. Eu e um amigo meu não deixa eles brigar. Aí...

E- E competir, vocês competem muito?

C- Compete.

E- Por que?

C- Por que nós... de vez em quando...

E- Um quer ser melhor do que o outro?

C- É.

E- No que?

C- Uai, na briga, nesses negócios assim...

E- No que mais?

C- Nos negócios meu lá, briga, de vez em quando nós caça briga. E eu não quero brigá.

E- Vocês competem no que mais?

C- Por causa de ... quando passa filme de caratê, esses negócio assim... eles é cheio de miquilim, parecendo caretecistas. Hora que eu pego ele também...

E- No que mais vocês gostam de ser um melhor do que o outro?

C- Ah! no que eu mais gosto de ser mais melhor é jogar bola. Mais melhor, de vez em quando.

E- Você é o Romário no futebol?

C- Ham, ham, Romário. E meu irmão tá querendo ser o Tafaréu

E- E você?

C- Ah! eu gosto mais é de jogar bola, não gosto de ficar no gol, não estou acostumado.

E- Pois é, mas você gostaria de ser como quem? De qual jogador você mais gosta?

C- Ninguém. Eu gosto só do... Como é que é o nome? Eu gosto só de assistir o jogo.

E- Você não gosta de nenhum jogador em especial?

C- Não. Eu gosto quando eu vejo ele, eu vou treinando, treinando...

E- Quando você vê quem?

C- Eu corro até suá mesmo.

E- Qual é o melhor jogador?

C- Lá de casa?

E- Não, do Brasil? Qual você acha?

C- Romário, Zinho, o Bebeto, o melhor do gol é o Tafaréu, é o Zete.

E- E competir, vocês competem muito?

C- Compete.

E- Por que?

C- Por que nós... de vez em quando...

E- Um quer ser melhor do que o outro?

C- É.

E- No que?

C- Uai, na briga, nesses negócios assim...

E- No que mais?

C- Nos negócios meu lá, briga, de vez em quando nós caça briga. E eu não quero brigá.

E- Vocês competem no que mais?

C- Por causa de ... quando passa filme de caratê, esses negócio assim... eles é cheio de miquilim, parecendo caretistas. Hora que eu pego ele também...

E- No que mais vocês gostam de ser um melhor do que o outro?

C- Ah! no que eu mais gosto de ser mais melhor é jogar bola. Mais melhor, de vez em quando.

E- Você é o Romário no futebol?

C- Ham, ham, Romário. E meu irmão tá querendo ser o Tafaréu

E- E você?

C- Ah! eu gosto mais é de jogar bola, não gosto de ficar no gol, não estou acostumado.

E- Pois é, mas você gostaria de ser como quem? De qual jogador você mais gosta?

C- Ninguém. Eu gosto só do... Como é que é o nome? Eu gosto só de assistir o

jogo.

E- Você não gosta de nenhum jogador em especial?

C- Não. Eu gosto quando eu vejo ele, eu vou treinando, treinando...

E- Quando você vê quem?

C- Eu corro até suá mesmo.

E- Qual é o melhor jogador?

C- Lá de casa?

E- Não, do Brasil? Qual você acha?

C- Romário, Zinho, o Bebeto, o melhor do gol é o Tafaréu, é o Zete.

E- E na INSTITUIÇÃO, qual é o melhor jogador?

C- Eu, de veis em quando. De veis em quando, né? na hora que eu tô querendo chutar a bola, meu irmão cata. Eu não gosto de dar bomba no meu irmão que machuca ele.

E- Seu irmão é o goleiro?

C- É.

E- E ele é bom?

C- É.

E- Vocês trabalham? Fazem tarefas na INSTITUIÇÃO?

C- Faz. Nós planta alface, couve, esses negócio assim na horta.

E- O que mais?

C- Nós cuida de galinha, dos patos, desses bichinhos assim.

E- E o que vocês ganham quando fazem isso?

C- Nós ganha dinheiro no fim de semana.

E- Tem caixinha?

C- Tem caixinha nossa.

E- Como funciona esta caixinha? Quem trabalha mais ganha mais? Como é que é?

C- Quando os meninos não qué trabalhá, aí não ganha nada. Quando eles qué trabalhá mesmo, eles ganha mais também.

E- E aí, vocês não brigam pra um fazer mais do que o outro?

E- E aí, vocês não brigam pra um fazer mais do que o outro?

C- Ah! os meninos lá, de vez em quando. Tem uns que faiz quatro canteiros, tem uns que faiz cinco.

E- Nossa!.. e aí?

C- Aí que o que produzir lá, vende.

E- C., quando surge uma briga lá na INSTITUIÇÃO, o que você faz?

C- Uai, nós separa.

E- E quando a briga é com você?

C- Uai, eu separo. Oh! eles separa também.

E- Vocês nunca ficam brigando?

C- Fica, meu irmão fica.

E- Você e seu irmão?

C- Nós sempre brigamos.

E- Como assim?

C- Ah! porque meu irmão tá... na hora que eu tô, sei lá, num canto, hora que o menino tá brincando com o outro lá, aí o cara vai, vai batê no pé dele e aí já vira briga.

E- Há quanto tempo você mora na INSTITUIÇÃO?

C- Ah! não sei não.

E- Não sabe?

C- Não.

E- Quanto tempo você ficou lá na tia X?

C- Ah! uns cinco dias.

E- Ah! foram uns cinco dias?

C- Foi.

E- Na INSTITUIÇÃO, você aprende muitas coisas?

C- Aprende.

E- O que?

C- Futebol, é... nós pega o ferro e joga pra quem faz mais ponto.

E- Está quase acabando C..

C- Tá bom.

E- O que mais você aprende na INSTITUIÇÃO?

C- Aprende é... vai aprender capoeira.

E- Você gosta?

C- Gosto.

E- Você vai aprender capoeira, você aprende a plantar...

C- A capinar.

E- Trabalho, você também aprende o trabalho?

C- Aprendo.

E- Qual?

C- A estudar também nós aprende, na escolinha.

E- Em qual escola você estuda?

C- É... qual escola? Só que eu não estou estudando ainda não. Tô estudando lá na INSTITUIÇÃO, depois eu vou pra escola.

E- Você já estudou em alguma escola?

C- Já. Agora eu tô completando duas escolas já.

E- Duas escolas? Onde você estudou?

C- Primeiro estudei lá no Patrimônio, duas vezes. Depois eu saí de lá porque ficava mais fácil pra eu ir lá pra outra escola. Aí ficou mais fácil.

E- Na escola, o que você achava mais difícil?

C- Mais difícil? Ah! não achava nada mais difícil.

E- Na escola, você não tinha dificuldade para aprender nada?

C- Aprender, eu tinha.

E- O que?

C- Ah! sé alguém na vida, né?

E- E o que mais era difícil aprender na escola?

C- Mais difícil? Ah! porque o que eu não gosto mais é os meninos fazendo bagunça perto de mim.

E- Por que?

C- Ah! porque eu não gosto.

E- Você não gosta de fazer bagunça?

C- Não, mas de vez em quando eu faço.

E- E aprender? O que era mais difícil? Qual a matéria mais difícil de aprender?

C- Ah! a matéria de Ciências.

E- Por que?

C- Nós tá fazendo o corpo humano.

E- E o corpo humano não é legal aprender?

C- É.

E- O que você mais gosta de aprender no corpo humano?

C- Ah! eu gosto de escrever os nomes. Ah! o desenho, eu não dó conta de fazer o desenho.

E- C., em qual série você estava?

C- Qual série? Eu tava na segunda. Eu bombei na segunda e fui pra primeira, a mesma coisa.

E- Como assim? Você bombou na segunda e voltou para a primeira?

C- Voltei.

E- Por que?

C- Eu acho que tava lá difícil.

E- Você sabe ler?

C- Não.

E- Então, ler também é difícil aprender?

C- Foi.

E- Como é que você escrevia os nomes em Ciências?

C- Ah! eu já tenho um caderno que já tem muito tempo que eu já estudei, aí eu copio do caderno.

E- O que você acha que as pessoas aprendem na rua?

C- Ah! tem umas pessoas que não aprende muito não. Eles não vai pra escola. Não

faz esses negócio assim.

E- Mas aprender é só o que a gente aprende na escola?

C- É, pra mim é.

E- Para você, é o melhor?

C- É, pra mim é.

E- E o que é que se aprende na rua?

C- Ah! na rua aprende a cheirar cola, aprende a mexer com droga, esses negócio assim.

E- O que você já aprendeu na rua?

C- Ah! eu já aprendi muitas coisas, mais...

E- O que?

C- Tem uns que chamava a gente pra cheirar cola, roubar...

E- Isso você aprendeu na rua?

C- Aprendi nada.

E- Não?

C- Nada.

E- C., o que não pode ser feito dentro da INSTITUIÇÃO?

C- Não pode levá droga, não pode levá trem roubado, num pode é... chegar fora do horário.

E- E qual é o horário?

C- Dez horas, se passar das dez horas não dorme nos quartos mais.

E- Aí dorme onde?

C- Uai, dorme na rua.

E- Você já dormiu na rua?

C- Ham, ham.

E- Onde?

C- Dentro da casinha do guarda. Só que não tinha nenhum guarda. Naquele tempo tinha um rodeio ali perto do Ubershopping, aí eu ia.

E- Você dormiu na rua porque chegou atrasado?

C- Ham,ham.

E- Como é que foi dormir na rua?

C- Ah! eu fiquei querendo cobrir com os papel lá e não adiantou nada. Eu tive que ficar em pé, o único jeito.

E- O que mais não pode ser feito na INSTITUIÇÃO?

C- A gente não pode... é fazer esses negócio assim de... não pode é... brigá, num pode é... quando a pessoa tá te dando uma coisa cê tem que levá eles lá na pessoa que tá te dando aquele negócio, aí eu vou lá com eles.

E- Vai lá onde?

C- Vai lá buscá o negócio, aquele trem.

E- C., e entre vocês, os meninos que moram lá no Centro de Formação, vocês criam algumas leis? Isso pode, aquilo não pode.

C- É, criam também.

E- Que tipo de lei?

C- Que não passa de... Que não passa de dez horas também não pode assistir é... mais... nós tem a hora de assisti.

E- Assistir o que? Televisão?

C- Televisão, é.

E- E entre você e os colegas, vocês criam leis?

C- Não.

E- Não?

C- Não.

E- Você não tem nenhum colega lá que gosta de mandar?

C- É... tem muitos lá.

E- É? e o que eles falam?

C- Ah! tem uns meninos que é sem graça, tem essas brincadeiras sem graça que a gente não gosta.

E- Quem é que gosta mais de mandar na INSTITUIÇÃO dos meninos?

C- Ah! é um menino grande lá.

E- E o que ele manda?

C- Ah! ele não manda em nada não, mas ele disse assim que é técnico e eu fui e avisei pra C. e ela disse que ele não é técnico não.

E- O que ele manda vocês fazerem?

C- Ah! ele fica mandano a gente, mandano na gente demais...

E- O que?

C- Fica com a tesoura na nossa porta lá e... rancou o trinco de lá... ele abriu nossa porta com a tesoura.

E- Para que?

C- Pra tomar banho lá.

E- E o que vocês fizeram?

C- Uai, eu falei pra ele dá licença de lá de dentro do quarto. E ele fica lá lavano a cabeça.

E- Então, ele gosta de mandar? O que ele gosta de ficar mandando?

C- Ele não manda fazê nada não, mas ele qué ficá mandano na gente demais.

E- No que ele manda vocês demais?

C- Por exemplo: tudo é chato. Fica fazendo graça lá com a pessoa que a gente não gosta.

E- Como?

C- Ele fica fazeno graça com nós. É... o dia do aniversário meu, eles me jogaram dentro da piscina porque era meu aniversário (risos) porque eu gosto mais é de piscina mesmo.

E- Mas não era de futebol?

C- Ahm?

E- Não era de futebol?

C- Não, eu tenho doze anos, vou fazê aniversário dia quinze de julho.

E- Que dia?

C- Dia dezesseis de julho, de junho. Tá terminano?

E- Você falou: a piscina é o que mais gosto. Não é de futebol que você mais gosta?

C- Gostar, eu gosto dos dois.

E- Ah! dos dois! C., o que você espera da INSTITUIÇÃO?

C- O que que eu espero? Ah! eu espero assim... eu desejo mais coisas.

E- Espera o que? Eu não entendi a palavra que você falou.

C- Eu de-se-jo mais coisas.

E- Que coisas?

C- Pra eles não brigá, não trancá briga, num... num mandá nos outros, não bater nos mais pequenos.

E- E da INSTITUIÇÃO, o que você espera?

C- Espero muita coisa, é... eu gosto de trabalhar também, gosto de fazer meus

dever.

E- Que dever?

C- O dever de lá, que eles pede pra mim fazer.

E- Que tipo de dever?

C- É capinar, fazer é... limpar lá dentro, pintar.

C- É capinar, fazer é... limpar lá dentro, pintar.

E- C., o que você acha que a INSTITUIÇÃO e as pessoas da sociedade esperam de

você?

C- Ah! espera morar lá também, Deus ajuda pra eles morá lá também. Os menino

pequeno que fica na rua, tem uns pai que bate nas crianças também, aí vão tudo lá

pra INSTITUIÇÃO, né?

E- O que você acha que as pessoas da INSTITUIÇÃO querem de você?

C- Ah! eles querem de mim porque é... eles gosta mais de mim, mais de mim, eu

não gosto de encrencá briga.

E- O que eles esperam que você seja?

C- Seja um bom menino.

E- O que é ser um bom menino?

C- Ser educado, é... aprender mais, fazer um punhado de coisas lá assim...

E- E a sociedade, o que ela quer de você?

C- A sociedade, eu não sei não.

E- O que você pensa do futuro?

C- Ah! eu espero no meu futuro muitas coisas.

E- O que?

C- É... A coisa que eu mais gosto é rodeio, é viajar lugar assim.

E- Mas o que você quer que aconteça no seu futuro? O que você espera dele?

C- Ah! eu quero ser um vaqueiro, um... um... como é que é o nome? Quero trabalhar

em fazenda, cuidar do gado, um tanto de coisa lá.

E- Você espera um futuro dentro ou fora da INSTITUIÇÃO?

C- Fora da INSTITUIÇÃO também e dentro.

E- dentro até quando?

C- Até quando eu enterar meus dezoito anos.

E- E aí o que você espera fazer?

C- Ah! depois eu espero... vou fazer muitas coisas.

E- Que coisas?

C- Ah! trabalhar, cuidar do meu... juntar meu dinheirinho.

E- E fazer o que com ele?

C- Ah! comprar, quero juntar meu dinheiro muito, vou comprar uma fazenda, comprar um carro, ajudar as pessoas...

E- Que pessoas?

C- As pessoas mais pobres do que eu. Eu também era pobre mas agora não sou

não.

E- Você não é pobre?

C- Eu sou pobre até hoje. Quer dizer, é porque eu quero ajudar as pessoas também.

E- C. deixa uma lembrança aqui para mim. Fala alguma coisa, canta, recita, o que

você quiser.

C- Deixa euvê. Eu esqueci o nome. Eu vou radiar o rodeio, posso?

E- Pode.

C- "Alô, alô, moçada muito aqui e da arquibancada

Pode abrir a porta da...

Segura... Dr C.

Vem ele, o grande vaqueiro da cidade de Uberlândia

Domingo, a maior festa do Circuito Nacional de Rodeio...

Menina de cela, vamo abrir a porteira,

Menina bonita venha agora pro Circuito Nacional de Rodeio

Vai ver qualquer coisa que você quiser, gelo...

Qualquer festa do Circuito Nacional de Rodeio

Vem o grande touro, o touro Jacarezinho

Grande peão boiadeiro, é ele Leonardo

Vem o Leonardo, montou em cima do touro

Abre a porteira, seguuura peão."

E- Nossa! que legal. Obrigada pela lembrança.